

O TRAUMA DO NASCIMENTO

por Otto Rank

Das Trauma der Geburt, 1924;

Tradução para o inglês 1929

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO DOVER (1993, esgotado)

por E. James Lieberman

Um dos livros mais notáveis da história da psicologia, O Trauma do Nascimento marcou o início do fim da relação entre Sigmund Freud e seu discípulo favorito, Otto Rank. Rank dedicou a obra a seu mentor, "o explorador do inconsciente, criador da psicanálise". Freud, grato e cortês, elogiou-o como o maior avanço desde a descoberta da psicanálise. Mas ele só tinha lido a primeira parte. (1)

Das Trauma der Geburt foi publicado em 1924, ano em que Otto Rank completou quarenta anos e fez sua primeira visita aos Estados Unidos. Assim, Rank trouxe suas novas ideias para a América, em inglês, assim que o livro apareceu em alemão. Em Nova York, Rank foi aclamado como emissário de Freud, um homem brilhante que - ao contrário de Alfred Adler e Carl Jung - podia expressar ideias originais enquanto permanecia fiel a seu mentor. Rank tornou-se membro honorário da American Psychoanalytic Association; profissionais e leigos o procuravam para uma terapia breve. Claro que havia alguns, como o influente psiquiatra A. A. Brill, que eram ciumentos ou desconfiados. Quando ele e os rivais de Rank na Europa despertaram a ansiedade de Freud sobre o desvio de Rank do caminho estreito da ortodoxia psicanalítica, Freud retirou seu apoio às novas ideias.

Rank, 28 anos mais jovem que Freud, procurara seu mentor em 1905, bem a tempo de ajudar a iniciar o movimento psicanalítico como secretário da Sociedade Psicanalítica de Viena. Um modesto estipêndio permitiu que ele concluísse o doutorado na Universidade de Viena em 1912. A essa altura Alfred Adler havia sido expulso do movimento e Carl Jung estava prestes a partir. A carreira de Rank foi totalmente diferente: claramente o favorito de Freud, ele se tornou o esteio do círculo interno de Freud - o Comitê, ou "Anel".

Então veio este livro, apenas um ano depois de *The Development of Psychoanalysis*, com coautoria de Sandor Ferenczi e Rank: ambos tratavam de uma abordagem mais ativa da terapia e ambos tinham o imprimatur de Freud até que a polêmica os cercou. Os dois livros causaram uma cisão no Comitê que Freud não conseguiu sanar. Pressionado pelos rivais de Rank, ele desafiou seu protegido em cartas para Nova York. Rank, consternado e furioso, contra-atacou com força, mas em seu retorno a Viena reconciliou-se com Freud e o Anel por tempo suficiente para preparar uma mudança para Paris. A partir daí, a partir de 1926, Rank visitou os Estados Unidos quase todos os anos até finalmente se estabelecer lá em 1934. Cinco anos depois ele morreu, aos 55 anos, um mês após o falecimento de Freud em Londres.

O *Trauma do Nascimento* foi elogiado, criticado, mal compreendido e, por fim, ignorado após a ruptura de Rank com a análise ortodoxa. Rico em ideias cujo tempo ainda não havia chegado, o livro trouxe uma refutação de Freud em *Inhibition, Symptom and Anxiety* (1926), que incluiu uma revisão importante da teoria da ansiedade de Freud. Infelizmente, outros escritores pegaram partes da tese de Rank e a simplificaram ou distorceram. Uma reimpressão recente da versão original em alemão inclui uma introdução moderna que praticamente ignora o texto, mas relaciona com entusiasmo Rank ao parto natural (F. Leboyer), terapia do grito primária (Arthur Janov), drogas que alteram a mente (S. Grof) e experiência intrauterina. (2)

Interpretações errôneas da teoria do trauma do nascimento começaram logo após seu aparecimento. Em 1928, a respeitada psiquiatra Marion Kenworthy, estendendo a teoria de Rank à obstetria, disse que a criança nascida de cesariana "tende a ser menos sensibilizada - chora menos, fica bem menos irritada com os contatos de manipulação, etc., - do que a criança entregue através do canal de parto." Ela alertou sobre "um profundo choque nervoso e emocional, concomitante a todas as experiências difíceis de parto", exortando os obstetras a manterem as mulheres grávidas com dietas para ter bebês menores que seriam capazes de passar pelo canal do parto com menos trauma! (3) Um escritor recente afirma, com desdém (mas incorretamente), "Rankians propôs que todas as crianças nascessem por cesariana para eliminar o trauma do nascimento". (4)

Rank é responsável por parte da confusão, já que fala de traumas de nascimento cada vez menos graves. Ele estava ansioso demais para apresentar um argumento biológico forte, talvez porque não tivesse um diploma de médico para sustentar sua autoridade. Mas seu ponto básico é psicológico: a expulsão do estado intrauterino bem-aventurado - separação da mãe - é inevitavelmente traumática. A cesariana não pode impedir isso. Além disso, esse trauma é o protótipo de todas as crises de ansiedade: desmame, caminhar, o conflito edípico, querer e escolher qualquer coisa importante - ou seja, viver criativamente - e, finalmente, morrer.

O *Trauma do Nascimento* apresenta uma série de idéias inter-relacionadas que são cruciais para todo o trabalho subsequente de Rank em teoria e terapia: a fase pré-edípica de desenvolvimento; a importância da mãe; definição final da terapia (seja breve ou de longo prazo); separação; a noção de vontade; e autocriação ou renascimento psicológico. O livro

brilha com joias de insight estabelecidas em sólidas fundações históricas, filosóficas, antropológicas, artísticas e literárias. Leitores leigos que se sentem deslumbrados ou desnorteados por algumas das acrobacias teóricas deveriam se consolar com o fato de que Freud tinha sentimentos semelhantes.

Rank dá a Freud o crédito por várias idéias do livro, notadamente que o nascimento é a ansiedade primordial e que definir o tempo de término na análise pode ser útil. Rank escreveu este livro para elogiar Freud, não para desafiá-lo. A esperança de Rank e a necessidade da aprovação de Freud impediram-no de ver os perigos de saltar para a frente, mais longe do que Freud estava disposto a deixá-lo ir. Talvez essa fé em um mentor seja essencial para um discípulo correr o grande risco criativo. A alternativa - não se importar - é impensável no caso desses dois homens notáveis. Hoje em dia, esquecemos até que ponto a psicologia de Freud era centrada no pai antes de O trauma do nascimento. Rank estava bastante ciente dessa ideologia difundida na ciência e na sociedade: "Foi notado, especialmente nos últimos tempos, que toda a nossa perspectiva mental deu predominância ao ponto de vista do homem e quase totalmente negligenciou o da mulher" (p. 36) Isso diferencia Rank como a primeira feminista do círculo íntimo de Freud. Hoje, é claro, presumimos que a relação mãe-filho é crucial na primeira fase de formação do desenvolvimento, mas então a teoria psicanalítica apresentava um pai forte ameaçando a castração e uma mãe cuja importância era mais erótica do que nutridora.

O trauma do nascimento é seguido por duas separações normais de desenvolvimento: desmame e caminhada. Só mais tarde o drama edipiano se torna central - e então se modifica um pouco. (5) O debate sobre a teoria de Rank grassava em torno desse ponto, uma vez que o complexo de Édipo havia se tornado sinônimo de teoria freudiana e prática clínica. Para Rank, a separação do analista no final do tratamento recriou o trauma do nascimento. Analistas e pacientes confirmaram a observação de Rank de que o término do tratamento trouxe sonhos e emoções fortes repletas de simbolismo do nascimento. E Rank traz Sócrates como parteira para o nascimento do eu por meio do insight (p. 181): o exemplo perfeito de conhecimento que ajuda a experiência. Rank achava que a análise costumava ser ritualizada intelectualmente demais, bloqueando em vez de facilitar a mudança, que depende tanto da experiência quanto do insight.

Como indica o índice, este livro abrange arte, antropologia, religião, filosofia e psicologia, com uma âncora na biologia: Rank escolheu "âncora" para descrever a ansiedade enraizada biologicamente que é o ponto crucial de sua tese (p. 187) . Resumindo: somos expulsos violentamente da bem-aventurança uterina, ameaçados de asfixia ao longo do caminho. Nossas vidas são dedicadas a encontrar essa felicidade novamente, adaptando o mundo-mãe a nós mesmos ou vice-versa. Reprimimos o trauma do nascimento e a memória pré-natal da bem-aventurança, mas representamos ambos em todos os aspectos da vida e da morte. Estamos ancorados à vida em grande parte pela ansiedade (literalmente) de tirar o fôlego que impede a regressão a um estado de inconsciência fetal, por um lado, ou o suicídio, por outro. A vida é difícil, e os períodos anteriores e posteriores são infinitamente melhores (não a epígrafe de Nietzschean), mas estamos presos em nosso status humano, meio animal, meio divino.

Estamos presos e a ansiedade nos impede de simplesmente sair. Dito isso, Rank nos leva em grandes saltos de era em era e de cultura em cultura, do berço ao caixão, da Esfinge ao Éden ao Gólgota. Ele é um intérprete virtuoso de “todo o desenvolvimento da humanidade, até mesmo do fato real de se tornar humano” (p. Xvii).

Rank cita muitos autores, incluindo alguns que Freud veria com desconfiança, como Stekel, Jung, Adler e Tausk. Rank encontra falhas em Jung e Adler, e sempre elogia Freud, mas com o elogio vem uma análise audaciosa. Rank credits a Josef Breuer a descoberta da psicanálise, assim como Freud (p. 183); Rank elogia a diligência de Freud no caminho difícil e culpa aqueles que desertaram, mas também critica aqueles freudianos que "interpretaram os ensinamentos do mestre muito literalmente" (p. 184): isso deve ter irritado seus rivais conservadores no Comitê, e mostra como confiante de que estava a favor de seu mentor. Rank então retoma a separação de Freud e Breuer, “a separação do aluno de seu mestre” (p. 186), uma brilhante peça de análise, involuntariamente profética do que estava para acontecer em sua própria vida. O rompimento de Freud com Breuer ocorreu quando o jovem tinha 40 anos! (6)

Será que Rank não conseguiu ver o paralelo na situação atual? Assim como um músico virtuoso pode perder notas em uma performance brilhante, Otto Rank exagera de vez em quando, ou perde algo aparente para quem está de fora. Rank sobreviveu aos rompimentos de Freud com Adler, Stekel, Jung e Tausk e sabia sobre Breuer e Fliess. Mas Rank também sabia que era único na história turbulenta de Freud nas relações colegiais; ele esperava poder abrir as asas e ainda assim retornar ao ninho. Ele estava errado, e os dois homens ficaram profundamente magoados com a quebra.

Rank provavelmente poderia ter permanecido sob as asas de Freud cedendo, mas não quis ou não pôde. Quanto ao Trauma do Nascimento, Rank admitiu “algumas das críticas são justas”, mas defendeu sua posição geral e refutou os argumentos de Freud com vigor. (7)

Freud acreditava que o analisando apresenta um bebê ao analista no final da terapia. Este livro, um presente de aniversário para Freud, era o bebê de Rank. Freud não gostou mais do que Laio gostou do filho de Jocasta. Encontro aqui uma metáfora edipiana irônica: o bebê não podia morar na casa de Freud; Rank não iria matá-lo, então ele teve que sair.

O bebê, como Édipo, matou o pai? Dificilmente: a análise freudiana floresceu, especialmente nos Estados Unidos, lar adotivo de Rank. O livro não foi traduzido para o inglês até 1929, sem a dedicatória original. Em 1930, A. A. Brill denunciou Rank como doente mental e o expulsou da American Psychoanalytic Association. Pior ainda, os analisandos de Rank que queriam ser membros da American ou da International Psychoanalytic Association tiveram que ser reanalisados por um freudiano ortodoxo!

Essa reimpressão aparece em meio a um renascimento rankiano e em uma época em que a terapia breve se tornou parte da corrente dominante. Otto Rank é o pai fundador da terapia breve, e até mesmo psicanalistas ortodoxos estão descobrindo tardiamente as contribuições indispensáveis desse homem para o empreendimento freudiano. Depois de mais de meio século, espero que este livro junte-se novamente às obras de Freud e Ferenczi em sua busca atemporal pela compreensão da psique humana e da sociedade.

--E. JAMES LIEBERMAN

1. Freud a Ferenczi, 24 de março de 1924. Ver Lieberman, E.J., *Atos de Vontade: A Vida e a Obra de Otto Rank*. Nova York: Free Press, 1985 (edição de bolso. Univ. Massachusetts Press 1993), pp. 219 e segs.

2. *Das Trauma der Geburt und seine Bedeutung für die Psychoanalyse*. von Peter Orban. Frankfurt: Fischer, 1988.

3. Kenworthy, M. "The Pre-natal and Early Post-Christmas Phenomena of Conscious". In *The Unconscious: A Symposium*, Intro. Ethel S. Dummer. Freeport, NY: Books for Libraries Press, 1966 (Knopf, 1928), pp. 178-200.

4. Feher, Leslie. *A psicologia do nascimento*. York: Continuum, p. 14

5. Lieberman, E.J. "Por que Édipo amava seu pai", em *The Harvard Mental Health Letter*,: 12 (junho) 1991.

6. Rank retorna ao conflito Freud-Breuer em *Seelenglaube und Psychologie* (1930); *Atos de Vontade*, p. 323.

7. Rank, O. *Autobiografia Literária* (1930). No *Journal of the Otto Rank Association* (30): 3-38, 1981. Ver também sua revisão de Freud's *Hemmung, Symptom und Angst* in *Mental Hygiene*: 176-188, 1927, também em *JORA*, 2 (7): 34-50, 1969, traduzido de *Genetische Psychologie*, Teil I (1927), 24-40.

Há uma velha história de que o rei Midas havia caçado o sábio Silenus, o companheiro de Dionísio, por um longo tempo na floresta sem pegá-lo. Mas quando finalmente caiu em suas mãos, o Rei perguntou: "Qual é a coisa melhor e mais preferível para o Homem?" O demônio permaneceu em silêncio, teimoso e imóvel; até que foi finalmente compelido pelo Rei, e então irrompeu em gargalhadas estridentes, proferindo estas palavras: "Espécies miseráveis e efêmeras, filhos do acaso e das adversidades, por que me obrigas a dizer-lhes o que é mais proveitoso para vocês não contar ouvir? O melhor é totalmente inatingível para você: é não nascer, não existir, ser Nada. Mas a segunda melhor opção para você é morrer logo. "

Nietzsche: O nascimento da tragédia.

CONTEÚDO

página

Prefácio xi

A situação analítica 1

Ansiedade Infantil 11

Gratificação Sexual 30

Reprodução Neurótica 46

Adaptação Simbólica 74

Compensação Heroica 106

Sublimação Religiosa 117

Idealização Artística 141

Especulação Filosófica 167

Conhecimento psicanalítico 183

O Aspecto Terapêutico 200

Índice 218

ILUSTRAÇÕES DE TEXTO

Página

Ixion na roda. (Foto tirada de um vaso em Berlim). 134

Tântalo. (Em um sarcófago). . . 135

Lukas Cranach. Crucificação. . . 139

Lukas Cranach. Crucificação (1502). . 140

Esfinge. (Alívio de terracota de Tenos). . 145

O Deus Sol na Flor de Lótus (Berlim). 153

Os Cavaleiros vindos da cidade de Tróia. . . (Foto de um arremessador de Tragliatella) 154

Prometeu torturado por uma águia. (Pedra no Museu Britânico) 156

PREFÁCIO

Os argumentos a seguir indicam uma primeira tentativa de aplicar o pensamento psicanalítico, como tal, à compreensão de todo o desenvolvimento da humanidade, até mesmo do fato real de tornar-se humano. Seria mais correto não usar a palavra “aplicar”, pois não se trata de uma das obras usuais sobre a “Aplicação da Psicanálise às Ciências Mentais”; antes, é uma questão de tornar o pensamento psicanalítico produtivo para toda a nossa concepção da humanidade e da história. Isso finalmente representa a história da mente, isto é, a história do desenvolvimento da mente humana e das coisas criadas por ela.

Este ponto de vista particular, ainda muito novo para ser compreendido com clareza, torna-se acessível a nós através da Psicanálise em razão da extensão prodigiosa de nossa consciência, que atualmente nos permite reconhecer parte do Inconsciente mais profundo como tal, e compreender seu modo de operação. Como o conhecimento científico em si não é mais do que uma compreensão consciente de fatos previamente latentes, é lógico que cada partícula da extensão de nossa consciência, adquirida pela análise, deve ser convertida em compreensão. Agora é mostrado em um ponto bem definido do conhecimento psicanalítico, que logo caracterizaremos mais definitivamente, que há também uma parte considerável do desenvolvimento orgânico ou biológico que só pode ser compreendido do lado psíquico; isto é, do lado que, junto com todo o resíduo do desenvolvimento, inclui também nosso próprio instrumento de conhecimento, que de repente se tornou definitivamente mais eficiente por meio de nosso conhecimento progressivo do Inconsciente.

Tomamos certas novas experiências psicanalíticas individuais apenas como um ponto de partida para uma visão mais abrangente e para um conhecimento geral; mas acreditamos que, ao fazê-lo, abrimos o caminho para algo essencialmente diferente da “aplicação” até então prevalecente da psicanálise. Assim, também enfatizamos o fato de que queremos nos manter livres de uma superestimação da doutrina psicanalítica do Inconsciente aplicada à terapia, sem com isso nos afastarmos do modo de pensar psicanalítico. Mas, ao mesmo tempo, estendemos essa linha de pensamento em ambas as direções. Não é por acaso que a Psicanálise, assim que começou a se desenvolver de um procedimento terapêutico em uma doutrina do Inconsciente, desviando-se quase simultaneamente de seu campo médico original, invadiu e enriqueceu quase todas as ciências mentais e, finalmente, a si mesma. tornou-se um dos mais importantes movimentos mentais da atualidade. O paciente psíquico, de cujo material e por cuja ajuda a Psicanálise foi descoberta e desenvolvida, sempre permanecerá a fonte nativa para futuras investigações e extensão da doutrina. No entanto, essa origem não tem mais importância hoje do que, por exemplo, o país de onde Colombo partiu, e que forneceu ao ousado explorador os meios práticos para sua viagem.

Tentamos, em primeiro lugar, esboçar nas páginas seguintes uma parte do desenvolvimento posterior da própria psicanálise, uma vez que procedeu da aplicação consistente do método criado por Freud e da doutrina baseada no método. Então, partindo dessa base, procuramos obter um conhecimento geral e mais amplo por meio de uma compreensão direta do Inconsciente. Quem está familiarizado com o curso particular da investigação psicanalítica não ficará surpreso ao descobrir que, começando tanto em geral como em casos individuais das camadas superiores da consciência, e penetrando cada vez mais em suas profundezas ocultas, este método finalmente atinge um ponto em que encontra sua limitação natural, mas também seu fundamento. Após um exame minucioso do Inconsciente, seu conteúdo psíquico e complicado mecanismo de conversão em consciente, pela análise de pessoas anormais e normais, nos deparamos com a origem final do inconsciente psíquico no psicofísico, que agora também podemos tornar biologicamente compreensíveis. Na tentativa de reconstruir, pela primeira vez, a partir de experiências analíticas, o trauma do nascimento puramente físico de todas as aparências, com suas consequências psíquicas prodigiosas para todo o desenvolvimento da humanidade, somos levados a reconhecer no trauma do nascimento a base biológica última do psíquico. Desse modo, obtemos um insight fundamental do núcleo do Inconsciente sobre o qual Freud construiu, que pode alegar ser abrangente e científico. Nesse sentido, os seguintes argumentos só são possíveis e inteligíveis com base em todo o corpo de conhecimentos adquiridos psicanaliticamente, sobre a construção e o funcionamento de nosso próprio instrumento psíquico.

Se assim se tornou possível dar uma base biológica ao Inconsciente, ou seja, ao próprio psíquico, descoberto e investigado por Freud, então um segundo propósito deste trabalho é arranjar sinteticamente, em sua ampla conexão com a mecânica do Inconsciente assim fundado, todo o desenvolvimento psíquico do homem como demonstrado a partir da importância analiticamente reconhecida do trauma do nascimento e nas tentativas continuamente recorrentes de superá-lo. Notamos, além disso, com espanto como, sem compulsão, conseguimos ligar a camada biológica mais profunda do Inconsciente ao conteúdo manifesto mais elevado das produções mentais da humanidade. Desta forma, o fundamento e o princípio correspondem e se complementam harmoniosamente, ou como o próprio Freud o expressa em sua última obra: "O que pertencia às profundezas da vida psíquica individual torna-se o mais elevado na psique humana no sentido da nossa valorização, através da formação de um ideal." ¹

1 The Ego and the Id, 1923.

Enquanto tentamos nas páginas seguintes traçar o mecanismo desta "formação ideal" no desenvolvimento do homem até sua base biológica, reconhecemos através de todas as complicadas transformações do Inconsciente - que a Psicanálise primeiro nos ensinou a entender - como o mais profundo o conteúdo biológico, em última análise, quase inalterado, embora indiscernível apenas por meio de nossa própria repressão interior, ainda permanece tangível como forma manifesta mesmo nas mais altas realizações intelectuais. É aparente nisso uma lei psicobiológica normal e universalmente válida, cujo significado total não deve ser estimado nem exaurido dentro do compasso dos argumentos que delineamos aqui. Mas o objetivo principal deste trabalho é chamar a atenção para essa lei de base biológica da forma que determina o conteúdo e, aqui e ali, sugerir à imaginação, em vez de querer resolver, os problemas mais amplos que surgem por trás. Mas, para poder expor todo o problema e arriscar pelo menos os primeiros passos para a sua solução, isso devemos ao instrumento de investigação e à forma de pensar que Freud nos deu na psicanálise.

O TRAUMA DO NASCIMENTO

A SITUAÇÃO ANALÍTICA

Como preliminar à minha tarefa de prosseguir um pouco mais a investigação do Inconsciente a partir de minhas experiências e observações psicanalíticas, gostaria de me referir a um princípio fundamental que até agora tem guiado a investigação psicanalítica. Freud observou ocasionalmente que a psicanálise foi realmente inventada pelo primeiro paciente a quem Breuer tratou no ano de 1881, e cujo caso (Anna O-) foi publicado muitos anos depois (1895) no *Studien über Hysterie*. A jovem, que só entendia inglês em seus estados de nervosismo, chamou os calmantes discursos hipnóticos de seu médico de cura pela fala ou, brincando, referiu-se a eles como limpeza de chaminés. E nos anos posteriores, quando a hostilidade foi mostrada às experiências e resultados psicanalíticos por conta de sua surpreendente novidade, e eles foram criticados como sendo produções da imaginação pervertida do autor, Freud costumava erguer contra essas objeções estúpidas o argumento de que nenhum cérebro humano iria ser capaz de inventar tais fatos e conexões, se não tivessem sido persistentemente forçados por uma série de observações semelhantes. Nesse sentido, portanto, pode-se dizer que não apenas a ideia básica da Psicanálise, mas também seu desenvolvimento posterior se deve em grande parte aos pacientes cujos valiosos esforços forneceram uma acumulação de material que, embora fragmentário em caráter e desigual em valor, acabou se condensando. por meio do poder de observação de Freud em noções gerais, princípios e leis.

Somente neste caminho de investigação, ao longo do qual a psicanálise tem caminhado passo a passo, lutando contra todos os tipos de resistências, pode a afirmação de Freud, de que o paciente de alguma forma está realmente sempre certo, embora ele mesmo não saiba como e por que, pode ser totalmente avaliada. Mas o analista deve mostrar isso revelando conexões que foram reprimidas, preenchendo memórias anteriormente esquecidas e revelando o “sentido” da doença e de seus sintomas. Também psicologicamente o paciente tem razão, porque o Inconsciente - embora por meio de distorção patológica - fala por meio dele como o falava anteriormente pela boca de gênios, profetas, fundadores de religiões, artistas, filósofos e descobridores. Pois não só o conhecimento psicológico que se baseia na intuição é um passo para a compreensão e compreensão do Inconsciente, mas a própria capacidade de reconhecimento pressupõe, em certa medida, um afastamento e superação do recalque, por trás do qual podemos “revelar” as coisas procurado. O valor científico das psicanálises aplicadas aos outros reside no fato de que nos permitem, muitas vezes com grande esforço, remover as repressões dos outros que não podemos detectar em nós mesmos; e assim obtemos uma visão de novos campos do Inconsciente. Se agora me refiro ao método objetivo de investigação da Psicanálise, é porque, sob a abundância de impressões surpreendentes do mesmo tipo, fui forçado a concluir que o Inconsciente está mais uma vez bem no ponto em que até então ousávamos segui-lo apenas com hesitação e incredulidade.

Em uma série de análises, a maioria das quais foram realizadas com sucesso, notei que na fase final da análise o processo de cura era bastante regularmente representado pelo Inconsciente no simbolismo típico do nascimento, que em grande parte já é conhecido por nós. Também tentei, em um trabalho até então não publicado (escrito no inverno de 1921-22), intitulado *Zum Verständnis der Libidoentwicklung im Heilungsvorgang* ("Sobre a compreensão do desenvolvimento da libido no processo de cura". Ver *Internat. Zschr. Für Psychoanalyse*, ix., 4, 1923.), para mostrar a importância teórica desses fatos surpreendentes em conexão com outras características do processo de cura (por exemplo, a identificação com o analista, etc.). Mencionei lá que é obviamente uma questão da conhecida fantasia de renascimento, na qual o desejo de recuperação do paciente expressa sua realização. Da mesma forma, os pacientes frequentemente falam, em sua convalescença, de se sentirem "recém-nascidos". Destaco também a parte inconfundível do trabalho de sublimação, que reside no fato de o paciente agora poder renunciar à fixação da libido infantil, expressa no complexo de Édipo, em favor da análise. Ele o faz, finalmente, renunciando à fantasia do bebê, que ele - como mãe - deseja apresentar ao pai, e considerando-se o filho recém-nascido (espiritual) (do analista).

Apesar desta concepção, regularmente emergindo do material analítico que mencionei brevemente, e que sem dúvida parece justificado dentro dos limites do processo de cura, fui atingido por um lado pelo caráter infantil da "fantasia de renascimento,"E, por outro lado, por seu caráter "anagógico", que tem sido valorizado em excesso por Jung ao negligenciar suas tendências libidinais e, portanto, tem sido teoricamente enganoso.

A existência de tais ideias nunca foi negada (1 Cf. Freud, "History of an Infantile Neurosis", *Collected Papers*, vol. Iii., P. 583 ff., E a discussão aí envolvida que continuamos e tentamos resolver em o último capítulo, exceto um.); o que me intrigou foi que faltava a verdadeira base de pensamentos desse tipo.

Então, deixei o assunto, até que um dia, em um caso especialmente óbvio, ficou claro para mim que a resistência mais forte ao rompimento da transferência da libido no final da análise é expressa na forma da mais precoce fixação infantil no mãe. Em numerosos sonhos pertencentes a esta fase final, o fato finalmente inegável nos impôs repetidamente que a fixação na mãe, que parece estar no fundo da fixação analítica (transferência), inclui a primeira relação fisiológica com o útero da mãe. Isso tornou a regularidade da fantasia de renascimento inteligível e sua realidade subjacente analiticamente compreensível. A "fantasia de renascimento" do paciente é simplesmente uma repetição na análise de seu próprio

nascimento. A libertação da libido de seu objeto, o analista, parece corresponder a uma reprodução exata da primeira separação do primeiro objeto da libido, a saber, do filho recém-nascido da mãe.

Uma vez que os pacientes, independentemente do sexo, e não influenciados pelo analista (que ele próprio ignorava o fato), pareciam criar esta situação terminal com bastante regularidade, tornou-se claro que se tratava de uma questão de importância fundamental, e que aqui novamente se teria ter a coragem de seguir o caminho do Inconsciente e levá-lo a sério. Prova-se, então, sem dúvida, que a parte essencial do trabalho de análise, a resolução e a libertação da libido “neuroticamente” fixada no analista, não é realmente nem mais nem menos do que permitir que o paciente repita com melhor sucesso no análise da separação da mãe. Mas isso não deve ser interpretado metaforicamente de forma alguma - nem mesmo no sentido psicológico. Pois na situação analítica o paciente repete, biologicamente, por assim dizer, o período de gravidez, e na conclusão da análise - isto é, a resseparação do objeto substituto - ele repete seu próprio nascimento na maior parte com bastante fidelidade em todos os seus detalhes. A análise finalmente acaba sendo uma realização tardia do domínio incompleto do trauma do nascimento. Essa conclusão, a que fui forçado por uma massa de material heterogêneo, mas especialmente por sonhos que serão publicados em uma conexão mais ampla, imediatamente suscitou em mim certas objeções às quais apenas aludirei, uma vez que logo foram removidas por experiências posteriores. É possível, refleti, que devido à minha individualidade, ou devido a uma aplicação especial da técnica que, segundo o método freudiano clássico, comece, embora certamente não termine, com a desintegração de “complexos” - é possível, no entanto, que eu possa estar conduzindo o Ego do paciente para posições anteriores e ainda anteriores da libido, ¹ de modo que, finalmente, não seria surpreendente se, no estágio terminal da análise, o último vôo da libido fosse a fase intrauterina. Pode-se até sustentar que esse seria o resultado final no caso de análises muito prolongadas. Por outro lado, gostaria de enfatizar que, antes de mais nada, não se trata de um mero fenômeno de regressão, no sentido da “fantasia-ventre” que todos nós conhecemos, há muito considerada pela Psicanálise como sendo uma fantasia primitiva típica. Mas é uma questão de reproduções muito mais substanciais sob a influência de uma verdadeira compulsão à repetição. Além disso, minhas análises, tanto quanto eu sei, são algumas das mais curtas em duração, durando de quatro a oito meses no máximo.

¹ Ferenczi aceitou uma suposição semelhante para o processo de desintegração na paralisia progressiva. Hollos-Ferenczi, *Psychoanalysis and the Psychic Disorders of General Paresis*.

Mas esse e outros pensamentos de tipo semelhante, que me ocorreram no início, logo desapareceram sob a seguinte impressão avassaladora. Ao focalizar a atenção analiticamente

nesses fatos, percebeu-se que as pessoas, teórica e terapeuticamente totalmente não influenciadas, apresentavam desde o início do seu tratamento a mesma tendência de identificar a situação analítica com o estado intra-uterino. Em alguns casos, iniciados ao mesmo tempo, mas diferindo completamente em tipo e caráter de neurose, os pacientes de ambos os sexos identificaram o analista com a mãe desde o início de uma maneira muito decidida, e em seus sonhos e reações eles se colocaram de volta novamente na posição do nascituro.¹ Conseqüentemente, a real libido de transferência, que temos de resolver analiticamente em ambos os sexos, é a libido da mãe, tal como existia na conexão fisiológica pré-natal entre mãe e filho.

Quando a pessoa se acostuma mais com essa concepção, quase parece como se sempre tivesse trabalhado tacitamente, ou melhor, inconscientemente, com ela em vista; mas, ao mesmo tempo, percebe-se com espanto o quanto vai apoiá-lo, quantos problemas sombrios e enigmáticos na análise, e especialmente no processo de cura, desaparecem de um golpe assim que se é capaz de compreender o significado completo e o fundamental importância deste fato.

1 Também publicarei a prova disso exatamente como veio sob minha observação, em um trabalho *On the Technique of Dream Interpretation in Psychoanalyses* (já publicado em parte no primeiro volume de *The Technique of Psychoanalysis*).

Acima de tudo, a situação analítica, que historicamente se desenvolveu a partir do estado hipnótico, ¹ parece desafiar uma comparação direta entre o Inconsciente e o estado primitivo. Considere apenas a posição de descanso em uma sala semi-escura, o estado onírico de fantasia (alucinações) quase livre de qualquer uma das reivindicações da realidade, a presença e ao mesmo tempo a incerteza do objeto da libido, e assim por diante. Essa concepção inconsciente da situação analítica explica por que o paciente, em suas associações, que inconscientemente têm em vista a situação materna primitiva, é capaz de voltar espontaneamente à sua infância e, assim, levar o analista a reconhecer a importância do material infantil e infantil. impressões. Além disso, as associações conscientemente dirigidas correspondem a uma abordagem assintótica daquela atitude primária de transferência na qual o paciente inconscientemente se coloca desde o início.

1 O sono hipnótico, como todas as condições semelhantes nos sonhos de renascimento, aparece como um elemento típico do estado intrauterino; pode-se supor que a própria essência da hipnose, a capacidade de ser hipnotizado, volta à relação primária da criança com a mãe. Além disso, Paul Bjerre expressou um pensamento semelhante há muitos anos (Das Wesen der Hypnose).

O aumento da capacidade de memória, especialmente para impressões esquecidas (reprimidas) da infância, ocorridas na análise, deve, portanto, ser explicado (como o fenômeno semelhante na hipnose) pela tendência do Inconsciente, incentivado pela sugestão do médico (transferência), para reproduzir a situação real, isto é, a primária, como acontece automaticamente, por exemplo, no estado igualmente hipermnésico do sonho, de certas condições neuróticas (consciência dupla) ou de formações psicóticas regressivas (as chamadas "arcaicas pensamentos"). Nesse sentido, todas as memórias da infância devem, em certa medida, ser consideradas "memórias-encobrimento"; e toda a capacidade de reprodução em geral seria devido ao fato de que a "cena primária" nunca pode ser lembrada, porque a mais dolorosa de todas as "memórias", ou seja, o trauma do nascimento, está ligada a ela por "associação". As descobertas quase incríveis da técnica das "associações livres" receberam assim sua base biológica. Mas não vamos ceder à tentação de atacar todo o problema psicofísico da memória a partir deste ponto arquimediano, a partir do qual todo o processo de repressão começa, e que é analiticamente fácil de desfazer.¹ Só se pode avançar a suposição de que o primordial a repressão do trauma do nascimento pode ser considerada como a causa da memória em geral - isto é, da capacidade parcial de lembrar. Assim, o fato de que as memórias destacadas permanecem com alguém como se especialmente escolhidas mostra, por um lado, que foram absorvidas pela repressão primária e, por outro lado, que serão reproduzidas² mais tarde como um substituto para o realmente reprimido, o trauma primário.

1 Veja o último capítulo.

2 Levar-nos-ia longe demais insistir nesse importante tema em detalhes. No caso de uma paciente com uma memória fenomenal, foi analiticamente fácil estabelecer que toda a sua habilidade repousava na repressão intensa de um trauma de nascimento grave. Todo o seu mecanismo de associação foi construído em numerosas datas de nascimento, obtidas de parentes, conhecidos e pessoas históricas. A partir daí, uma nova luz incidiu sobre a análise problemática da ocorrência de números, em que quase sempre as datas de nascimento aparecem como centros de associação. Veja também outras observações abaixo quanto ao tempo.

É, portanto, bastante natural que a resistência analítica ao abandono desta fase do vínculo com a mãe, uma vez realmente experimentada, deva dizer respeito ao pai (substituto), que realmente iniciou a separação primária da mãe e assim se tornou o primeiro e duradouro inimigo. A tarefa, então, do analista, que no decorrer do tratamento representa os dois objetos da libido infantil, é cortar essa fixação primária na mãe, tarefa que o paciente não conseguia realizar sozinho. O analista também deve lidar com a libido assim liberada e torná-la capaz de ser posteriormente transferida para a imagem do pai ou da mãe, de acordo com o sexo do paciente. Quando o analista consegue superar a resistência primordial, ou seja, a fixação da mãe, em relação à sua própria pessoa na relação de transferência, então um termo definido é fixado para a análise, dentro do qual o paciente repete automaticamente a nova separação da mãe figura (substituta), na forma de reprodução de seu próprio nascimento. Assim, a pergunta frequente sobre quando uma análise está no fim parece, neste sentido, ser respondida. Um período de tempo definido para o término deste processo (ou seja, nascimento) é naturalmente necessário e mantém sua explicação biológica e justificativa a partir da seguinte concepção - a saber, que a análise deve possibilitar que o paciente, posteriormente, supere o nascimento trauma pela fixação de um limite de tempo correspondente, que deste ponto de vista terapêutico pode, em grande medida, ser regulado. 1 Naturalmente, o paciente mostra constantemente a tendência por trás de todas as suas resistências para prolongar indefinidamente a situação analítica que lhe rende tamanha satisfação. E desde o início essa tendência deve se tornar o objeto de análise.

1 Cfr. minha explicação no trabalho conjunto com Ferenczi, *Development of Psychoanalysis*.

2 É bem conhecido a frequência com que a duração da gravidez (sete a dez meses) é preferida, mas isso se refere não apenas à fantasia familiar da gravidez (filho pelo pai), mas na camada mais profunda se refere ao próprio nascimento.

Cf. também as conhecidas curas de Dejdrine, que trata seus pacientes como prisioneiros; os tranca em uma sala escura de todos, e tem sua comida trazida até eles por uma abertura; depois de um certo tempo, eles ficam felizes por serem dispensados desta masmorra.

Isso também ocorre de maneira bastante automática, por meio de uma estrita observância da regra freudiana, que prescreve que o paciente deve ser atendido diariamente, no mesmo

horário e por uma hora inteira. Cada uma dessas horas representa para o Inconsciente do paciente uma análise em miniatura com a fixação renovada e resolução gradual, que, como se sabe, 1 os pacientes muitas vezes não gostam muito no início. Eles já consideram a rejeição diária no sentido de libertação da mãe como uma terapia muito ativa, enquanto, por outro lado, a inclinação geral para fugir do analista deve ser explicada como a tendência para uma repetição direta demais do trauma do nascimento, que é exatamente o que a análise deve substituir por um desligamento gradual.

1 Muitos deles não podem esperar até que o analista os mande embora, mas desejam decidir por si mesmos, e muitas vezes olham para o tempo; outros - ou mesmo os mesmos - querem apertar a mão na hora de partir, etc. o sintoma passageiro descrito por Ferenczi, "Schwindelempfindung am Schluss der Analysenstunde" (Zschr.,1914) ("Sensação de Tontura ao Final da Hora da Análise"), onde o paciente reage ao trauma psíquico da separação repentina com uma perturbação análoga de seu equilíbrio, como um sintoma histérico.

ANSIEDADE INFANTIL

A conclusão imediata que pode ser deduzida dessas experiências analíticas e do significado que elas têm para nós é que o Inconsciente do paciente usa o processo analítico de cura para repetir o trauma do nascimento e, assim, parcialmente abreagi-lo. Mas antes que possamos entender como o trauma do nascimento pode ser expresso em tantos sintomas neuróticos, devemos primeiro rastrear seu efeito humano geral no desenvolvimento do indivíduo normal, particularmente na infância. Devemos tomar como princípio orientador a afirmação de Freud de que toda ansiedade remonta originalmente à ansiedade no nascimento (dispnéia).

Se olharmos para o desenvolvimento psíquico da criança deste ponto de vista, pode-se dizer que o ser humano precisa de muitos anos - ou seja, toda a sua infância - para superar esse primeiro trauma intenso de uma forma aproximadamente normal. Toda criança tem ansiedade e, do ponto de vista do adulto médio saudável, pode-se, com certa justificativa, designar a infância dos indivíduos como sua neurose normal. Só isso pode continuar na vida adulta no caso de certos indivíduos, os neuróticos, que portanto permanecem infantis ou são chamados de infantis.

Em vez de numerosos exemplos com o mesmo mecanismo simples, investiguemos o caso típico de ansiedade infantil que ocorre quando a criança é deixada sozinha em um quarto escuro (geralmente o quarto na hora de dormir). Esta situação lembra a criança, que ainda está perto da experiência do trauma primário, da situação do útero - com a importante diferença de que a criança agora está conscientemente separada da mãe, cujo útero é apenas "simbolicamente" substituído pelo quarto escuro ou cama quente. A ansiedade desaparece, segundo a brilhante observação de Freud, assim que a criança novamente se torna consciente da existência (a proximidade) da pessoa amada (contato, voz, etc.). 1

1 Ver Três Contribuições para a Teoria do Sexo, 1918, p. 84, nota de rodapé.

A partir desse exemplo podemos entender o mecanismo da ansiedade, que se repete quase inalterado nos casos de fobia (claustrofobia, medo de ferrovias, túneis, viagens etc.), como a reprodução inconsciente da ansiedade ao nascer. E ao mesmo tempo podemos estudar os elementos da formação do símbolo e, por último, mas não menos importante, a importância do fato de estarmos separados da mãe, e o efeito "terapêutico" calmante do reencontro com ela, embora apenas parcial ou "Simbólico".

Embora reservando para capítulos posteriores uma discussão mais detalhada sobre essas perspectivas que tanto prometem, examinemos uma segunda situação, também típica da ansiedade infantil, que está mais próxima dos fatos reais profundamente reprimidos. Queremos dizer o medo infantil universal dos animais. Não devemos procurar sua explicação em um instinto de medo humano herdado, apesar de sua relação frequente com feras predadoras (animais carnívoros como o lobo). Pois é óbvio que tal medo não poderia se referir aos animais domesticados, usados há milhares de anos, cuja inocuidade foi experimentada e enfrentada por inúmeras gerações de adultos, da mesma forma que o foi o perigo das feras predadoras. Seria necessário voltar aos tempos primitivos do homem - ou mesmo ao seu primeiro estágio biológico (como Stanley Hall e outros) - e daí aos ancestrais selvagens de nossos animais domesticados, a fim de explicar uma reação de ansiedade típica, que tem sua origem em nosso desenvolvimento individual. Existem outros fatores, nomeadamente psicológicos (simbólicos), que são decisivos para a escolha destes objetos de medo, que ocorre originalmente de acordo com o tamanho do animal (cavalo, vaca, etc.),

impressionando a criança. Como a análise das fobias infantis mostrou claramente, o tamanho ou a gordura (circunferência do corpo) dos animais que causam medo referem-se ao estado de gravidez do qual a criança, como podemos mostrar, tem mais do que uma vaga memória. As feras predadoras, então, fornecem uma racionalização, também suficiente, aparentemente, para psicólogos adultos, do desejo - através do desejo de ser comido - de voltar novamente ao útero animal da mãe. O significado dos animais como substitutos do pai, que Freud enfatizou na psicologia das neuroses para a compreensão do Totemismo, permanece não apenas imperturbado por essa concepção, mas mantém um significado biológico aprofundado, mostrando como, através do deslocamento da ansiedade para o pai, a renúncia da mãe, necessária para o bem da vida, está assegurada. Pois este pai temido impede o retorno à mãe e, assim, a liberação da ansiedade primitiva muito mais dolorosa, que está relacionada aos órgãos genitais da mãe como o local de nascimento e, posteriormente, transferida para objetos que ocupam o lugar dos órgãos genitais.

A igualmente frequente ansiedade pelos pequenos animais, que, no entanto, costuma ser acompanhada de pavor, tem o mesmo fundamento, e a “estranheza” desses objetos trai claramente essa origem. A partir da análise de tais fobias ou sonhos de ansiedade, que foram encontrados até mesmo em homens, embora com menos frequência do que em mulheres, fica claro que a sensação de estranheza ou estranheza na presença desses pequenos animais rastejantes, como ratos, cobras, rãs, besouros, etc., podem ser rastreados até sua habilidade peculiar de desaparecer completamente em pequenos buracos na terra. Eles, portanto, exibem o desejo de retornar ao esconderijo materno completamente realizado. E o sentimento de pavor que se apega a eles surge porque eles materializam a própria tendência da pessoa, ou seja, de voltar para a mãe, e a pessoa tem medo porque pode se infiltrar em seu próprio corpo.¹ Embora seja capaz de entrar em animais grandes, ainda no sentido da situação primária, embora reprimido (ansiedade), o medo dos pequenos animais reside no perigo de entrarem no próprio corpo. Além disso, todos os pequenos animais, como insetos, etc., foram há muito reconhecidos pela Psicanálise como representações simbólicas de crianças ou embriões, não apenas por causa de seu pequeno tamanho, mas também pela possibilidade de crescerem (símbolo de fertilidade) .²

1 Uma menina de três anos, que temia os cães pequenos tanto quanto, se não mais do que os grandes, também tinha medo de insetos (moscas, abelhas, etc.). Quando questionada por sua mãe por que ela tinha medo desses pequenos animais, que não podiam machucá-la, a pequena respondeu sem qualquer hesitação: “Ainda assim, eles podem me engolir!” Mas, ao se aproximarem de cachorros pequenos, ela faz os mesmos movimentos característicos de defesa que uma pessoa adulta faz com um camundongo; ela dobra os joelhos tão baixo, ao mesmo tempo que pressiona as pernas juntas, que seu vestidinho toca o chão, e ela pode se cobrir como se quisesse evitar que eles "entrem sorrateiramente". Outra vez, quando

questionada diretamente por sua mãe sobre a causa de seu medo das abelhas, ela explicou com muitas contradições que queria entrar no corpo da abelha e mais uma vez não entrar.

2 Recentemente, em Freud's History of an Infantile Neurosis, p. 569, Collected Papers, vol. iii., ele mostra que no medo de borboletas a abertura e o fechamento das asas é o fator perturbador, o que novamente lembra claramente a abertura no corpo (cf. o motivo mítico generalizado de simplegados, ou pedras de fechamento).

A aranha é um símbolo claro da mãe temida em cuja rede alguém está preso. Cf. a "fantasia de nascimento inconsciente" que Ferenczi cita da descrição em um diário do ataque de ansiedade de um paciente ("Introjeção e transferência", p. 70 em Contribuições para a psicanálise): "A hipocondria envolve minha alma como uma névoa fina, ou melhor, como uma teia de aranha, assim como um fungo cobre o pântano. Tenho a sensação de que estou preso em um pântano, como se tivesse que esticar a cabeça para poder respirar. Eu quero rasgar a teia de aranha, rasgá-la. Mas não, eu não consigo! A teia está presa em algum lugar - os suportes teriam que ser puxados nos quais ela está pendurada. Se isso não puder ser feito, será preciso trabalhar lentamente para conseguir ar. O homem certamente não está aqui para ser velado por tal teia de aranha, sufocado e privado da luz do sol."

Mas eles se tornam um símbolo do pênis, ou melhor, um pênis ideal apenas por causa de sua capacidade de entrar completamente e desaparecer em buracos etc., pelo que sua peculiaridade essencial, a pequenez especial, que os levou a serem interpretados até mesmo como espermatozoides ou óvulos indica diretamente o útero como seu local de residência. Assim, o animal (grande) representa primeiro o símbolo da mãe carregado de prazer e, a seguir, carregado de ansiedade. Mais tarde, pelo deslocamento da ansiedade para uma fobia, o animal se torna um substituto paterno inibidor. Finalmente, por meio da observação da sexualidade dos animais e dos pequenos animais, que simbolizam tanto o feto como o pênis, ela novamente se torna investida da libido materna.

Isso explica por que vários pequenos animais se tornaram animais-alma nas crenças populares. O exemplo mais conhecido é o da cobra, cujo significado fálico pode, sem dúvida, ser

rastreado até a facilidade com que pode entrar e desaparecer completamente em um buraco (na terra) .1

1 Que a peculiaridade, especialmente em grandes cobras, de engolir suas presas vivas e inteiras, fazendo com que seu corpo inche, pertence a este círculo de idéias, parece-me tão certo quanto no caso do outro fato notável de sua trocando de pele (renascimento).

Isso é demonstrado na conhecida crença em espíritos animais dos australianos e de certas tribos da Ásia Central. Segundo essa crença, as crianças chegam à mãe, principalmente pelo umbigo, na forma de pequenos animais. Assim, os nativos de Cape Bedford acreditam "que os meninos vão para o ventre da mãe na forma de uma cobra e as meninas na forma de narceja."

1 A identidade bastante primitiva da criança e do falo - o falo vai completamente para a mulher e aí torna-se criança - aparece mais tarde nas crenças populares e nos contos de fadas, como uma alma dotada de um corpo, em que a alma de uma pessoa adormecida ou morta rasteja para fora da boca na forma de animais como rato, cobra, etc. Depois de algum tempo, ele entra novamente pela boca no mesmo ser humano (sonho) ou em outro (fecundação, novo nascimento) .2 Pode-se acrescentar aqui a antiquíssima prática popular de retratar o útero como um animal. Essa crença até agora não encontrou explicação, 3 mas presumivelmente também está ligada à ideia do animal que rastejou para dentro do útero e não saiu novamente e, assim, finalmente se refere ao conteúdo do útero fecundado. Em Braunschweig é costume não deixar a criança durante as primeiras vinte e quatro horas após o seu nascimento ficar ao lado da mãe, "caso contrário, o útero não encontra descanso e arranhões no corpo da mulher, como um grande rato". 1 "Ele também pode rastejar durante o sono pela boca, tomar banho e retornar da mesma maneira", como na lenda registrada por Panzer de uma peregrina que se deitou na grama para descansar (Beitr. Zd Mythologie, ii., 195) Se não conseguir encontrar o caminho de volta, a mulher torna-se estéril.

1 Ver o artigo "Aberglaube" de F. Reitzenstein em Handwörterbuch der Sexualwissenschaft, editado por Max Marcuse, 1923, p. 5

2 No conto de fadas de Fanany malaio, a cobra da morte da África Oriental se transforma em um verme da alma, que surge da sepultura, após cerca de seis ou oito meses, por meio de um junco de bambu cravado na terra (de acordo com HL Held , Schlangenkultus Atlas Africanus, vol. Iii. München, 1922).

3 Que este animal é mais frequentemente um sapo, que rasteja (verkriechen,krote) em buracos escuros e inacessíveis, parece concordar com esta ideia. Ver "Die Kröte, ein Bild der Gebärmutter," por Karl Spiess (Mitra, i., Coluna 209 ff., 1914, No. 8). Mesmo no antigo Egito, a deusa do nascimento era considerada com cabeça de rã (ver Jacoby e Spiegelberg, "Der Frosch als Symbol der Auferstehung bei den Ägyptern," Sphinx, vii.); por outro lado, a cabeça do "útero-sapo" mostra às vezes características humanas (ver foto em Spiess, l.c., coluna 217). Cf. Ernest Fuhrmann sobre o mesmo significado do sapo no México antigo: Mexiko, iii., P. 20 ff. (Kulturen der Erde, vol. Xiii. Darmstadt, 1922).

A referência a essas situações infantis típicas de ansiedade e seus paralelos no folclore deve bastar para mostrar o que queremos dizer. Ao investigar exaustivamente as condições em que surge a ansiedade da criança, descobrimos que a ansiedade experimentada no parto realmente continua, sem ser eliminada, a influenciar a criança. E cada oportunidade, que de alguma forma "lembra" a criança - principalmente de uma forma "simbólica" - do trauma do nascimento é usada repetidamente para a ab-reação do afeto não-disposto (cf. por exemplo a frequência de pavor nocturnus em crianças) Se alguém se aventurar a aceitar literal e seriamente a origem do afeto de ansiedade que Freud reconheceu como surgindo no processo de nascimento - e for forçado a fazê-lo por uma série de experiências - então é fácil perceber como cada expressão infantil de a ansiedade ou o medo são, na verdade, uma eliminação parcial da ansiedade do nascimento.

Abordaremos mais tarde, na discussão do mecanismo do prazer-dor, a questão premente de como surge a tendência de repetir um efeito de dor tão forte. Mas desejamos nos deter por um momento no fato analítico igualmente indubitável de que, assim como a ansiedade no nascimento forma a base de toda ansiedade ou medo, todo prazer tem como objetivo final o restabelecimento do prazer primário intrauterino.

1 Ver artigo "Aberglaube," l.c.

As funções normais da criança, a assimilação da alimentação (sucção) e a expulsão do produto assimilado, funções que a análise reconhece como libidinais, traem a tendência de continuar o máximo possível a liberdade ilimitada do estado pré-natal. Como sabemos pelas análises dos neuróticos, o Inconsciente nunca desiste dessa reivindicação, que o Ego deve deixar de lado em favor do ajustamento social, e o Inconsciente, em seus estados predominantes, que se aproximam da condição primária (sonho, neurose, coma), está sempre pronto para apresentar essa tendência regressiva.

Mais claramente ainda, os "defeitos infantis", resultantes de um apego muito persistente a essas fontes de prazer, mostram a origem e a tendência dessa gratificação da libido. Refiro-me a "falhas" como chupar por um lado e molhar-se e sujar-se por outro, quando ultrapassam um determinado período de tempo ou com um certo grau de intensidade (por exemplo, no requintado sintoma "neurótico" da enurese noturna). Na ejeção conscientemente incontrolável e aparentemente automática de urina e secreção de fezes ("como prova de amor" pela mãe), a criança se comporta como se ainda estivesse no útero; *inter fæces et urinas*.¹ A conexão proverbial entre medo e defecação repousa em um mecanismo semelhante. A substituição temporária (ou, após o desmame, a completa) de um dedo no seio da mãe mostra, por outro lado, a primeira tentativa da criança de substituir o corpo da mãe pelo seu próprio ("identificação"), ou por uma parte dele. E a preferência enigmática pelos dedos dos pés trai claramente a tendência de restabelecer a posição intrauterina do corpo.¹ Tanto da sucção quanto da secreção prazerosa da urina (enurese), o caminho descoberto pela Psicanálise leva ao "defeito infantil" Por excelência, a masturbação dos órgãos genitais (cf. também a posterior substituição da enurese pela poluição). Isso conduz e ajuda a preparar a substituição final e mais sublime para o reencontro com a mãe, a saber, o ato sexual. A tentativa de associar à sexualidade os órgãos genitais da mãe, originalmente revestidos de ansiedade, causa o sentimento de culpa, pois a ansiedade materna se apegou ao pai de acordo com o mecanismo da fobia. Desse modo, ocorre a mudança parcial da ansiedade primária em sentimento de culpa (sexual). Pode-se observar claramente como o medo dos animais originalmente referindo-se à mãe se transforma em medo do pai, repousando na repressão sexual. Então, pode ser perfeitamente racionalizado por meio do deslocamento para ladrões, criminosos, negros, etc., de acordo com o mecanismo da fobia. Aqui, o chamado medo real decorrente do perigo passa a existir como um elo de ligação e uma válvula de escape para a ansiedade primitiva deslocada. Assim, a mudança da claustrofobia referente à mãe para a ansiedade de algo entrar em si mesmo referindo-se ao pai corresponde completamente à atitude (da criança) para com os animais grandes (maternal) e para os pequenos (fálcos).

1 O vaso sanitário aparece nos sonhos como uma representação típica do útero (Steckel, *Die Sprache des Traumes*, 1911).

1 De acordo com uma comunicação verbal, o especialista em crianças vienense, J. K. Friedjung, pôde em muitas ocasiões observar crianças que vinham ao mundo com um dedo na boca. Isso mostra a tendência a uma substituição imediata da mãe *in statu nascendi*. Experimentos recentes sobre a excitabilidade reflexa do feto mostraram que já no sexto ou sétimo mês podem ser produzidos reflexos de sucção.

Neste ponto, antecipamos do lado psicanalítico uma objeção que esperamos facilmente descartar. A validade geral da experiência de que toda ansiedade da criança consiste na ansiedade do nascimento (e todo prazer da criança visa o restabelecimento do prazer primário intrauterino) poderia ser questionada em vista da chamada ansiedade de castração, que recentemente tem sido tão fortemente enfatizado. No entanto, parece-me bastante inteligível que a ansiedade primitiva infantil, no curso de seu desenvolvimento, deva se apegar mais especialmente aos órgãos genitais apenas por causa de sua relação biológica real vagamente imaginada (ou lembrada) com o nascimento (e a procriação). É concebível, na verdade óbvio, que precisamente os órgãos genitais femininos, sendo o local do trauma do nascimento, logo se tornem novamente o principal objeto do afeto de ansiedade originariamente originado ali. Assim, a importância do medo da castração baseia-se, como pensa Starcke, 1 na castração primária no nascimento, ou seja, na separação da criança da mãe.²

1 A. Starcke, "Psychoanalysis and Psychiatry" (*The Internal. Journal of Ps.A.*, vol. li., 1921.)

2 Nos sonhos ao final da cura analítica encontrei o falo freqüentemente usado como "símbolo" do cordão umbilical.

Mas não me parece muito apropriado falar de “castração” onde, por enquanto, não há relação mais clara de ansiedade com os genitais do que aquela dada pelo fato do nascimento dos genitais (femininos).³ Essa concepção encontra um forte suporte heurístico na medida em que resolve o enigma da ubiquidade do “complexo de castração” de forma natural, derivando-o da universalidade indiscutível do ato do nascimento. Este é um ponto de vista que se mostra da maior importância para a compreensão completa e também para o fundamento real de outras fantasias primitivas. Acreditamos que agora podemos entender melhor por que a ameaça de castração deve causar um efeito tão estupendo e duradouro na criança - e, além disso, por que a ansiedade infantil e o sentimento de culpa causado pelo nascimento e decorrente dele não podem ser evitados por ninguém tipo de medida educacional ou removida pelas explicações analíticas usuais.¹ A ameaça de castração atinge não apenas o trauma primordial vagamente lembrado e a ansiedade não-disposta que o representa, mas também um segundo trauma, conscientemente vivenciado e de caráter doloroso, embora posteriormente obliterado pela repressão, nomeadamente o desmame, cuja intensidade e persistência estão muito aquém das do primeiro trauma, mas devem-lhe grande parte do seu efeito “traumático”. Só em terceiro lugar, então, aparece o trauma genital da castração regularmente fariado na história do indivíduo e, no máximo, vivido como uma ameaça.² Mas isso, apenas por sua irreabilidade, parece predisposto a assumir em si mesma a maior parte do afeto-ansiedade natal como sentimento de culpa, que, como no sentido da queda bíblica do homem, na verdade se mostra ligada à diferenciação dos sexos, à diferença nos órgãos sexuais e nas funções sexuais. O mais profundo Inconsciente, que sempre permanece sexualmente indiferente (bissexual), nada sabe disso e conhece apenas a primeira ansiedade primordial do ato humano universal de nascimento.

3 Ver também Freud, "The Infantile Genital Organization of the Libido", *Collected Papers*, vol. ii. (citado somente após a conclusão deste trabalho).

1 Ver, além disso, Melanie Klein, "The Development of a Child", *Internat. Journal of Ps.A.*, vol. iv., 1923.

2 A dualidade típica, que como símbolo de defesa e consolo para a castração deve compensar a perda de um membro insubstituível (muitas vezes por uma multiplicidade), parece originalmente pertencer ao trauma de desmame, e voltar à possibilidade de obter alimento em ambos. seios, onde na verdade um seio substitui a "perda" do outro. Além disso, o uso "simbólico" dos testículos prova ser, não raramente, um ponto de transição entre os seios e o pênis, como o úbere de uma vaca (cf. a equação simbólica de Stekel de "pares de órgãos"). Em outro nível, a dualidade da defesa da castração parece servir à ironia infantil em face das mentiras dos adultos (ver também infra, pp. 21-2).

Em comparação com os traumas reais dolorosamente experimentados de nascimento e desmame, uma ameaça real de castração parece até mesmo tornar mais fácil a descarga normal da ansiedade primária como sentimento de culpa genital, na medida e assim que a criança descobriu a falta de sinceridade a ameaça de castração como de todas as outras inverdades dos adultos. Em contraste com o trauma primário, então, a fantasia de castração, que logo é desmascarada como uma ameaça vazia, pode ocorrer mais como um consolo, uma vez que a separação não pode ocorrer.¹ A partir deste ponto, somos levados diretamente às teorias sexuais infantis (ver posteriormente, p. 32 f.) que se recusam a reconhecer a “castração” (os genitais femininos), obviamente para poder negar junto com ela o trauma do nascimento (separação primal).

¹ O mesmo mecanismo de consolo ou consolo é novamente encontrado nos atos falhos de perder coisas, reconhecidos como ações de sacrifício. Alguém se isola de uma parte valiosa de seu ego em vez de ser completamente "cortado" ("o anel de Polícrates", que é jogado no mar, mas que volta à luz na barriga do peixe).

Deve-se notar, além disso, que todo uso lúdico do motivo trágico primordial, que ocorre com a consciência da irreabilidade, funciona de maneira prazerosa na medida em que nega vantajosamente a realidade de qualquer trauma. Exemplos disso são os jogos infantis típicos, desde os primeiros “esconder-se” (esconde-esconde) aos jogos de balançar, treinar, bonecos e médico, ² que, além disso, como Freud logo reconheceu, contêm os mesmos elementos que os sintomas neuróticos correspondentes, apenas com sinais positivos de prazer. A brincadeira de esconder (também conjurar), que as crianças repetem incansavelmente, representa a situação de separação (e de reencontrar) como não sendo de natureza séria; os jogos rítmicos de movimento (balançar, pular etc.) simplesmente repetem o ritmo sentido no estado embrionário. Esse ritmo mostra, no sintoma neurótico da tontura, o outro lado da cabeça de Jano. Logo, todos os jogos da criança estarão de alguma forma subordinados ao ponto de vista de sua irreabilidade. E a Psicanálise tem sido capaz de mostrar como, a partir do jogo da criança, emergem as irreabilidades mais elevadas e mais geradoras de prazer, a saber, a fantasia e a arte.¹ Mesmo nas formas mais elevadas dessas pretensas realidades, como, por exemplo, no Tragédias gregas, estamos em posição de sentir ansiedade e horror porque abreamos esses afetos primitivos, no sentido da catarse de Aristóteles, assim como a criança agora se livra da separação da mãe, originalmente cheia de pavor, em seu jogo de vontade ocultação, ² que pode fácil e freqüentemente ser interrompida e repetida à vontade da criança.

2 Os dois últimos com referência direta ao parto (boneca = feto em sonho).

1 Freud, *Der Dichter und das Phantasieren*, 1908.

2 Também nos contos de fadas, como, por exemplo, nos *Sete Crianças*, a ocultação tem o significado de nascimento e resgate, ou seja, retorno ao ventre da mãe em caso de perigo externo.

A constante propensão da criança à ansiedade, que se origina no trauma do nascimento e é transferível para quase tudo, se expressa de uma forma mais direta, por assim dizer, mais biológica na atitude característica da criança em relação à morte, importante também de um ponto geral de vista. O que nos surpreendeu a princípio não foi o fato de a criança não saber absolutamente nada sobre a ideia da morte, mas que também aqui, como no domínio sexual, ela está, por muito tempo, incapaz de aceitar os fatos e explicações quanto ao seu real significado. É um dos maiores méritos de Freud ter chamado nossa atenção para a ideia negativa da morte da criança, que se expressa, por exemplo, no fato de tratar o morto como um ausente temporariamente. É bem sabido, também, que o Inconsciente nunca desiste dessa ideia, da qual testemunha não apenas a crença sempre revigorante na imortalidade, mas também o fato de que sonhamos com os mortos como vivos. Seria muito errado, também, supor, de acordo com nossa atitude intelectualista, que a criança não pode aceitar a ideia da morte por causa de sua dor e seu caráter desagradável; não é o caso, porque a criança se afasta da ideia a priori, sem ter qualquer compreensão de seu conteúdo. Em geral, não se pode dizer que a criança tenha qualquer ideia abstrata da morte e reage apenas aos casos que foram realmente vivenciados ou àqueles que foram descritos (explicados) a ela em conexão com pessoas bem conhecidas. Estar morto tem para a criança o mesmo significado que estar longe (Freud) - isto é, estar separado - e isso toca diretamente no trauma primário. A criança, portanto, aceita a ideia consciente da morte, identificando-a inconscientemente com o trauma primário. Pode, portanto, parecer brutal para os adultos que a criança deseje a morte de um rival indesejado, um novo irmão ou irmã cuja intrusão não seja agradável para ela: é o mesmo que quando nós próprios dizemos a alguém: ele pode ir para o diabo - isto é, deixe-nos em paz. Somente a criança revela um conhecimento muito melhor do que o adulto do significado original dessa "maneira de falar", quando, por exemplo, ela aconselha o irmão ou irmã mais novo intrometido a voltar para o lugar de onde veio. A criança fala isso muito seriamente e pode fazê-lo novamente com a força daquelas memórias obscuras do lugar de onde as crianças vêm. E assim, com o pensamento da morte está conectado desde o início uma forte sensação inconsciente de prazer associada ao retorno ao útero da mãe. Esse afeto prazeroso foi mantido inalterado ao longo de toda a história da humanidade, desde os costumes primitivos da cremação até o retorno espiritual na forma de um corpo astral.

Mas não é apenas a ideia humana de morte que tem esse pano de fundo libidinal, pois o homem também joga inconscientemente o trunfo da existência pré-natal - a única condição da qual temos alguma experiência fora de nossa vida consciente - contra a ideia de destruição em morte, conscientemente reconhecida como real. Quando a criança deseja remover um competidor que perturba sua paz e, portanto, deseja estar morto, ela pode fazer isso apenas por meio de sua própria memória prazerosa do lugar de onde veio e de onde o irmão ou irmã também veio - do mãe. Pode-se dizer também que deseja voltar a um lugar onde não haja nenhum tipo de perturbação de fora. No desejo infantil pela morte de outros, a justificativa para enfatizar seu próprio elemento de desejo inconsciente fica clara a partir da compreensão das autocensuras com as quais os neuróticos reagem regularmente à realização acidental de tal desejo. Quando alguém perde uma pessoa intimamente conectada de qualquer sexo, essa perda nos lembra novamente da separação primária da mãe; e a dolorosa tarefa de desengajar a libido dessa pessoa (reconhecida por Freud no processo de luto) corresponde a uma repetição psíquica do trauma primário. Nos diferentes costumes humanos do luto, é sem dúvida claro, como recentemente demonstrado por Reik em uma palestra, ¹ que o enlutado tenta se identificar com o morto, mostrando como ele inveja o retorno para a mãe. As marcantes impressões que a morte prematura de um irmão ou irmã deixa no Inconsciente dos sobreviventes, que mais tarde muitas vezes se tornam neuróticos, mostram claramente as estranhas sequelas dessa identificação com os mortos. Isso não raramente se expressa no fato de que a pessoa em questão passa a vida, por assim dizer, em luto perpétuo, ou seja, em um estado que é adaptado de forma desconcertante ao suposto local de residência do morto. Muitas neuroses, tomadas como um todo, pode ser entendido como uma continuação embrionária da existência prematura de um irmão ou irmã. E a melancolia freqüentemente mostra o mesmo mecanismo que uma reação a uma morte real.

¹ "Tabnit, König von Sidon" (Wiener Psychoanalytische Association, março de 1923).

¹ Valeria a pena nas anamneses dos melancólicos descobrir se eles vivenciaram uma morte na família na infância.

Como se percebe claramente nas análises, a criança inveja do morto a felicidade de retornar à mãe e, assim, vincula seu verdadeiro ciúme ao novo irmão ou irmã, geralmente no período da gravidez, ou seja, na hora da residência no mãe. A conhecida adaptação ao fato do novo competidor, por outro lado, começa logo após seu nascimento (a criança como uma boneca viva) pela identificação com a mãe (o filho do pai). Na tendência inconsciente da criança de se

identificar no ventre da mãe com a criança cuja chegada iminente foi suficientemente anunciada está o fator decisivo, que no sentido das investigações psicanalíticas pode ser descrito como o Trauma da Segunda Criança (trauma do irmão ou irmã) . Seu fator essencial consiste no fato de que o filho que chega mais tarde materializa a tendência de desejo mais profundo do filho já presente de estar novamente na mãe e, por assim dizer, estraga de uma vez por todas as chances de um dia voltar para lá. Isso pode se tornar um fator determinante para toda a atitude posterior e o desenvolvimento do primeiro ou do anterior (ver *The Psychology of the Youngest*, p. 107, “Compensação heróica”). A partir daí, muitos traços de outra forma ininteligíveis na vida amorosa adulta (limitação neurótica dos filhos, etc.), como também certos sofrimentos orgânicos neuróticos das mulheres, tornam-se analiticamente acessíveis (pseudoesterilidade, etc.).

A identificação da morte com o retorno à mãe também explica por que os mortos não devem ser perturbados em seu descanso e por que tal perturbação é considerada a maior punição. Isso prova a natureza secundária de toda a fantasia de renascimento, que não tem outro significado senão restabelecer a condição original e permanecer lá. Isso também é demonstrado por vários fatos biológicos que levam à exclusão do elemento ético-anagógico da ideia do renascimento, considerado erroneamente por Jung como essencial.¹ Certas espécies de Cichlides (criadores de boca) constituem um exemplo particularmente instrutivo. A fêmea carrega a desova até a maturidade em uma bolsa em sua garganta.² Nas espécies existentes do Norte da África, *Haplochromis strigigena*, que prendem seus ovos a plantas e pedras, a bolsa de garganta da mãe é um receptáculo e proteção apenas para os nascidos. jovens. Se algum perigo ameaçar, ou quando chega a noite, a mãe abre a boca e uma ninhada inteira de jovens *Haplocromos* rasteja e fica lá até que o perigo passe ou o amanhecer amanheça. Este comportamento é especialmente interessante, não apenas porque prova que o sono fisiológico em todo o reino animal é um retorno temporário ao útero da mãe, mas porque nesta espécie a verdadeira incubação ocorre em pedras ou plantas fora do corpo da mãe; isso é compensado mais tarde por esses animais, porque aparentemente eles não podem viver sem ele.

¹ Jung aqui ignorou cegamente os fatos biológicos, porque ele procura se proteger da tendência “analítica” para a regressão e, assim, ignora o biológico. Assim, ele escorregou na direção anagógica ética oposta, que coloca no centro a ideia de renascimento, que é apenas uma ramificação intelectualizada. *Psicologia do Inconsciente*, p. 251.

² A ninhada eclodida na boca é encontrada em numerosos peixes ósseos e, em casos isolados, até mesmo entre os animais vertebrados superiores. S. Meisenheimer, *Geschlecht und Geschlechter im Tierreich*, Jena, 1921, vol. i., cap. 20; “Die Verwendung des elterlichen Körpers im Dienst der Brutpflege,” viii., Stufe, p. 566 f. Aqui pertencem também os maravilhosos

instintos de retorno às aves de passagem e peixes migradores, que retornam ao seu lugar de nascimento de todos os lugares estranhos para os quais foram levados ou para os quais eles próprios migraram.

Outros animais, diferindo dos animais de bolsa (canguru) por não terem retorno parcial ao corpo da mãe para proteção, substituem este de uma forma que só pode ser chamada de “simbólica”, como, por exemplo, os pássaros construindo seus ninhos¹ (ao qual Jung já se referiu). Queremos aqui chamar a atenção para o fato de que o que chamamos de instinto animal contém em sua essência o ajuste da libido pré-natal ao mundo exterior, e também a tendência de fazer este mundo exterior se assemelhar tão fielmente quanto possível ao primitivo previamente experimentado Estado; enquanto o homem, por causa de seu longo período de gravidez e com a ajuda de capacidades de pensamento superiores desenvolvidas posteriormente, tenta, de todas as maneiras concebíveis, restabelecer, por assim dizer, criativamente a verdadeira condição primordial. Ele consegue fazer isso com grande prazer nos produtos de fantasia socialmente ajustados da arte, religião, mitologia; ao passo que ele falha lamentavelmente na neurose.

1 Uma professora de jardim de infância americana certa vez me disse que as crianças pequenas, quando brincam com plasticina, em sua maioria formam ninhos de pássaros espontaneamente.

A base para isso está, como a psicanálise mostrou, em uma parada psicobiológica em desenvolvimento, que discutiremos no próximo capítulo do ponto de vista do trauma sexual. O fator essencial no desenvolvimento das neuroses parece ser que o homem, tanto na superação biológica quanto na cultural do trauma do nascimento, que chamamos de ajustamento, chega à tristeza na encruzilhada da gratificação sexual, que mais se aproxima da situação primordial, ainda não o restabelece completamente no significado infantil.

GRATIFICAÇÃO SEXUAL

Todo o problema do sexo infantil está realmente contido na famosa questão da origem dos filhos. Essa questão, à qual a criança chega mais cedo ou mais tarde de maneira espontânea, surge, como já experimentamos, como o resultado final de um processo de pensamento insatisfatório. Isso pode se expressar nas múltiplas formas e peculiaridades da criança (sempre questionando), provando que ela busca em si a memória perdida de seu antigo local de residência, que, em consequência de uma repressão extremamente intensa, não consegue encontrar. Assim, via de regra, a criança necessita de algum estímulo externo, mais freqüentemente a repetição da experiência por meio do nascimento de um irmão ou irmã, ¹ para que a pergunta se expresse abertamente. E assim a criança apela à ajuda dos adultos, que obviamente parecem ter recuperado de alguma forma esse conhecimento perdido. Mas, como é bem sabido, a mera resposta à pergunta da criança, mesmo quando feita por educadores analiticamente esclarecidos, traz tão pouca solução para a criança quanto a comunicação a um adulto neurótico de qualquer uma das causas inconscientes de seus sintomas, que ele não pode aceitar por causa de repressões e resistências internas inconscientes semelhantes. A reação típica da criança à resposta verdadeira (a criança cresce no corpo da mãe um pouco como as plantas crescem na terra) mostra também onde está o real interesse da criança - ou seja, no problema de como entrar. Isso, no entanto, não se refere tanto ao problema da procriação, como os adultos concluem de si mesmos, mas indica a tendência de retornar ao lugar onde se estava.¹ Como o trauma do nascimento sofreu a repressão mais intensa, a criança não consegue restabelecer a memória disso, apesar da explicação, e ainda mantém suas próprias teorias sobre a origem das crianças. Estas correspondem manifestamente a reproduções inconscientes da condição pré-natal e deixam aberta a ilusão de um possível retorno que a criança perderia se aceitasse a explicação do adulto.

¹ De acordo com várias experiências analíticas, o filho único ou o mais novo (ou também aqueles que tiveram que reprimir um grave trauma de nascimento) não faz a pergunta tão diretamente.

¹ Mefistófeles: “É uma lei dos demônios e fantasmas:

Onde eles entraram, eles devem sair.

No primeiro somos livres, no segundo não temos escolha. ”

Os índios, quando tecem cestos, etc., não fecham totalmente o círculo na ornamentação, pois de outra forma as mulheres não teriam filhos (segundo a comunicação verbal de um viajante).

Em primeiro lugar, está a célebre fábula da cegonha, que parece ter se originado pelo seguinte motivo: que a ave de passagem, voltando periodicamente ao mesmo lugar para buscar uma criança, pode muito bem levar a criança de volta com ela; 2 pelo qual, também, o efeito traumático do mergulho nas profundezas é substituído pelo voo suave e uniforme do aviador resistente. Outra teoria infantil do nascimento, inferida do Inconsciente por Freud, com sua referência ao processo digestivo, liga-se diretamente ao útero da mãe; a criança entra na mãe pela boca (como alimento) e é ejetada como fezes pelo reto. Além disso, esse procedimento, que como sabemos é prazeroso para a criança e é realizado diariamente, garantiria a facilidade e a possibilidade de repetição no sentido de uma compensação pelo trauma. Além disso, a teoria posterior, à qual muitas pessoas se agarram por muito tempo, de que a criança nasce cortando a mãe (geralmente ao redor do umbigo), é baseada na negação das próprias dores do nascimento, que são então completamente impostas a mãe.¹

2 Pode ser para outros pais (romance familiar), pode ser para o lugar de sua origem (desejo de morte). Veja o tratado do autor sobre a saga Lohengrin, 1911.

1 Aqui pode ser mencionada a fantasia típica do mito de que o herói destemido é invariavelmente aquele que saiu do útero e - geralmente prematuramente - realiza, mesmo quando criança, feitos maravilhosos; obviamente, ele é poupado da ansiedade no nascimento e, com ela, também da superação de um período neurótico precoce (ver o capítulo sobre "Compensação Heroica", p. 102).

Além disso, a partir de casos isolados, parece que as crianças que são trazidas ao mundo por meio de uma operação realmente se desenvolvem melhor em certos aspectos. Por outro lado, uma mulher que deu à luz um filho em estado narcótico, sentiu que não era seu, porque não tinha consciência de seu nascimento. Seu interesse infantil por saber de onde realmente vêm os filhos permaneceu insatisfeito.

A característica comum a todas as teorias do nascimento infantil, que também é ricamente ilustrada² em mitos e contos de fadas, é a negação do órgão sexual feminino, o que mostra

claramente que isso se deve à repressão do trauma do nascimento ali vivido. A dolorosa fixação nessa função dos genitais femininos como órgão de nascimento está, finalmente, na base de todos os distúrbios neuróticos da vida sexual adulta, da impotência psíquica, da frigidez feminina em todas as suas formas. Mas é expressa de forma particularmente clara em certos tipos de fobias (ataques de tontura), que acompanham a sensação de que uma rua está se tornando mais estreita ou larga.

2 Ver meu tratado: *Volkerpsychologische Parallelen zu den infaniilen Sexualtheorien* 1911.

Além disso, as perversões que, segundo Freud, representam o lado positivo das neuroses, apontam de maneiras diferentes para a situação primária infantil. Como já afirmei em outro lugar, ¹ o comportamento de um perverso é caracterizado pelo fato de que ele impede que a teoria do parto anal infantil seja reprimida, por uma compreensão parcial dela e por meio do sentimento de culpa; ele mesmo desempenha o papel de criança anal antes de sofrer o trauma do nascimento, aproximando-se assim tanto quanto possível da condição da situação primária prazerosa (“polimorfo-perversa”). Não há necessidade de maiores explicações para coprolagnia e urolagnia. Todos os outros tipos de perversões da boca de alguma forma continuam ² a gratificação da libido intrauterina (ou a gratificação pós-natal no seio da mãe). O exibicionista é caracterizado pelo desejo de retornar àquele estado primitivo paradisíaco de nudez em que viveu antes do nascimento e que a criança tanto ama por causa disso. Um prazer especialmente aguçado é obtido, portanto, nos atos de despir e arrancar as cobertas, como encontramos em casos fortemente marcados. A descoberta dos genitais na fase heterossexual de desenvolvimento corresponde, portanto, à substituição da parte representativa (pênis - criança) por todo o corpo, o homem preferindo a primeira significação (a saber, o pênis), a mulher o segundo (filho), tudo relacionado com as várias formas de desenvolvimento do complexo de castração (sentimento normal de vergonha). A característica peculiar da sensação de vergonha sexual, fechar ou tapar os olhos e enrubescer, ³ refere-se à situação pré-natal, em que, como se sabe, o sangue flui para a cabeça na posição descida. Além disso, o significado defensivo de expor os órgãos genitais, predominando amplamente nas superstições, é originalmente nada mais do que uma expressão da maldição de repressão amontoada sobre o órgão de nascimento e claramente mostrada nas várias maldições e maldições existentes.

¹ “Perversion and Neurosis,” reimpresso do *International Journal of Psychoanalysis*, vol. iv., Parte III., 1923.

2 A partir da análise de uma mulher que preferia o cunilíngua, parecia que a sensação de prazer estava ligada à sensação de ter seu clitóris (análogo ao pênis) em um buraco quente.

3 A profunda conexão dos motivos de nudez, vestir, cegar e acorrentar (ver abaixo) explicada por mim como "exibicionista", apareceu pela primeira vez por meio de sua relação comum com a situação primária (ver meu tratado, *Die Nacktheit in Sage und Dichtung*, 1911).

O mesmo se aplica ao fetichismo, cujo mecanismo Freud há muito descreveu como uma repressão parcial com formações substitutivas compensatórias. A repressão envolve regularmente os órgãos genitais da mãe no significado da catexia de ansiedade traumática, e os órgãos genitais são substituídos por uma parte do corpo investida de prazer ou por sua cobertura esteticamente ainda mais aceitável - vestidos, sapatos, espartilhos, etc.

Experiências analíticas anteriores já me permitiram inferir que no masoquismo é uma questão de conversão das dores causadas pelo parto (fantasia de ser espancado) em sensações de prazer.¹ Isso é explicado a partir de outros elementos típicos das fantasias masoquistas - por exemplo, o estado de ser amarrado que ocorre quase regularmente (punição, ver mais tarde) como uma reintegração parcial da agradável condição intrauterina de imobilidade, que aparentemente só é imitada no costume difundido de amarrar o bebê em panos (Sadger) .¹ Por outro lado, o sádico típico, o matador de crianças (Gilles de Ray) ou assassino de mulheres (Jack, o Estripador), que chafurda no sangue e nas entranhas, parece desempenhar completamente o papel da curiosidade infantil e procura descobrir a natureza do interior do corpo. Enquanto o masoquista busca restabelecer a condição original de prazer por meio da reavaliação afetiva do trauma do nascimento, o sádico personifica o ódio insaciável daquele que foi expulso; ele realmente tenta, com seu corpo adulto, voltar ao lugar de onde veio quando criança, sem considerar que, com isso, rasga seu sacrifício - esta não sendo de forma alguma sua intenção principal (ver mais tarde sobre o sacrifício, p. 98) .

¹ Aparentemente relacionado a isso está o feitiço de fertilidade predominante de ser espancado com varas (vara da vida), como aparece nos mitos da virginal Bona Dea como punição de seu próprio pai, cujos desejos a casta deusa resiste. Pode-se comparar com isso a chicotada do casal de noivos nos costumes de casamento alemães (W. Mannhardt, *Antike Feld-und Wald-kulte*, i., 299-303), na Lupercalia romana e no festival mexicano de meados do verão , em que as meninas eram espancadas com pequenos sacos para torná-las férteis.

1 Nas últimas formas mencionadas (exibicionismo, masoquismo), o papel especialmente proeminente desempenhado pela "pele, membrana mucosa e erotismo muscular", assim chamado por Sadger, parece diretamente dedutível da posição intrauterina, onde todo o corpo está, então para dizer, agradavelmente cócegas por uma sensação confortável de suavidade, calor e fluidez.

A homossexualidade também parece se encaixar facilmente nessa concepção. Baseia-se obviamente, no caso do homem, na aversão aos órgãos genitais femininos, e isso por causa de sua estreita relação com o choque do nascimento. O homossexual vê na mulher apenas o órgão materno de nascimento e, portanto, é incapaz de reconhecê-lo como um órgão para dar prazer. Além disso, como sabemos pelas análises, os homossexuais de ambos os sexos apenas desempenham conscientemente o papel de homem e mulher. Inconscientemente, eles invariavelmente desempenham o papel de mãe e filho - que se manifesta diretamente no caso da homossexualidade feminina - e até agora realmente representam um tipo especial de relacionamento amoroso ("o terceiro sexo"), ou seja, uma continuação direta do assexual, mas ligação libidinal da situação primária. Vale ressaltar o fato de que a homossexualidade, sendo aquela perversão que aparentemente diz respeito apenas à diferenciação do sexo, realmente repousa, como um todo, na bissexualidade da condição embrionária que sobrevive no Inconsciente.

1 Isso mostra a fraqueza do "protesto masculino" de Adler como princípio para a elucidação da perversão (homossexualidade).

Essas considerações nos levam diretamente ao cerne do problema da sexualidade, que mais tarde submete as manifestações simples da libido primária a mudanças tão complicadas e inesperadas. Acho que, aderindo à concepção que vimos elaborando, teremos um melhor entendimento do desenvolvimento sexual normal e superaremos as aparentes dificuldades.

Tem sido notado, especialmente nos últimos tempos, que toda a nossa visão mental tem dado predominância ao ponto de vista do homem e quase totalmente negligenciado o da mulher. O exemplo mais claro dessa unilateralidade do pensamento social e científico é possivelmente o fato de que longos e importantes períodos do desenvolvimento da cultura humana estiveram sob o domínio do chamado direito materno ("descoberto" por Bachofen). Esses períodos estavam sob o domínio da mulher e, obviamente, esforços especiais para superar as resistências tiveram que ser feitos primeiro a fim de aceitar como fatos esses períodos que haviam sido "reprimidos" até mesmo pelas próprias tradições.² Até que ponto essa atitude sobreviveu mesmo em o psicanalista se mostra no fato de que, via de regra, representamos

tacitamente as relações sexuais apenas do ponto de vista do homem, ostensivamente por sua simplicidade, mas se formos mais honestos, por uma compreensão insuficiente da vida sexual da mulher. Não creio que essa atitude seja consequência de uma subestimação social da mulher, como pensa Alfred Adler, mas o contrário. Ambos são a expressão daquela repressão primária que tenta degradar e negar a mulher tanto social quanto intelectualmente por causa de sua conexão original com o trauma do nascimento. Na tentativa de tornar consciente novamente a memória primária reprimida do trauma do nascimento, acreditamos que devemos reinstaurar a alta estima da mulher que foi reprimida simultaneamente com o trauma do nascimento, e podemos fazer isso libertando-a do peso do maldição em seus genitais.

2 Ver M. Vaerting, *Die weibliche Eigenart im Männerstaat und die männliche Eigenart im Frauenstaat*, Karlsruhe, 1921.

Aprendemos com espanto pelas análises realizadas por Freud que há uma contrapartida masculina válida, embora intensamente reprimida, para a inveja do pênis da menina, já familiar à observação superficial. Este é o desejo inconsciente do menino de poder ter filhos pelo ânus. Esta fantasia de desejo, que através da identificação inconsciente de criança e fezes (criança anal), mais tarde de criança e pênis, permanece ativa no Inconsciente, também representa nada mais do que uma tentativa de restabelecer a situação primária em que se ainda era um “criança anal”. Mas isso é antes de aprendermos a conhecer os órgãos genitais femininos, cuja percepção primária permanece fisiologicamente certa, mas que psicologicamente é representada, pela primeira vez, pelo trauma do nascimento. Que o menino, logo após o nascimento, pressupõe seu próprio membro em todos os outros seres, é de fato facilmente inteligível a partir da atitude antropomórfica do homem em geral. No entanto, a obstinação com que ele se apega a essa concepção, contra todas as aparências, deve nos alertar para não creditar isso apenas à sua superestimação narcísica. É muito mais provável supor que, por tanto tempo quanto possível, o menino queira negar a existência dos órgãos genitais femininos, pois deseja evitar que lhe lembrem o horror de passar por esse órgão, que ainda o persegue em todos os seus membros. . Em outras palavras, ele não quer reproduzir o afeto de ansiedade relacionado com seu nascimento. Prova disso, porém, parece-me que a menina tem a mesma atitude negativa em relação aos próprios órgãos genitais, justamente por serem os órgãos femininos, e ela não pode compartilhar da vantagem narcísica de possuir um pênis. Essa atitude se manifesta na chamada “inveja do pênis”, o que mostra, além disso, que a parte principal não é de forma alguma desempenhada pela motivação mais ou menos consciente do Ego (inveja). Ao contrário, está comprovado que ambos os sexos procuram, da mesma forma, negar e desconsiderar os genitais femininos, pois ambos, independentemente do sexo, estão sujeitos à repressão primária dos genitais da mãe. Em ambos, a superestimação do pênis - explicada por Adler em conformidade com sua psicologia

sexual acadêmica a partir do sentimento de "inferioridade", que não é nem mesmo um sentimento secundário - finalmente prova ser uma formação de reação contra a existência em geral de órgãos sexuais femininos dos quais um já foi dolorosamente expulso. A aceitação da "castração" como uma condição normal do desenvolvimento feminino, mas que também vemos tipicamente expressa no desejo do neurótico masculino de castração, é adequada, em consequência do já mencionado elemento fantástico, para substituir a separação real do mãe, por identificação com ela e, portanto, indiretamente, por meio do amor sexual, para se aproximar mais uma vez da situação primária.

Pois, como Ferenczi¹ mostrou engenhosamente, o homem, penetrando na abertura vaginal, sem dúvida significa um retorno parcial ao útero, que pela identificação com o pênis conhecido como um símbolo de uma criança (Tom Thumb. German Däumling) se torna não apenas um completo, mas também um retorno infantil. Mas, no caso da mulher, a atitude é bastante semelhante, como mostra o material analítico. Por meio da libido do clitóris, experimentada tão intensamente na masturbação, a mulher consegue - muitas vezes até demais - identificar-se com o pênis ou com o homem e, assim, indiretamente, aproximar-se do retorno ao útero. A tendência à masculinidade aparente nela revelada repousa na identificação inconsciente com o pai e, por fim, visa tornar-se, pelo menos, um participante da vantagem inestimável que o homem tem sobre a mulher, e que consiste em poder parcialmente voltar ao a mãe, por meio do pênis, ela própria representando a criança. Para a mulher, resulta uma satisfação ainda mais abrangente e normal desse desejo primordial que se manifesta como amor materno na identificação com o fruto do corpo.

1 "Versuch einer Genitaltheorie" (Congresso, relatório), Zschr., VIII. 1922, pág. 479.

Dois fatos revelados analiticamente são capazes de explicar a equivalência inconsciente de criança e pênis, que tão freqüentemente achamos ser consciente nas psicoses. Primeiro, conforme descrito por Boehm (Zschr., VIII., 1922), o medo frequente do homem (homossexual ou impotente) de um enorme pênis "ativo" (como uma espécie de tronco ou pênis de cavalo), escondido na mulher e repentinamente arremessado fora, refere-se claramente à identificação com a criança que está escondida dentro dos órgãos genitais maternos, e de repente, no parto, sai. A contrapartida feminina dessa ideia, de uma "mulher com pênis", me foi dada a partir de análises, principalmente da frigidez nas mulheres. Não foi, como se poderia esperar, a primeira visão de um membro de um menino (irmão ou companheiro de brincadeiras) que teve uma influência patológica no sentido de "inveja do pênis". Mas foi a

visão de um grande órgão genital (ereto ou paterno) que teve o efeito traumático, porque era uma lembrança do tamanho da criança. Assim, ao invés da entrada, percebida (por meio da masturbação) no próprio corpo, mostrou que já há algo escondido dentro, que impede a entrada presumida, e depois (na fase sexual) se manifesta, como algo que vai entrar. próprio corpo (compare com este o medo de pequenos animais). O medo, muitas vezes consciente, das mulheres neuróticas de como o grande órgão entrará nelas repousa indiretamente na repressão primária do trauma do nascimento. Por outro lado, a conhecida alta estimativa feminina de um pênis grande mostra que por meio disso e mesmo por conta disso se encontra a maior possibilidade de prazer, que às vezes pode ser aumentado por possíveis dores no sentido da situação primária. A partir das análises da frigidez feminina (vaginismo), tornou-se certo que as fantasias típicas (masoquistas) de ser violada ou estuprada, reprimidas nessas mulheres, nada mais são do que um fracasso na tentativa de se ajustar ao seu (feminino) sexual. parte, porque essas fantasias revelam-se o precipitado da identificação inicial com o homem (pênis), o que deveria possibilitar a entrada agressivo-libidinal na mãe.¹ O protótipo masculino a este encontramos (para a maioria dos homens) no especialmente prazeroso (sádico), ato de defloração, com sua penetração dolorosa e sangrenta dos órgãos genitais femininos em que ninguém ainda entrou.

1 Compare com esta forma típica de escolha de objeto feminino, meu trabalho já mencionado sobre os processos da libido na cura (l.c.).

Assim, no primeiro estágio da infância, ambos os sexos se comportam da mesma maneira em relação ao objeto primordial de sua libido, a mãe. O conflito que vemos tão impressionantemente revelado nas neuroses ocorre em primeiro lugar com o conhecimento das diferenças sexuais, que para ambos os sexos representam o trauma decisivo para a formação posterior das neuroses. Para o menino, porque aprendeu a reconhecer os órgãos genitais femininos, dos quais se originou e nos quais depois deve entrar; para a menina, porque ela aprendeu a reconhecer os órgãos genitais masculinos, que não só parecem impossibilitar-lhe a entrada no objeto amoroso, mas que mais tarde estão mesmo destinados a entrar à força em seu próprio corpo. Se a menina supera com sucesso esse trauma por um ajuste feliz à situação de Édipo, então, na vida amorosa posterior, por meio do ato sexual, ela chega a uma gratificação parcial do desejo primordial, ou, pelo menos, a um alcance tão amplo uma satisfação possível. O luto por esse trauma é, no entanto, decisivo para as neuroses posteriores, nas quais os complexos de Édipo e de castração desempenham um papel tão surpreendente e nas quais, em ambos os sexos, a aversão à sexualidade ocupa o primeiro plano. Ambos, então, são lançados de volta à neurose no estágio do primeiro conflito genital, e de lá fogem ainda mais para a situação original da libido, que novamente para ambos os sexos consiste em um retorno à mãe.

1 Compare também as referências posteriores a material mitológico (p. 110). Além disso, parece que essas lutas inconscientes, como tantas outras, existem no folclore como fatos ainda não compreendidos. Por exemplo, a operação bem conhecida dos aborígenes australianos, que é realizada principalmente após a circuncisão (entre as idades de doze e quatorze anos), e que produz uma hipospádia artificial que torna o pênis, no estado ereto, plano e lóbulo. em forma. Nas mulheres - cujos lábios e clitóris são freqüentemente cortados para não prejudicar os filhos (obviamente no nascimento) - o hímen é cortado à força para possibilitar o coito, e a entrada vaginal é alargada por um corte em direção ao ânus. No entanto, o homem apresenta seu pênis ainda com grande dificuldade, obviamente por medo de ficar preso ou cair completamente. (Para obter detalhes sobre as operações, consulte o artigo já mencionado de Reitzenstein em *Handwörterbuch der Sexualwissenschaft*, p. 5 e segs.)

O homem pode desde o início permanecer apegado ao mesmo objeto, que representa para ele, mãe, amante e esposa. O pai, então, logo se torna o representante da ansiedade conectada com a mãe (os órgãos genitais da mãe). Já no caso da mulher, é necessário transferir uma parte da libido materna original para o pai, o que é paralelo ao movimento para a passividade já estimado por Freud. Cabe, então, à menina renunciar a toda ideia de um retorno ativo à mãe, penetração que se reconhece ou imagina ser privilégio masculino, e na alegria suprema da maternidade, contentar-se com o desejo de recuperar o estado primitivo abençoado por meio da reprodução passiva - isto é, por meio da gravidez e do nascimento de seu próprio filho. O fracasso dessa metamorfose psicobiológica se verifica nas neuróticas femininas, que, sem exceção, rejeitam os órgãos genitais do homem e, no sentido do chamado "complexo masculino", desejam o pênis apenas como instrumento de sua própria penetração no objeto de amor. Assim, ambos os sexos tornam-se neuróticos, quando desejam gratificar a libido primordial da mãe, como compensação pelo trauma do nascimento, não por meio da gratificação sexual destinada a eles, mas por meio da forma original de gratificação infantil, pela qual eles novamente inevitavelmente tropeçam nas fronteiras de ansiedade do trauma do nascimento, que devem ser evitadas apenas por meio da gratificação sexual.

O amor sexual, então, que atinge seu clímax no acasalamento de dois seres, mostra-se a mais sublime tentativa de restabelecer parcialmente a situação primitiva entre mãe e filho, que só encontra sua realização completa em um novo embrião. E quando Platão explica a essência do amor como o anseio de duas partes que, anteriormente unidas, se separaram, ele dá expressão poética à suprema tentativa biológica de superar o trauma do nascimento, pelo genuíno "amor platônico", o da criança para a mãe.

Com a força desse conceito é um pouco mais fácil entender o desenvolvimento do instinto sexual, que em oposição à libido ainda está condenado à “procriação” como único meio de gratificação final. A primeira expressão clara do instinto sexual se manifesta no complexo de Édipo, cuja conexão com o desejo de retornar ao útero da mãe foi interpretada por Jung no sentido da "fantasia de renascimento" anagógica, enquanto Ferenczi (como citado acima) o reabilitou como fundamento biológico deste último. Por trás da saga de Édipo está realmente a misteriosa questão da origem e do destino do homem, que Édipo deseja resolver, não intelectualmente, mas realmente retornando ao útero da mãe.² Isso acontece inteiramente de forma simbólica, para seu a cegueira no sentido mais profundo representa um retorno à escuridão do útero da mãe, e seu desaparecimento final através de uma fenda na rocha para o Mundo Inferior expressa mais uma vez a mesma tendência de desejo de retornar à terra mãe.

1 Pode-se comparar com isso a expressão bíblica: “Homem e mulher são uma só carne”, etc. (Erant duo in veio uno).

2 O simbolismo vaginal da ravina (ou três caminhos) na saga de Édipo, recentemente revelado por Abraham, reaparece na conhecida fantasia intrauterina na qual o pai (ou seu pênis) entra perturbadoramente (ver *Imago*, ix., 1923, p. 124 e segs.).

Estamos agora em condições de compreender o significado psicobiológico do complexo de Édipo, conforme se manifesta no desenvolvimento normal. Do ponto de vista do trauma do nascimento, temos no complexo de Édipo um vislumbre da primeira tentativa valiosa de superar a ansiedade ou o medo dos órgãos genitais (da mãe), sendo capaz de aceitá-los de forma prazerosa como objeto da libido. Em outras palavras, trata-se de transferir a possibilidade original, ou seja, intra-uterina, de prazer para a saída genital carregada de ansiedade, e aí reabrir uma antiga fonte de prazer enterrada pela repressão. A primeira tentativa está desde o início condenada ao fracasso, não apenas porque é empreendida com um aparelho sexual mal desenvolvido, mas principalmente porque a tentativa é feita sobre o próprio objeto primordial, com o qual toda a ansiedade e repressão do trauma primordial é diretamente conectado. Mas isso também explica por que essa (pode-se dizer) tentativa de “natimorto” ter de ser feita. Obviamente, é uma condição necessária para o sucesso da transferência normal posterior na escolha amorosa que a criança repita a separação do objeto primordial no primeiro estágio de seu desenvolvimento sexual como um trauma sexual. Mas isso também condena o complexo de Édipo, como a terceira repetição importante do trauma

primordial da separação, a ser levado a Orestes pela repressão primária do trauma do nascimento, apenas para continuar reagindo com os sintomas típicos de recaída a cada nova libido privação.

Somos, portanto, de opinião que o início do desenvolvimento sexual, que segundo Freud ocorre duas vezes, se torna inteligível a partir da história do indivíduo, porque nela reconhecemos a reminiscência das condições tão profundamente rompidas pelo trauma do nascimento - o prazeroso vida intrauterina e as dificuldades de adaptação ao mundo extrauterino. O "período de latência" segue então o trauma sexual da separação da mãe no nível sexual (complexo de Édipo). Durante o período de latência ocorre uma renúncia temporária das tendências regressivas diretas em favor do ajustamento, até que, na puberdade, é alcançado o primado da zona genital que, no sentido de nossos argumentos, devemos pensar como uma recuperação da apreciação dos genitais (da mãe), antes experimentados como objeto de valor primordial. Pois a primazia genital, que, por meio dos genitais (masculinos), significa a substituição final de todo o corpo como objeto no lugar da mãe, só pode ser admitida quando a experiência primária e dolorosa conectada com os genitais foi modificada com sucesso de volta à abordagem mais próxima possível do prazer experimentado dentro da mãe como sua morada original. A possibilidade para isso se dá sob a extensa perturbação conhecida como puberdade, culminando no ato de amor com suas muitas fases e variações, todas tendendo a um contato o mais íntimo possível (comer por amor) (L'animal a deux dos). Portanto, não é sem motivo que o estado de estar apaixonado, que pode ir tão longe quanto identificar todo o mundo exterior com o objeto de afeto (Tristão e Isolda de Wagner), foi descrito como uma introversão neurótica, e o coito com sua perda momentânea de consciência como um leve ataque histérico.

REPRODUÇÃO NEURÓTICA

Depois de ter acompanhado o desenvolvimento da libido da criança até o trauma sexual do complexo de Édipo e reconhecido nele o ponto decisivo para a formação das neuroses, podemos voltar à questão de até que ponto cada sintoma neurótico, na medida em que se torna inteligível em o processo analítico de cura, conforma-se ao trauma do nascimento. A fórmula parece ser bastante simples: a análise, como é bem sabido, provou que a ansiedade é o núcleo de todo distúrbio neurótico, e como sabemos por Freud que a ansiedade primordial está no trauma do nascimento, a conexão com ele deve estar em toda parte. tão fácil de

provar quanto no caso das reações emocionais da criança. A questão, no entanto, não é apenas que o afeto de ansiedade, que então se liga de várias formas a conteúdos definidos, se origina nessa fonte primordial, mas que, na análise, sintomas isolados e toda a formação da neurose apontam definitivamente para reminiscências reproduzidas do nascimento. ou do prazeroso, estágio que o precede. Se finalmente nos voltarmos para a teoria "traumática" original das neuroses, tal como foi formulada na clássica obra de Studien Hysterie há mais de vinte e cinco anos, acho que nem nós nem o criador dessa teoria precisamos ter vergonha dela. Na verdade, pode-se dizer que em todos esses anos de investigação analítica, rica em resultados e experiências, nenhum de nós - mesmo depois de levar todos os outros fatores em consideração - abandonou a certeza de que ainda há mais no "trauma" do que confiamos nós mesmos para admitir. Em qualquer caso, devemos admitir como justificável a dúvida na atividade daqueles traumas aparentes que Freud cedo reconheceu como meras repetições de "fantasias primitivas", cujo fundamento psicobiológico acreditamos agora ter encontrado no trauma humano universal do nascimento com todas as suas consequências.

Podemos rastrear esse tornar-se neurótico in statu nascendi como um curto-circuito, por assim dizer, na neurose traumática real, especialmente como foi observada durante a guerra (neurose de guerra). Lá, a ansiedade primária é mobilizada diretamente por meio do choque, a situação de nascimento, de outra forma inconscientemente reproduzida, sendo materializada afetivamente por meio do perigo externo de morte.¹ O significado fundamental do trauma do nascimento como meio de expressar toda ansiedade neurótica é provado pelo fato de que ele se forma o ponto de partida dos mais diversos sintomas neuróticos que em outros casos podem surgir sem a operação de um choque. Mas a neurose traumática com essa combinação particular de forma e conteúdo está no início de uma série patogênica, enquanto as psiconeuroses simples, cujo conteúdo é determinado pelo trauma sexual, estão no final. Estes últimos se valem da mesma expressão universal de regressão como meio de defesa e como uma válvula de escape assim que o indivíduo, de uma forma ou de outra, sofre o luto na Realidade. O neurótico, em geral, como a análise provou, falha na sexualidade; o que, neste contexto, é o mesmo que dizer que ele não está satisfeito com a gratificação de retornar parcialmente à mãe, proporcionada no ato sexual e na criança, mas permaneceu fixamente "infantil" e ainda deseja ir completamente ou como um todo de volta para a mãe. Finalmente, ele é incapaz de resolver o trauma do nascimento da maneira normal, evitando a ansiedade por meio da gratificação sexual, e é jogado de volta à forma primária de gratificação da libido que permanece inatingível e contra a qual seu Ego adulto luta desenvolvendo ansiedade.

1 Os sonhos de pacientes com neuroses "traumáticas" "repetem" de maneiras típicas o trauma do nascimento na forma de uma experiência traumática real, mas principalmente com alguns detalhes traidores do nascimento.

Em vários pontos de nossas discussões sobre o desenvolvimento da libido da criança, os fenômenos correspondentes da neurose foram mostrados incidentalmente, especialmente em condições em que a ansiedade se manifesta, assim como nos distúrbios diretos da função sexual ("neurose real"). Para nos dar uma melhor compreensão das condições de ansiedade neurótica, vamos mais uma vez lembrar o caso mais simples de liberação de ansiedade infantil, que permanece típica para toda liberação neurótica de ansiedade - ou seja, a ansiedade mostrada pela criança deixada sozinha em um quarto escuro. Esta situação - dificilmente se pode expressá-la de outra forma, embora não seja inteiramente - "lembra" o Inconsciente da criança da morada escura no ventre da mãe, que naquela época, de fato, era uma experiência de extremo prazer - assim explicando a tendência de restabelecê-lo - mas que acabou com o afastamento assustador da mãe, de quem agora a criança sente falta quando está sozinha. No medo de ficar sozinha, a criança é obviamente lembrada (er-innert) do afeto de ansiedade da primeira separação do objeto-libido, na verdade por uma re-experiência real, pelo processo de reprodução e descarga. Essa compulsão à reprodução de um forte afeto doloroso, cujo mecanismo discutiremos mais tarde, ilustra, de qualquer forma, a validade e a realidade dessa "reminiscência". Todas as formas de desenvolvimento neurótico da ansiedade, incluindo as fobias, obedecem ao mesmo processo, de acordo com o mecanismo revelado pela análise. O mesmo pode ser dito da chamada forma real de neurose de ansiedade, que, como a neurastenia, pode ser atribuída a distúrbios diretos da função sexual, uma vez que o coito interrompido que o causa corresponde à ansiedade despertada pelos órgãos genitais da mãe (perigosa vagina dentata). Todas as formas de impotência masculina - o pênis temeroso de entrar em ação - e todas as formas de anestesia feminina (vaginismo) repousam da mesma maneira na fixação primária na mãe e na ansiedade infantil como a descrevemos. Aqui, de acordo com o mecanismo histérico descrito por Freud, uma função do órgão é renunciada em favor de outra inconsciente; função prazer versus função portadora, onde reside a oposição entre a espécie (propagação) e o indivíduo (prazer) .1

1 Veja os argumentos correspondentes em meu trabalho intitulado "Perversão e Neurose," Internat. Journal of Psychoanalysis.

Esses sintomas pronunciados de ansiedade mostram que o neurótico superou o trauma do nascimento apenas em um grau altamente insuficiente. Os sintomas físicos da histeria, não apenas em suas formas manifestas, mas também em seu conteúdo inconsciente mais profundo, mostram várias reproduções diretamente físicas do nascimento com a tendência pronunciada de negá-lo, isto é, de retornar à situação de prazer anterior da vida intrauterina. A esta categoria pertencem preeminentemente os fenômenos da paralisia histérica, dos quais,

por exemplo, a função inibida de andar ou se mover nada mais é do que a agorafobia fisicamente materializada, 2 enquanto a imobilidade traz à realização, ao mesmo tempo, a situação primária prazerosa, com o pavor ou horror de ser libertado dela. Os fenômenos típicos da paralisia, caracterizados pela aproximação das extremidades ao corpo, assim como a perturbação da coordenação, vista por exemplo na coreia menor, aproxima-se ainda mais fielmente da posição intrauterina.

2 Cfr. Trabalho de Federn (Jahrb., Vi., 1914), "Über zwei typische Traumsensationen", de inibição e voar, bem como sua relação com os sintomas neuróticos de paralisia ou de tontura. Todas essas sensações provam ser reproduções inequívocas de sensações correspondentes no nascimento (ver no capítulo "Adaptação Simbólica" o que é dito sobre o sonho, p. 78).

1 Vê-se como este conceito se liga ao de Meynert, que já atribuiu os movimentos da coreia menor aos movimentos da amamentação.

Quando fundamentamos esses sintomas histéricos como sendo reproduções do estado intrauterino, ou do nascimento, o problema da conversão também aparece sob uma nova luz. O que precisa ser explicado não é a "conversão" de excitações psíquicas em físicas, mas como os meios de expressão que eram de origem puramente física poderiam vir a exigir expressão psíquica. Mas essa demanda parece ser o mecanismo pelo qual surge a angústia, que é, por assim dizer, o primeiro conteúdo psíquico de que o ser humano tem consciência. Da ansiedade à posterior superestrutura psíquica conduzem muitos caminhos, dos quais seguiremos o cultural, como também patologicamente, o mais importante sob o nome de formação de símbolo. Aqui, queremos apenas fazer uma breve alusão às formações de fantasia, aquelas ramificações psíquicas de sintomas físicos histéricos, expressos, por exemplo, nos chamados sonhos histéricos ou estados crepusculares (incluindo perda de consciência). Da excelente descrição de Abraham (Jahrb., li., 1910), é óbvio que neles é uma questão de "conversões psíquicas" - isto é, de reproduções da situação primordial na esfera psíquica - em que o retorno físico à mãe é substituído pela mera introversão da libido. A retirada do mundo exterior é representada pelo isolamento psíquico, que vemos então materializado nas psicoses. Além disso, é característico desses estados de sonho que frequentemente terminem com o afeto de ansiedade, que estabelece um limite para a regressão na fantasia, como a ansiedade costuma fazer no sonho noturno. O quão próximo esses estados se aproximam dos êxtases místicos e das meditações internas é bem conhecido, embora sua origem não seja compreendida.

Além disso, todos os distúrbios neuróticos na respiração (asma), que repetem a sensação de sufocamento, estão diretamente relacionados às reproduções físicas do trauma do nascimento. O uso extensivo da dor de cabeça neurótica (enxaqueca) remonta à parte especialmente dolorosa atribuída à cabeça no parto e, finalmente, todos os ataques de convulsões perceptíveis em crianças bem pequenas, mesmo no recém-nascido, podem ser considerados como uma continuação direta tentativa de se livrar do trauma do nascimento primal. Finalmente, o grande ataque histérico usa o mesmo mecanismo, ocorrendo, como ocorre, no auge do desenvolvimento sexual, e mostrando um mecanismo de defesa completo na conhecida posição de arco de círculo, que é diametralmente oposta à do embrião dobrado.

posição 2

1 Cavendish Moxon ("Mystical Ecstasy and Hysterical Dream States," *Journal of Abnormal Psychology*, 1920-21, p. 329) descreve a relação com o êxtase, enquanto Theodore Schroeder ("Pre-natal Psychism and Mystical Pantheism," *Internal. Journal of Psicanálise*, vol. llii, 1922), em sua obra mais fundamental, alude aos fatores pré-natais.

2 Toda essa concepção, talvez, contenha uma referência ao significado mais profundo da Hysteria como doença do "útero" (ver também Eisler, *Hysterische Erscheinungen am Uterus*, Kongress-vortrag, Berlin, setembro de 1922).

Além disso, as dificuldades menstruais típicas podem ser facilmente compreendidas neste sentido, visto que o nascimento é, na verdade, apenas uma menstruação em massa. A menstruação, que também "periodicamente" dá continuidade à existência do útero, parece ter sido arrastada para a repressão geral do trauma do nascimento por nossa civilização. Originalmente o sinal da capacidade extremamente desejável da mulher de engravidar, tornou-se, com a repressão, o ponto de encontro dos mais diversos distúrbios neuróticos.

Partindo do ataque histérico que a psicanálise reconheceu como equivalente e defesa contra a posição do coito, vamos abordar alguns problemas do mecanismo e da escolha das neuroses. A eminente aversão à sexualidade, tão claramente para ser visto em ataques histéricos, é uma consequência da fixação da mãe. A paciente do sexo feminino nega na "fala do órgão" simultaneamente ao desejo sexual, também o desejo de retornar ao útero, o que a impede de aceitar o ajustamento sexual normal. Essa sexualização patológica do parto é a caricatura da sexualização normal necessária para atingir o objetivo heterossexual. Por outro lado, todo o quantum do desejo sexual (libido) é, por assim dizer, transferido do desenvolvimento posterior de volta à situação infantil primária, fato que confere ao ataque aquele caráter lascivo descrito

por tantos observadores. Pode-se formular o ataque histérico, traduzido em linguagem consciente, como um grito "longe dos órgãos genitais (da mãe)!" e, de fato, tanto no sentido sexual quanto infantil. Mas o mesmo mecanismo é mostrado também em todos os outros "deslocamentos" histéricos (tornados inteligíveis pela análise), que tendem principalmente para a metade superior do corpo (deslocamento para cima), pelo que pode não ser sem importância que a cabeça seja a primeira a deixar os órgãos genitais da mãe e, portanto, é a parte do corpo que não apenas experimenta o trauma do nascimento com mais intensidade, mas também é a primeira a passá-lo.

A partir de análises particulares, tem-se a impressão definitiva de que a "escolha" posterior da forma de neurose é determinada de forma bastante decisiva pelo processo de nascimento, o ponto especial de ataque do trauma 1 e a reação do indivíduo a ele. Sem querer antecipar investigações detalhadas, gostaria de formular a impressão geral de que o deslocamento tanto acima (globo — dispnéia) quanto abaixo (paralisia - câibras) corresponde em todos os casos a uma divergência dos genitais como centro. Esse ponto de vista é de suma importância para a compreensão do tipo de caráter neurótico em geral e de todo o seu método de reação, uma vez que abarca as reações psicobiológicas ao trauma do nascimento em sua totalidade. Assim, os sintomas físicos, principalmente por evadir-se da fronteira da ansiedade, tentam regressar diretamente à fase pré-natal, de modo que a ansiedade, evadiu-se diretamente ou de acordo com a forma de defesa acima mencionada (p. 19). do Ego, se manifesta como sentimento de culpa sexual. Isso explicaria o significado sexual de sintomas como, por exemplo, rigidez, vermelhidão, ereção. Do mesmo ponto de ansiedade - a saber, a saída e entrada genital da mãe, os sintomas psíquicos tentam abordar o mesmo objetivo na direção oposta ao aparelho psicofísico, por meio da formação de fantasias, introversão, alucinação, e os estados crepusculares estuporantes e catatônicos entendidos como a etapa final desta série. Ambas as formas levam finalmente à chamada "falta de inclinação sexual", que em última análise remete à aversão aos órgãos genitais da mãe; os sintomas físicos de deslocamento e conversão realizam isso ao permitir que os órgãos genitais sejam substituídos por um substituto para os órgãos genitais menos investidos de ansiedade; os sintomas psíquicos, por tentarem primeiro afastar e afastar-se do físico em geral, dão origem aos processos de sublimação e formações reativas, que então vemos expressos nas formas mais elevadas de realizações desenvolvidas, como Arte, Filosofia e Ética.

1 Cfr. com isso as deformidades físicas típicas de heróis recém-nascidos, p. 106

Ter reconhecido e investigado em detalhes essas conexões psíquicas amplamente ramificadas é o mérito indiscutível da psicanálise hoje. Por outro lado, ainda carecia de uma base firmemente estabelecida para o “significado” psíquico dos sintomas físicos. Mas agora acreditamos que nosso conceito de trauma do nascimento em sua importância psicobiológica é capaz de preencher essas lacunas, porque retorna a um estado que nos dá pela primeira vez, por assim dizer, um substrato real para todos os psicobiológicos. conexões e relações fisiológicas. A concepção delineada nos estudos de Ferenczi¹ sobre a histeria e tornada válida para doenças orgânicas por Groddeck,² parece-me manter seu fundamento biológico real apenas por meio da valorização teórica completa do trauma do nascimento. Da reprodução em sonhos do nascimento e situações intra-uterinas é apenas um passo para as manifestações correspondentes na histeria, e daí novamente apenas um passo para sintomas semelhantes de doenças puramente orgânicas, que parecem ter sempre o mesmo “significado” e servir tendências semelhantes. A transição entre essas diferentes formas de fenômenos é tão fluida que às vezes é quase impossível formar qualquer diferenciação diagnóstica. Ao rastrear esses fenômenos de volta a um estado primordial, onde o psicofísico ainda está unido, onde nenhuma separação ainda ocorreu (Groddeck), não apenas o mecanismo, mas também a forma e o conteúdo dos sintomas físicos neuróticos se tornam inteligíveis. Isso vale tanto para os casos reconhecidos como “psíquicos” quanto para os qualificados como neurológicos ou orgânicos. Do ponto de vista do nosso conceito, é indiferente se uma lesão anatômica do cérebro, ou uma irritação tóxica, ou, finalmente, uma experiência puramente psicogenética compele o Ego a ceder à pressão eterna do Inconsciente e a regredir ao primitivo fonte de gratificação e proteção da libido. A semelhança dos sintomas dessas diferentes causas torna-se então óbvia; toda a criação artificial de problemas desaparece, pois o indivíduo nada pode fazer a não ser retroceder tanto nos canais do desenvolvimento psicofísico quanto a fixação individual da ansiedade e os limites da repressão permitirem, respectivamente. Um problema surgiria apenas se os sintomas não fossem tão semelhantes como realmente são e devem ser necessariamente.

1 Hysterie und Pathoneurosen, 1919.2 Psychische Bedingtheit und psychoanalytische Behandlung organischer Leiden, 1917. Também Das Buck vom Es.

Devo contentar-me em referir-me a alguns exemplos notáveis e deixar o prosseguimento dessas explicações altamente sugestivas para neurologistas experientes e especialistas internos. Assim, os casos de narcolepsia, tanto genuínos quanto histéricos, manifestam a condição típica do sono embrionário; nesses casos, o sintoma de paralisia súbita da vontade, inibições catalépticas, pode acabar tendo uma relação biológica com esse estado fetal (posição dos membros). Não parece acidental que o desejo repentino de dormir tome conta do paciente apenas em situações perigosas (ao atravessar uma rua ou viajar de trem, etc.); o que mais uma vez lembra os sonâmbulos que gostam de se colocar em posições que, em condições

normais, seriam a causa do medo. Na doença orgânica paralela, encefalite, os sintomas bem conhecidos de mudança do dia para a noite, dispneia e tiques, parecem referir-se diretamente ao trauma do nascimento. A importância prática desse insight é dada ao ligá-lo à experiência clínica bem conhecida de quão facilmente essas e outras condições semelhantes podem ser influenciadas psicologicamente.

1 Refiro-me aqui à observação de Paul Schilder feita no momento de escrever este trabalho (abril de 1923), que mostrou que os ataques de coreia menor, por exemplo, desaparecem assim que se coloca o paciente na cama, e que também enfatizou a facilidade com quais estados senis de abasia e astasia podem ser influenciados psicologicamente.

No entanto, não há dúvida de que, assim como o mesmo sintoma pode originar-se de qualquer um dos lados, também deve ser possível influenciá-lo terapêuticamente de ambos os lados. Quando recentemente se falou de ataques de asma - mesmo de natureza psíquica - influenciados favoravelmente pela operação da laringe, experiências recentes semelhantes de remoção de fenômenos nervosos em crianças (como estados de ansiedade e sonhos, etc. .), ao liberar as vias nasais, admitia-se igualmente pouca dúvida.¹ Por outro lado, por meio do conhecimento do mecanismo psicofísico em funcionamento nesses casos, não se surpreenderá em saber que crianças que estiveram sob anestesia se desenvolvem algum tempo depois, estados diretos de ansiedade, que aparentemente eles haviam superado há muito tempo. Nem devemos nos surpreender em ouvir que, após uma anestesia, estados existentes de ansiedade (de dormir sozinho em um quarto escuro, sonhos de ansiedade, pesadelos, etc.) ocorrem de forma muito intensificada.² Todos esses fatos podem ser explicados por dizer que os sintomas físicos (por exemplo, esforço para respirar) mobilizam automaticamente a ansiedade do nascimento e todo o complexo psíquico conectado a ela, ou que o sono narcótico volta novamente à situação primária. Dependerá do tipo e da gravidade do caso se alguém irá determinar para ele um tratamento orgânico (operativo) ou psíquico. Este último, no momento, ainda é muito desconhecido, mas mais cedo ou mais tarde será adotado com a simplificação apropriada.

1 Ver Dr. Stein no Wiener Klin. Wochenschrift (abril de 1923) e as comunicações simultâneas (na Gesellschaft der Ärzte zu Wien) por Eppinger (Klinik Wenckebach) e Hofer (Klinik Hajek) sobre o tratamento por operação em casos de angina de peito.

2 A um especialista em crianças inglês, devo o relatório de que as crianças, depois de terem suas amígdalas operadas sob um narcótico, muitas vezes têm ataques de ansiedade noturna, que foram atribuídos até pelos próprios pais (ou outros observadores) ao trauma da operação. Além disso, isso ocorre de acordo com experiências individuais bastante frequentes entre os adultos, que reagem às operações sob anestesia com sonhos ou sintomas típicos que simbolizam a regressão à mãe.

Finalmente, deve-se mencionar a este respeito um problema que parece de importância geral. Se, por exemplo, realizamos consistentemente a análise de uma neurose de compulsão, notamos isso como um primeiro sucesso, quando permitimos ao paciente voltar de suas especulações puramente intelectuais aos primeiros estágios infantis da neurose - ou seja, até as ações compulsivas e, eventualmente, até mesmo as ações prazerosas originais. Com bastante frequência, até mesmo os sintomas de "conversão" físicos são renovados. A análise, então, mostra que a neurose de compulsão freqüentemente - minha experiência limitada me impede de dizer sempre, embora eu tenha achado isso regularmente - provém de um núcleo histérico, que devemos assumir como a base da neurose de cada criança.

E como se pode quase invariavelmente descobrir um núcleo histérico, diretamente dependente do trauma do nascimento no fundo da neurose de compulsão, a análise de alguns casos histéricos me ensinou que, além da disposição para sintomas físicos ("conversão") existente desde Na primeira infância (trauma de nascimento grave) e tumultuosamente avançando em uma neurose, quase sempre há uma veia de compulsão neurótica correndo através do estrato primário histérico. Sem descobrir isso, uma análise completa da histeria e a remoção de seus sintomas permanecem impossíveis. Nos casos que me lembro de histeria em mulheres, era bastante claro que os sintomas físicos, baseados no trauma do nascimento, eram quase completamente usados para expressar o complexo de Édipo (heterossexual): assim, eles podiam ser rastreados até a transferência da libido para o pai, a reação ao desapontamento e o subseqüente sentimento de culpa. Os sintomas físicos da neurose em pacientes mulheres, portanto, mostram-se um sedimento da libido patologicamente deslocada para o pai (identificação da mãe).

Com a decepção do pai, uma parte da libido da menina volta para a mãe, a fim de desfrutar novamente a fixação da libido mais antiga que havia sido parcialmente abandonada (transferida para o pai). Como isso está fadado ao fracasso, porque a mãe nesse ínterim se tornou uma rival na situação de Édipo, um meio de defesa ainda mais forte deve agora ser aproveitado para completar a libertação final da mãe, que é biologicamente necessária. Isso ocorre por meio, descoberto pela análise, de converter o amor em ódio, que é o mecanismo característico da neurose de compulsão. Mas esse ódio, que deveria servir ao propósito de libertar o indivíduo do amor vinculante à mãe, significa apenas outro tipo de fixação pela mãe, a quem agora se está vinculado pelo ódio. As tentativas secundárias de se tornar livre ocorrem principalmente sob a impressão traumática de um irmão ou irmã recém-nascido e levam ao deslocamento do afeto para o bebê, ou para o pai, que é a verdadeira causa da separação da mãe. Deve-se buscar aqui a raiz principal do "desejo de morte" (nas pacientes) da mãe, que tenta superar o próprio desejo de voltar livrando-se da mãe. Outras formas de formar reações a esse desejo "sádico" de morte não compatível com o Ego já são analiticamente compreendidas e valorizadas em detalhes desde as inibições éticas (hiper-moralidade, compaixão) até a autopunição mais severa (masoquismo, depressão).

As tentativas que se repetem de forma tão exagerada em pensamentos e ponderações compulsivas para dominar este conflito primordial ambivalente por meio do trabalho intelectual pertencem ao último período decisivo do "interesse" sexual da criança. Ao derrubar essa superestrutura especulativa, que realizamos liberando a ansiedade e liberando a libido, estamos realmente conduzindo a ansiedade primordial, arraigada no sistema e dificilmente detectável, de volta ao físico, a fim de dispersá-la dessa maneira normal - conduzindo-o, por assim dizer, à terra.

Esse processo, que também se move ao longo de canais psicobiológicos, pode agora funcionar normalmente em condições menos extremas. E tem-se realmente a impressão, de muitos sofrimentos puramente orgânicos, que eles salvam o indivíduo - se assim se pode expressar - do luxo de uma formação de neurose. Mas seria mais correto dizer que a neurose é um substituto mais pretensioso de um sofrimento orgânico banal, ambos tendo, no fundo, a mesma causa. Não raro nos espantamos ao ver como é justamente uma neurose, com seus sintomas físicos "falsos", que impede o desenvolvimento de qualquer doença real do mesmo órgão, simplesmente porque é um substituto para ela. Além disso, também é notável - como Freud menciona incidentalmente - que os pacientes que, por exemplo, sofreram muitos anos com os mais graves ataques de ansiedade, ainda pareçam prósperos, assim como os pacientes que sofrem por anos de insônia não ficam tão exaustos quanto os indivíduos que "realmente" não dormem há muito tempo. Obviamente, o Inconsciente obtém tanta libido primordial do sintoma que compensa a deficiência "neurótica".

Dos fenômenos histéricos nas extremidades, que caracteristicamente remontam ao complexo do trauma primário, somos levados diretamente a certas posições cerimoniais e compulsivas na cama, como podemos observar em crianças pequenas e em certos pacientes obsessivos, que também insistem em arranjos meticulosos de suas roupas. O fato de esse cerimonial estar relacionado à posição na cama está de acordo com nossa concepção de sono como sendo um retorno temporário à situação embrionária.

Sem considerar as formas de transição dos sintomas histéricos para ações obsessivas, por exemplo, os tiques, etc., 1 queremos enfatizar apenas a neurose obsessiva clássica, em que o caminho dos sintomas físicos originais (ações obsessivas) para o A tentativa puramente psíquica e, na verdade, intelectual de domínio, foi completamente esclarecida pela análise. Se o que foi dito sobre a histeria é completamente válido para os fenômenos físicos (ou seja, tiques) do neurótico obsessivo, então os pensamentos e ponderações obsessivas típicas, como mostrado pela análise, voltam ao problema infantil relativo à origem dos filhos, e ligue-se à primeira tentativa infantil de dominar intelectualmente o trauma do nascimento. O neurótico obsessivo, portanto, finalmente consegue, por meio da "onipotência do pensamento", voltar à tão almejada situação primária (Ferenczi). 2 Ele consegue isso indiretamente, no entanto, em seu modo individual, mergulhando em especulações filosóficas sobre a morte e a imortalidade, bem como o "além" e sua punição eterna. Desta forma, ele repete a projeção aparentemente inevitável da vida antes do nascimento no futuro após a morte. Esta projeção feita pela humanidade por muitos milhares de anos nos emaranhados caminhos de superstições religiosas equivocadas, e coroada pela doutrina da imortalidade, ainda existe hoje no amplo e intenso interesse pelo sobrenatural e no ocultismo com seu mundo de espíritos. 1 As mudanças de humor em neuróticos obsessivos estão intimamente relacionadas à insanidade circular (ciclotimia), ao passo que a formação de seu sistema especulativo está intimamente relacionada a certas formas pronunciadas de psicoses. A insanidade circular, com suas mudanças repentinas de melancolia em mania, remonta diretamente à reprodução das sensações antes e depois do nascimento, em que o mecanismo primordial de mudança do prazer para a dor na perda do primeiro objeto da libido, ou seja, a separação do útero, é repetido uma e outra vez. A forma da doença é, portanto, de importância bastante especial para o estudo do problema do prazer-dor. Na análise dos estados de depressão profunda, pode-se cristalizar a libido nela consumida, por assim dizer, como um precipitado. A libido, então, muitas vezes se expressa, como disse um paciente, como "uma excitação sexual em toda a superfície do corpo". O estágio melancólico, que é tão apropriadamente chamado de "depressão", é caracterizado por sintomas físicos, todos os quais tendem a regredir à posição intra-uterina. 2 A emoção de luto ou tristeza expressa o fato de que post natum omne animal triste est. vivacidade e movimento, enquanto o sentimento de extrema felicidade e bem-aventurança se conforma à gratificação da libido pré-natal. Explicaremos o mecanismo interessante dessa distribuição peculiarmente alternada de afeto e conteúdo ao discutir o mecanismo de prazer-dor (ver pp. 187 e 199). Aqui, onde se trata apenas de mencionar brevemente esse novo ponto de vista, devemos nos abster de mostrar como os detalhes mais sutis da formação dos sintomas ou do mecanismo de distribuição do afeto podem ser entendidos puramente analiticamente no significado de nosso conceito. A conformação sintomática da situação da libido pré-natal e pós-natal torna-se complicada na prática pelo

fato de que no próprio parto os fenômenos psíquicos acompanhantes dos quais não somos capazes de observar diretamente, além da experiência traumática principal, ocorrem também momentos agradáveis ou, pelo menos, relativamente prazerosos, aos quais se presumivelmente pode regredir.¹

1 Aqui também pertencem as chamadas “ações de impulso” (Stekel), que são ações obsessivas realizadas principalmente em estados crepusculares (histéricos) (instinto migratório: saudade de casa— “voltar”; piromania: fogo — calor — mãe).

2 Contributions to Psychoanalysis, p. 181.

1 Não posso deixar de citar uma expressão característica de Thomas Mann, que ao descrever uma sessão espírita na Schrenck-Nötzing's na qual esteve presente, deu sua impressão do médium, etc. (em uma palestra em Viena em 29 de março de 1923) “A situação deu uma impressão mística simplesmente pela luta para respirar da médium, cujo estado de forma decisiva e inequívoca lembra o parto.”

2 Uma carruagem do corpo curvada, enrolando-se na cama, deitado sem se mover e falar por dias seguidos, recusa em alimentar-se, etc.

1 Parece ser predominantemente uma questão das possibilidades normais de regressão, que, em contraste com a mania, foram chamadas apenas de "eufóricas". Para a designação deste estado de afeto, o termo “ansiedade-prazer” (Angstlust), cunhado por Hattingberg, seria muito útil.

Gostaríamos apenas de enfatizar o fato de que a melancolia difere de forma notável dos sintomas puramente neuróticos por usar não apenas o corpo (ou o Ego) como meio de representar o estado primitivo, mas também mostra a tendência de usar objetos no mundo exterior, como, por exemplo, salas escuras, no mesmo sentido. Podemos designar essa tendência como uma "característica" psicótica. Assim, o melancólico, por seu afastamento do mundo exterior, até certo ponto regreda de seu ajustamento ao mesmo, enquanto, por outro lado, os delírios psicóticos, cujo conteúdo tão obviamente se esforça para restabelecer o estado primordial, tem que substituir o mundo exterior, não mais compatível com a libido, pelo melhor de todos os mundos - a saber, a existência intra-uterina. Onde quer que nos voltamos para tal história de caso, especialmente entre o amplo grupo da chamada demência

præcox, encontramos muitas representações da fantasia do nascimento, que são em última instância reproduções de sua própria história primitiva, expressa em linguagem direta. privado apenas de seu afeto, ou seja em expressão simbólica, cuja importância se tornou facilmente inteligível à luz da investigação psicanalítica dos sonhos.

Os primeiros passos úteis dados para a compreensão do “conteúdo das psicoses” devemos à Escola de Psiquiatria de Zurique, sob a direção de Jung e Bleuler, que desde cedo reconheceu a suprema importância das descobertas psicanalíticas e as utilizou na Psiquiatria. 1 Depois que Freud, em 1894, destacou o mecanismo de defesa como explicação de certas psicoses alucinatórias, e em 1896 pôde comprovar pela primeira vez que a “repressão” também era fator determinante nos casos de paranóia, 1 uma década completa se passou antes que a clínica de Zurique empreendesse o primeiro avanço psiquiátrico neste campo. Logo depois disso (1911), Freud apresentou sua análise amplamente delineada de um caso de paranóia (Schreber). Este, ao ligar-se ao seu trabalho anterior, e também ao valer-se dos valiosos resultados da escola de Zurique, estabeleceu pela primeira vez uma compreensão do mecanismo psíquico e da formação estrutural das psicoses. A atitude “homossexual” e a defesa da paciente contra essa posição da libido feminina mostraram-se a parte mais importante do mecanismo, que também deve ser subordinado à tendência geral de superar o trauma do nascimento² no sentido de identificação com a mãe e a função de carregar (criança anal). Por meio dessas investigações de Freud, a compreensão teórica das psicoses tornou-se possível pela primeira vez, e vários alunos de Freud desde então dedicaram seu trabalho ao assunto.³ Na psiquiatria geral, essas concepções revolucionárias penetram naturalmente muito lentamente, mas mais recentemente, eles parecem ter exercido uma influência decisiva sobre a geração mais jovem de psiquiatras.⁴ Em primeiro plano está o ponto de vista filogenético, que é um mérito indiscutível da escola de Zurique (Honegger, Jung), mas contra o uso metódico do qual Freud já voltou sua atenção ao mostrar o quanto ainda há acessível e inteligível na análise individual, antes que seja necessário voltar-se para o material ou ponto de vista filogenético. Naturalmente, esse aviso não foi de grande utilidade, e agora vemos psiquiatras avançados envolvidos em uma comparação descritiva da psicologia do esquizofrênico com a dos primitivos.¹ Quando, por exemplo, em seu interessante trabalho, Storch compara a atitude arcaico-primitiva com a atitude “mágico-tabuística” e enfatiza tanto a “união mística” quanto a “identificação cósmica”, retrocede da psicanálise na medida em que não usa a compreensão analítica da atitude primitiva como uma explicação para os esquizofrênicos; se contenta com uma justaposição, sem perceber que ele apenas substituiu um problema obviamente simples de psicologia individual por um etnológico mais complicado.

1 Ver a revisão de Jung da literatura relevante no Jahrbuch für Psychoanalytische und psychopathol. Forschungen, Bd. ii., 1910, pp. 356-388, a literatura correspondente de autores

alemães e austríacos revisada por Abraham (ver também seu trabalho “Die psychosexuellen Diferenzen der Hysterie und Dementia præcox,” 1908) em Jahrb., i., p. 546 ss .; continuado em Jahrb., VI., 1914, p. 343 e seguintes, e finalmente em Bericht über die Fortschritte der Psychoanalyse in den Jahre-n, 1914-1919, Viena e Leipzig, 1921, p. 158 f. Menção especial também deve ser feita aos primeiros trabalhos de Jung: Uber die Psychologie der Dementia præcox, Halle, 1907, e Der Inhalt der Psychose, Leipzig e Viena, 1908. Além disso, os trabalhos básicos relevantes de Honegger, Itten, Maeder, Nelken, Spielrein , e outros nos diferentes volumes do Jahrbuch. Finalmente, o grande volume de Bleuler, Dementia præcox oder Gruppe der Schizophrenien, 1911, que tende em grande parte a ser uma aplicação das idéias de Freud ao Dementia præcox.

1 “The Defense Neuro-Psychoses” e “Additional Remarks on the Defense Neuro-Psychoses,” Coll. Papers, vol. eu.

2 Na paranóia clássica, por trás dos sintomas turbulentos, o sintoma primordial da ansiedade pode ser facilmente descoberto (ser perseguido), assim como por trás da construção protetora das fobias ou das barreiras de reação da neurose obsessiva.

3 Literatura, Jahrbuch, vi., P. 345 ss .; Bericht, p. 158.

4 Ver especialmente o interessante trabalho de Paul Schilder (Viena) em sua apresentação abrangente Seele und Leben (Springersche Monographien, Berlin, 1923). A obra, que aparece quase ao mesmo tempo, de Alfred Storch (Tübingen: As formas arcaicas primitivas de experiências internas e pensamento na esquizofrenia) repousa quase inteiramente na concepção analítica, sem admiti-la tão sem reservas quanto Schilder. Puramente analíticas são as valiosas contribuições de Nunberg in the Internal. Zschr. für Psychoanalyse.

1 Ver também o trabalho de Prinzhorn, interessante em seu material, Bildnerie der Geisteskranken, Berlin, 1922.

Nosso conceito tende, em vez disso, a levar a uma maior compreensão da psicologia individual e, assim, também a encontrar mais explicações do enigma psicológico na etnologia. O ponto de vista da importância fundamental do trauma do nascimento, aqui representado, parece-nos, na verdade, facilitar a solução deste problema. A tendência regressiva é tão fortemente pronunciada nas psicoses que podemos esperar encontrar nelas a abordagem mais próxima da situação primária. Na verdade, o conteúdo das psicoses, seja obviamente ou nos próprios sintomas de colapso do pensamento e da fala do paciente, atinge a representação completa, na forma mais extensa, do estado intrauterino e do nascimento.

Devemos isso ao trabalho laborioso dos psiquiatras, que através da comunicação detalhada de histórias de casos de pacientes já avaliados do ponto de vista psicanalítico, estamos em condições de confirmar de forma tão surpreendente as experiências adquiridas com a análise de neuroses. Tendo me referido à grande quantidade de material relacionado às psicoses na literatura já citada, gostaria de dar algumas ilustrações da última publicação de Storch que conheço. "Um paciente que se aproxima de um estado de estupor faz movimentos giratórios contínuos com a mão em volta do umbigo. Ao ser questionado, ele explica que quer fazer um buraco (para quê?) Para sair em liberdade. Nada mais deve ser aprendido com ele." É, no entanto, claro que o paciente inconscientemente significa com isso o retorno ao útero, caso contrário, o "símbolo" permanece ininteligível. Da mesma forma, para uma ação de castração manifestamente expressa, há o mesmo motivo; "O paciente um dia, após o incidente citado, arrancou uma parte do dedo a uma dentada; só depois de superar muitas inibições ele deu um motivo: 'Ao morder parte do meu dedo, atraí as outras pessoas para mim, a fim de mostrar que há algo faltando em um lugar.' Depois de mais questionamentos, ele continuou: ' Eu queria liberdade; através do buraco eu rastejei como um besouro '"(p. 7). Storch assume que isso não significa apenas deixar a clínica no sentido analítico, mas também sugere a ideia "vaga" de se libertar do útero (nascimento pelo umbigo), e observa, além disso, que para o paciente como para tantos esquizofrênicos, a ideia de uma reencarnação era um fato autoevidente; assim como a reencarnação era para o povo primitivo. Uma jovem esquizofrênica, que quando criança foi maltratada por seu próprio pai e fugiu do serviço, experimentou em estado catatônico uma fantasia de nascimento na qual ela apareceu ao mesmo tempo que o menino Jesus e sua mãe (p. 61). O mesmo paciente falou de "uma separação de sua própria juventude de sua pessoa atual." Ela tinha a sensação de que havia duas pessoas em seu corpo, uma representando o passado horrível e outra que estava em uma posição elevada além do sexo (pp. 77-78). Outra paciente (p. 63) fez da enfermeira seu "Senhor Deus" e disse "tudo está compreendido em mim e na enfermeira, tudo desde Cristo até o mais ínfimo." (Ao ser questionada sobre sua relação com a enfermeira), "Somos completamente um, ambos um; ela é o Senhor Deus, eu sou igual a ela. Eu estou na enfermeira e a enfermeira está em mim." Outra vez ela disse: "ela tem o mundo inteiro em si", e explicou isso (ao ser questionada) de forma característica (p. 80).

Alguns pacientes mostram a tendência regressiva na forma de um desejo de não ser crescido, a contrapartida que muitas vezes se encontra nas crianças, como o desejo de ser crescido. "Um esquizofrênico, nos anos trinta, queixava-se em tom excitado que havia sido transformado em criança; Não sou mais um homem, mas já sou uma criança; quando minha esposa me visitou, eu não era o marido pertencente à esposa; Sentei-me ao lado dela quando criança, com sua mãe "(p. 57). Em contraste com outros casos, onde "a mudança para o estado de vida feminino ou infantil é experimentada pelos pacientes como uma diminuição e depreciação de seu Ego", observa Storch, "muitas vezes encontramos a experiência oposta em jovens esquizofrênicos, que até ultrapasse o limiar da infância para a vida de um ser adulto; não raramente encontramos neles um medo pronunciado da vida e de crescer, em circunstâncias em conflito com um forte desejo de viver e uma necessidade de amor. Querem fugir desse conflito para a

infância ...” (p. 89). Acho que nessa tendência temos diante de nós o núcleo que justificaria psicologicamente a designação dessa forma de doença como *præcox demência*. Outros restauram diretamente a velha teoria da cloaca, ou seja, a morada no útero, como a paciente (p. 42) que “não acreditava, de fato, que as crianças nascem pelo reto, mas entre a 'bolsa', em que segundo ela a criança cresce na mãe, e na parte mais baixa do intestino, existe uma passagem pela qual o embrião pode esvaziar sua sujeira. A criança está na 'bolsa' e suga para dentro os mamilos pequenos dando nutrição (que estão no lugar dos seios). Da 'bolsa' uma 'saída' vai para o reto, 'de modo que a criança é purgada da comida que leva com o leite.' Antes do parto, a saída se cura, vai embora, é para uma finalidade de limpeza.” Outra catatônica com coprofagia explicitamente deu a motivação embrionária para seu ato, quando afirmou “que durante seus quadros psicóticos ela foi compelida a beber urina e comer fezes”; depois de ter vivido anteriormente a sensação de morrer, ela quis dizer que precisava da substância para se reconstruir. Em um caso catatônico investigado analítica e minuciosamente por Nunberg, engolir excrementos significava autofrutificação e renovação.¹ Resumindo, Storch diz (no capítulo sobre “Renascimento”): “Encontramos a ideia de estar morto e despertado, a ideia de passar pela morte, de se tornar novo e finalmente tornar-se deus; também encontramos as expressões sensuais primitivas de renascimento, a ideia de realmente nascer e assim por diante. Assim, os pensamentos complexos dos pacientes muitas vezes precipitam-se desordenadamente com as ideias de nascimento e gravidez, parto e nascimento, ser mãe e filho” (p. 76) .1

1 “Über den katatonischen Anfall,” interno. Zschr. f. Psychoanalyse, VI., 1921.

1 itálico meu.

Não apenas o conteúdo dos delírios parece claramente determinado nessa direção, mas os estados psicóticos, como alucinações, crepúsculo e fases catatônicas, também se tornam inteligíveis como regressões de longo alcance ao estado fetal. Devemos a primeira tentativa ousada de formular tal concepção a partir de material analítico para o valioso trabalho de Tausk. que morreu prematuramente. Seu artigo é intitulado “Über die Entstehung des Beeinflussungsapparates in der Schizophrenie”² e ele concebe esse aparelho pelo qual o paciente pensa que é influenciado como uma projeção do próprio corpo genitalizado no útero. “A projeção do próprio corpo seria, portanto, uma defesa contra uma posição da libido que corresponde ao desenvolvimento na fase final da condição fetal e no início do desenvolvimento extrauterino” (l.c., p. 23). Daqui em diante, Tausk tenta explicar diferentes sintomas esquizofrênicos. “Não poderia a catalepsia, *flexibilitas cerea*, corresponder àquela fase em que o ser humano percebe os seus órgãos como não seus e em que deve resigná-los, por não pertencerem a si mesmo, à força de uma vontade estranha? O estupor catatônico, que

representa uma rejeição completa do mundo exterior, não poderia ser uma retirada para o útero? Não poderiam ser esses sintomas catatônicos extremamente severos o último refúgio de uma psique que também abandona o funcionamento mais primitivo do Ego e se retrai completamente para o ponto de vista fetal e de amamentação. . . . O sintoma catatônico, a rigidez negativista dos esquizofrênicos, nada mais é do que uma renúncia ao mundo exterior, expressa na 'fala do órgão'. Também o movimento reflexo de sucção no estágio final da paralisia progressiva não expressa tal regressão à vida da amamentação? Essa regressão ao estágio de amamentação e mesmo de volta ao estado fetal - o último, na verdade, apenas como uma ameaça com o desenvolvimento de uma doença como consequência - pode tornar-se consciente para muitos pacientes. Um paciente disse-me: 'Sinto que estou cada vez mais jovem e menor; agora tenho quatro anos, então irei para o estágio de panos e, finalmente, de volta à mãe "'(p. 23 f.). Tausk, portanto, pensa que a fantasia do retorno ao útero, 1 que deve ser aceita como mais uma "fantasia primitiva" realizada de forma atávica, surge sintomaticamente "como uma realidade patológica na psique regressiva dos esquizofrênicos".

2 Internat. Zschr.f. Psychoanalyse, v., 1919.

1 Ele observa, além disso, que a expressão fantasia-útero (Mutterleibphantasie) originou-se de Gustav Grüner.

Se neste ponto alguém introduz a realidade do trauma do nascimento com suas conseqüências importantes, então não só se pode afirmar as suposições de Tausk, mas também chega a uma compreensão realmente fundamental de outros sintomas psicóticos, que se relacionam diretamente com o trauma do nascimento, e apenas indiretamente para a fase intra-uterina. Isso é verdade para todas as convulsões e ataques, especialmente os chamados epiléticos, 2 que em conteúdo e forma revelam as mais claras reminiscências do parto. Ali, além disso, encontramos uma divisão semelhante à da insanidade circular (ciclotimia), embora sem a inversão da ordem na última. Pois a aura que precede o grande ataque epilético, com seu sentimento de bem-aventurança descrito tão maravilhosamente por Dostoievski, corresponde à gratificação pré-natal da libido, enquanto as próprias convulsões reproduzem o ato do nascimento.

2 Em sua obra (também fundamental para o conceito aqui trazido à tona) intitulada "Estágios no Desenvolvimento do Sentido da Realidade", Contributions to Psycho-Analysis, p. 181,

Ferenczi já aludiu à rastreabilidade dos ataques epilépticos até uma fase inicial da linguagem por meio de gestos.

Todos esses sintomas psicóticos têm em comum o fato de representarem, no sentido analítico, uma regressão da libido a mais do que as neuroses. Pois, ao libertar sua libido do mundo exterior, substituindo a mãe, eles complementam a perda do objeto primordial por uma chamada projeção cosmológica, pela qual eles só voltam novamente à situação primária por meio da incorporação (introjeção) de objetos com seu Ego (mãe e filho). Nesse mecanismo psicótico peculiar, que contém uma perturbação da relação com o mundo exterior, a paranóia clássica - e as formas paranóicas de psicoses - estão mais próximas da visão mitológica do mundo.¹ A paranóia parece caracterizada pelo fato de nela o mundo exterior está carregada de libido muito superior à de um ajustamento normal; o mundo inteiro é, por assim dizer, um útero, à influência hostil a que o paciente agora está exposto (correntes elétricas, etc.)² Por meio da reversão do sentimento (ódio) em relação ao pai, toda a situação de o ventre protetor da mãe, em seu significado cultural e cosmológico, tornou-se aqui uma entidade única, gigantesca, hostil, que persegue o herói, identificado com o pai, e o desafia sempre para novas batalhas. No sentido dessa tendência de retorno à mãe, que o psicótico busca por meio da projeção, o curso da doença psicótica, como Freud reconheceu, deve, na verdade, ser interpretado como uma tentativa de cura. Vemos isso claramente no processo analítico de cura, do qual começamos. Só o psicótico perde o caminho para a luz da saúde no labirinto subterrâneo da situação do útero, enquanto o neurótico é habilitado a reencontrar o caminho da vida, pelos fios de lembranças do tipo Ariadne que o analista lhe lança.

1 Ver a caracterização “paranóica” na formação da fantasia mítica em O Mito do Nascimento do Herói.

2 É digno de nota que o paranóico Strindberg reconheceu na influência pré-natal a explicação para as primeiras reações da criança - a saber, medo e fome (em sua obra autobiográfica: *Die Beichte eines Thoren*). Às referências aí dadas para o sustento da grávida, só podem ser feitas alusões. Podemos reproduzir aqui algumas declarações de Strindberg que são especialmente expressivas neste contexto (de acordo com Storch, l.c., p. 46 f.). Quando seu ente querido é levado por um estranho, é para ele “um choque para todo o seu ser psíquico”, pois “era uma parte de si mesmo, que foi levada por outro, uma parte de suas entranhas, com a qual agora se brinca” (Desenvolvimento de uma alma, cap. 5). “No amor, ele se funde com a mulher amada, mas então, quando ele perde a si mesmo e sua forma, o desejo de autopreservação cresce, e na ansiedade de ‘perder seu Ego através do poder equalizador do amor’ ele tenta libertar-se dela para se reencontrar como autoexistente” (“Entzweit”, caps. 2-3). Depois da psicose, ele se retira na solidão, fecha-se “no casulo de sua própria alma” (“Einsam”, cap. 3). De seus tempos esquizofrênicos posteriores, ele fala de medidas de proteção que usa contra as correntes perturbadoras à noite; “Quando se está exposto às correntes de uma mulher principalmente durante o sono, pode-se isolar”; “Por acaso, uma noite, coloquei um xale de lã

sobre meus ombros e pescoço, e esta noite eu estava protegido, embora tenha notado os ataques de correntes.” Por fim, mostra também que a “ideia de perseguição” está ligada à ansiedade em que torna o “pânico de tudo e de nada” o responsável por sua inquietação. A triste infância de Strindberg e seu peculiar “complexo materno” são bem conhecidos (ver a alusão em *Inzestmotiv*, 1912, p. 32, nota). Deste ponto em diante, pode-se compreender todo o seu desenvolvimento, personalidade, realização e psicose.

Assim como, na concepção freudiana, a histeria está intimamente relacionada à produção artística, a neurose obsessiva à formação da religião e à especulação filosófica, as psicoses estão intimamente relacionadas à visão mitológica do mundo. Quando psiquiatras analiticamente ajustados reconheceram que o conteúdo da psicose é “cosmológico”, não precisamos evitar o próximo passo, o da análise da própria cosmologia, pois então descobriremos que nada mais é do que a lembrança infantil do próprio nascimento projetado na Natureza. Como estou reservando a base mais detalhada deste conceito no rico solo de material mítico e cosmológico para um livro planejado há muito tempo sob o título *Mikrokosmos und Makrokosmos*, posso aqui apenas referir-me aos meus vários estudos preliminares no campo da mitologia, que tentativa de mostrar que o problema do nascimento humano está realmente no centro do interesse mítico como do interesse infantil e determina conclusivamente o conteúdo das formações fantasiosas.

1 Veja o. obras: *O mito do nascimento do herói*, 1909; *Die Lohengrinsage* (1911); *Das Inzestmotiv in Dichtung und Sage* (1912), especialmente cap. ix., “*Die Weltelternmythe*”); e finalmente *Psychoanalytische Beiträge zur Mythenforschung*, estudos coletados no ano de 1911-1914; segunda edição alterada, 1922 (especialmente “*Die Sintflutsage*,” “*Verschlingungsmythen*,” “*Tiermärchen*,” etc.).

ADAPTAÇÃO SIMBÓLICA

Antes de nos voltarmos para as elaborações míticas do trauma do nascimento exibido em criações compensatórias tão impressionantes como a formação do herói, devemos examinar

aqueles fatos que nos tocam mais de perto e são de conseqüência mais humana, mostrando como o fazem de maneira avassaladora a importância fundamental do trauma do nascimento e o desejo eterno de superá-lo. Esses fatos biológicos também podem tornar inteligível para nós o ajuste normal que se encontra entre os neuróticos anti-sociais e as realizações heróicas exageradas, e podem explicar, além disso, como esse ajuste ou adaptação, que chamamos de cultura e civilização, poderia ter sucesso.

A condição do sono, que ocorre automaticamente todas as noites, nos impele à ideia de que mesmo o indivíduo normal nunca supera completamente o trauma do nascimento, uma vez que passa metade de sua vida em um estado semelhante ao do intra-uterino.¹ Nós caímos nessa estado automaticamente assim que escurece, assim, novamente, como no caso do medo da criança do quarto escuro, quando as condições externas impelem o Inconsciente a uma identificação com o estado primordial. Conseqüentemente, a aproximação da escuridão é concebida antropomorficamente na imaginação de todas as raças como o retorno do sol ao útero (mundo subterrâneo) .¹

¹ Ver especialmente Freud, Introdução à Psicanálise, e Ferenczi, "Estados no Desenvolvimento do Sentido da Realidade" (l.c.)

A insônia neurótica, como o sonambulismo em todas as suas formas, parece regularmente repousar em uma repressão muito intensa dessa necessidade biológica à custa de esforços libidinais (para a mãe). O freqüente medo de ser enterrado vivo também se enquadra nesta categoria (Freud, A Interpretação dos Sonhos), assim como sua contraparte "pervertida", a necrofilia.

¹ A lua, com suas crescentes e minguentes periódicas, parece se encaixar ainda melhor na representação mitológica do desejo constantemente renovado de retornar, e aparece nos mitos não apenas diretamente como uma mulher grávida e durante o parto, mas também como o desaparecimento e criança retornando. A deusa da lua também é importante por ajudar no parto (parteira), o que está ligado à sua influência na menstruação. A "congruência da menstruação de uma mulher e as fases lunares, que em nossas crenças populares ainda são idênticas", conduz Th. W. Danzel pensar que o período astronômico-cósmico surgiu primeiro na consciência como uma expressão simbólica de períodos e ritmos subjetivos, e é a base para o calendário que, nos países astraís (China, Babilônia, Egito, México), foi originalmente um "Livro dos dias bons e maus" (ver México, vol. i., p. 28 ["Kulturen der Erde," vol. xi.], Darmstadt, 1922). " O período de 260 dias de tonal-anatl, que desempenha um papel especial no calendário mexicano, talvez tenha como fundamento além dos períodos astronômicos

também a duração da gravidez (Danzel, México, ii., P. 25, Darmstadt, 1922) .Fuhrmann (México, iii.) Levanta essa suposição para maior certeza ao rastrear o ano mexicano até o período pré-natal dos seres humanos, e a nova (não baseada no curso do sol) contagem do tempo para este ano embrionário (p. 21).

No estado de sono, em que diariamente voltamos em considerável grau à situação intra-uterina, sonhamos, e aí fazemos uso de curiosos símbolos que os antigos conheciam e que foram empiricamente estabelecidos pela Psicanálise, mas não o são. ainda completamente compreendido em sua origem e importância humana geral. Agora, os sonhos, dos quais começamos o processo analítico de cura (Capítulo I), mostram que esses símbolos, regularmente aparecendo no sonho do desejo, em última instância representam a morada no útero. Por outro lado, no sonho de ansiedade, o trauma do nascimento, a expulsão do Paraíso, é freqüentemente reproduzido com todas as suas sensações físicas e detalhes realmente experimentados. A realização alucinatória do desejo do sonho narcisista Ego, para cujo entendimento Freud remonta à condição embrionária, 1 é realmente provada por sonhos completamente não influenciados analiticamente, como sendo um real retorno e reprodução da situação intrauterina, como já fisicamente realizada a certa medida na condição puramente fisiológica do sono. Na verdade, a formação dos sonhos mostra de várias maneiras - pelo menos, de acordo com sua tendência inconsciente de realizar desejos, postulada por Freud - que é um retorno mais completo no útero do que parece ser realizado pelo mero fato fisiológico do sono.² O infantil O caráter do sonho é muito mais antigo e tem uma base muito mais profunda do que admitiríamos até agora, porque, com nossa consciência criada para a percepção do mundo exterior, não podíamos anteriormente apreender o caráter desse Inconsciente mais profundo.

1 "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos", Coll. Papers, vol. 4.

2 Também afirmamos ser mais capazes de compreender por que a vida dos sonhos, sob a influência da situação analítica, começa a florescer e crescer tão exuberantemente, muitas vezes de forma tão surpreendente.

Como estou reservando para publicação algum valioso material analítico, posso aqui apenas aludir ao fato de que os sonhos de desejo e ansiedade, considerados por Freud como os dois tipos principais, se encaixam perfeitamente no conceito de voltar à situação primária ou com

sua dolorosa interrupção por meio do trauma do nascimento.³ No entanto, gostaria de mencionar um terceiro tipo de Freud - a saber, o sonho de punição - em que o sonhador, principalmente bem-sucedido na vida, mais tarde se reintegra em uma situação dolorosa, ao que parece, para "punição." Isso, como Freud apontou, além de ser uma tendência "masoquista", é um desejo de restaurar a juventude e, finalmente, tem em vista o prazeroso retorno ao útero. Esse é tipicamente o caso do chamado sonho-exame, uma experiência quase universal de sonho de ansiedade da humanidade, que remonta à fronteira de ansiedade do exame feito na escola. Os pensamentos de consolação pré-conscientes expressos no sonho, a saber, que também naquele momento deu certo, referem-se regularmente no Inconsciente mais profundo ao parto. O que resta a ser explicado é o intenso sentimento de culpa, que é regularmente ligado ao desejo primordial de retornar ao útero, e que está obviamente relacionado com o afeto de ansiedade no nascimento no sentido de que sua reprodução completa deve ser evitada por meios desse sentimento de culpa, assim como ficar preso na situação de exame impede um novo retorno ao trauma primário.

³ O despertar, especialmente de sonhos de ansiedade, repete regularmente o processo de nascimento, a vinda ao mundo; este é o significado do chamado "simbolismo de limiar" (Silberer), que também parece ter, mitologicamente, um único significado, a situação de nascimento (ver Roheim, "The Significance of Stepping Over," *Int. J. of Ps.A.*, iii., 1922, além do trabalho anterior de Frau Sokolnicka). Além disso, o sintoma do limiar do nascimento também se expressa nas freqüentes contrações das pernas ao dormir.

O oposto do sonho da punição, a saber, o sonho da indulgência, embora possa ser aparentemente causado por necessidades reais como a fome ou outras necessidades corporais, pode ser explicado como uma tentativa de restabelecer a situação intra-uterina. Pois, com a situação fisiológica do sono, retorna a tendência à gratificação desinibida de todas as necessidades físicas na forma intrauterina. Enurese, que no estágio sexual é poluição, tem o mesmo significado que incesto. Justamente por conta disso, os sonhos de incesto freqüentemente ocorrem com poluição e, por outro lado, os sonhos de poluição quase sempre representam um desejo não ocultado de incesto. Mas mesmo o desejo de adormecer (que Freud enfatiza como essencial para a formação dos sonhos em geral) corresponde à tendência de retorno à situação intrauterina.

Todos os sonhos de sensações físicas, mesmo quando causados por estímulos externos¹ - como os sonhos indulgentes são causados por estímulos internos - permitem um retorno

irrestrito à situação primária. Por exemplo, a sensação de frio causada pelo deslizamento da roupa de cama é interpretada pelo Inconsciente como a primeira perda da cobertura protetora e é compensada por uma retirada semelhante a um sonho em um útero simbolizado. Da mesma forma, as sensações de inibição ou de voar, que freqüentemente se alternam no mesmo sonhador, a primeira sensação freqüentemente ocorrendo em indivíduos que tiveram um parto difícil (obstáculo), é usado pelo Inconsciente para cumprir seu desejo de não se afastar da mãe. Mas esta última sensação de voar, transformando o trauma violento do nascimento em uma fácil flutuação para fora, como sugerido pela fábula da cegonha, reproduz no fundo do Inconsciente o estado de bem-estar, ou seja, o de flutuar na condição fetal primária (cf. o alado anjos, as almas dos que ainda não nasceram, etc.). A situação de ansiedade correspondente parece ser reproduzida em sonhos de queda.

Notamos aqui sumariamente que nossas observações anteriores sobre sensações e tipos de sonhos referem-se a experiências oníricas bastante gerais, cujo caráter típico é explicado pela experiência humana universal de nascimento.

1 Nova luz é lançada aqui sobre os chamados sonhos experimentais. Os estímulos aplicados são interpretados no significado da situação primária experimentada (posição dos membros, etc.), tanto mais que são escolhidos pelo experimentador de acordo com suas próprias experiências inconscientes; colocar máscaras no rosto, estímulos no nariz, fazer cócegas na planta dos pés, etc.

2 Isso vale também para os chamados sonhos com os dentes, que Jung já reconhecia como sonhos do nascimento no caso das mulheres (citados na Interpretação dos Sonhos de Freud, como também o exemplo ali dado por mim). No sentido do nosso conceito aqui apresentado, as comparações do tercius são a típica queda indolor dos dentes, que compensa a gravidade do trauma (dor). As interpretações dadas até agora (nascimento, medo da morte, castração, masturbação, etc.), podem facilmente ser subordinadas a este significado primário.

Mas nossas observações valem também para os sonhos reconhecidos pela análise como típicos em seu conteúdo latente, dos quais gostaria de mencionar aqui o chamado sonho do nascimento (sonhos do nascimento). De acordo com minha experiência, isso certamente representa o desejo (ou aversão) de ter um filho, mas apenas por meio da reprodução do próprio nascimento ou situação intra-uterina (na água). A inversão de direção, que para o

nascimento (sair) é representada pelo mergulho na água, deve ser explicada como a produção simultânea do trauma (mergulho) e a tendência regressiva, que se esforça por negligenciar. Essa necessidade de representar simultaneamente essas duas tendências regressivas no conteúdo manifesto dos sonhos¹ é de suma importância para a compreensão dos sonhos. Isso não explica apenas a observação freudiana de que os chamados “sonhos biográficos” devem, via de regra, ser traduzidos de trás para frente (ou seja, terminam de acordo com os desejos, com a condição intrauterina); mas também torna óbvio que um uso muito mais extenso deve ser feito da técnica da reversão na interpretação dos sonhos, pela qual o significado secundário da chamada tendência progressiva é claramente palpável em sua relação com a tendência regressiva. O nível duplo, que é mais bem visto² nos sonhos do nascimento, é expresso principalmente pelo aparecimento de duas gerações ou pela repetição de situações (por exemplo, o próprio ato do nascimento, como também no mito do herói) e mostra claramente como a identificação com a mãe (do complexo de Édipo) é usado para representar simultaneamente mãe e filho, este último, aliás, por meio da reprodução do próprio nascimento.

1 Ver Freud, "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos", Coll. Papers, vol. 4.

2 Veja também meu tratado anterior, "Die Symbolschichtung im Wecktraum", Jahrb., Iv., 1912.

Esses sonhos são, portanto, a melhor prova da tendência narcisista primordial do sonho Inconsciente, e mostram que ele nada mais pode fazer do que retratar a situação que gratifica o narcisismo primordial da maneira mais completa.¹ E assim também a interpretação de Jung no chamado “Nível subjetivo”, do qual tanto abuso anagógico foi feito, encontra uma base real, assim como todas as tendências aparentemente prospectivas do sonho que, quando desmascaradas, são projeções da situação do útero no futuro.

1 A um estágio de desenvolvimento bastante primitivo pertence o modo de representação no próprio corpo e a partir de seu próprio material, como é restabelecido, por exemplo, em ataques histéricos (Ferenczi, Gebârdensprache); Freud primeiro chamou a atenção para isso, mostrando como o histérico representa sobre si mesmo também a ação, por exemplo, o abraço, desejado do parceiro amoroso, "Observações gerais sobre ataques histéricos", 1909, e "Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade", 1908, Coll. Papers, vol. ii. Devemos acrescentar a isso as interessantes observações de Kohler em seu *Mentality of Apes*, onde ele

mostra que os macacos expressam o que desejam ao indicá-lo em seus próprios corpos. Assim, um chimpanzé expressou o abraço que seu mestre deveria dar a ela, colocando os braços em volta de seu próprio corpo.

2 Os chamados sonhos telepáticos são analiticamente fáceis de resolver como projeções da situação primária no futuro. Da mesma forma, todo o ocultismo moderno, que se baseia no antigo simbolismo indiano do renascimento, pode ser compreendido completamente a partir do trauma primal e sua elaboração projetada (astrologia). Por exemplo, os ocultistas estão certos ao presumir que as memórias das coisas nos sonhos remontam a uma vida anterior do sonhador, e eram então importantes, apenas projetam a pré-existência mais atrás do que a existência intra-uterina.

Por outro lado, a ideia básica da telepatia corresponde a algo projetado no futuro, talvez a algo já experimentado, antecipado, déjà vu, que também não pode ter outra referência senão a existência pré-natal (compare com este Dr. Interessante material de Szilagyí publicado sob o título "Der junge Spiritist", Zschr., lx., 3, 1923. Citado após a conclusão deste trabalho.

Finalmente, devemos mencionar, por causa de seu interesse geral, outra forma típica de sonho de ansiedade, que bem nos mostra como todas as tendências prospectivas interpretadas no sonho mostram o efeito da repressão primária do trauma do nascimento. Este é o chamado "sonho de viajar", cujos detalhes característicos podem ser facilmente compreendidos a partir do trauma primário. Detalhes como não pegar o trem, fazer as malas e não estar pronto, perder a bagagem, etc., que no sonho são tão dolorosamente realizados, só podem ser compreendidos quando se interpreta a partida como significando separação da mãe e da bagagem (porta-malas, caixa) como um substituto simbólico para o útero, que como sabemos é substituído por todos os tipos de veículos, como navios, automóveis, vagões ferroviários, vagões, etc. O simbolismo da morte aparente (Stekel) ¹ contido nele é tão pré-consciente quanto é quaisquer tendências futuras (jornada de vida). O Inconsciente pode pensar em separação, partida e morte apenas em termos da regressão que realiza o desejo até o útero, porque ele conhece e não pode retratar nenhuma outra tendência de desejo. A tendência de reversão, pela qual todo movimento para a frente no sonho deve ser interpretado como apenas uma regressão, explica simultaneamente uma série de situações de sonho ininteligíveis ¹ (ver a menção anterior da reversão do nascimento). Mostra ainda que não apenas as sensações físicas (posição, etc.), mas também as funções psíquicas aparentemente superiores (não apenas nos sonhos) de forma, orientação e tempo ² estão relacionadas aos mais profundos dos nossos desejos inconscientes. A interpretação funcional de elementos únicos do sonho, certamente superestimada por Silberer e da qual sempre inferimos uma "resistência" à interpretação analítica, aqui se manifesta como consequência direta da

tendência a fugir do trauma. Essa tendência certamente segue os canais psíquicos estabelecidos e, no desenvolvimento psíquico do indivíduo, provavelmente conduz da repressão do trauma primário ao desenvolvimento das chamadas funções superiores.

1 The Language of Dreams, 1922, onde, além da investigação dos sonhos de Freud, uma rica coleção do chamado "simbolismo da morte" é reunida. Também no capítulo "Mutterleibsträume" há uma série de observações que, entretanto, vão além da meramente prática "interpretação do símbolo" apenas com a suposição de que talvez um traço de memória possa fornecer a base material para o sonho do nascimento.

1 Fica assim explicada a relutância de tantas pessoas em se sentar de costas para o motor. É a mesma repressão primordial que proíbe o herói mítico de olhar para trás em seu caminho (transformado em pedra), que coloca o herói zombado ao contrário no cavalo (Cristo) e encontra um eco na maneira de falar - "Colocar a carroça antes dos bois." Os jogos infantis de viagem (cocheiro, ferrovia, etc.) mostram a correspondente situação de prazer em que, no sentido da situação do útero (vagão, navio, trem, etc.), a ausência de movimento para a frente, que atinge os adultos como tão risíveis, se forma apenas o elemento exato de realização de desejos (veja a "jornada" infantil de Peer Gynt com a mãe moribunda, após a qual segue a jornada de seu mundo).

2 Em mulheres que são analisadas durante a gravidez e até pouco antes do parto, verifica-se que o tempo e principalmente os números remontam à gravidez e ao parto (meses, anos, filhos, irmãos e irmãs, etc.), em que o aniversário desempenha um papel muito especial e sobre o qual se apóia a maioria das análises de números. Não é de se estranhar que haja no inconsciente, em vez do número 9, referente aos nove meses de gravidez de acordo com o calendário solar artificial, outros números correspondentes ao "calendário lunar natural" (ver nota 1, p. 75), como também na mitologia os números sagrados oscilam entre 7, 9, 10. Por exemplo, existem no México 9 submundos, na Nova Zelândia 10 ("a camada mais baixa, tneto, ou local de decomposição, é onde se completa o processo de mudança do cadáver em decomposição na forma de um verme", Danzel, Mexiko, i., p. 21). Na China, os dez infernos estão nas entranhas da terra e são chamados de "as prisões da terra", etc.

Antes de passarmos do simbolismo dos sonhos para uma compreensão abrangente dos símbolos em geral e seu uso no ajuste cultural à civilização, gostaríamos especialmente de enfatizar que nossa visão da importância suprema do trauma do nascimento encontra seu apoio mais forte na interpretação analítica dos sonhos. Mas uma representação mais detalhada disso devo reservar para um trabalho maior. Deve-se ressaltar, entretanto, que as

experiências analíticas mencionadas anteriormente nos permitem dar uma base real à "fantasia do útero", descoberta há muito tempo por Freud em análise e desde então corroborada por numerosos exemplos na literatura de análise. Como a consequência dessa experiência parece de grande importância, não deve haver dúvidas quanto ao seu significado. Não se deve negar que há uma fantasia de voltar ao útero, 1 ou que há uma tendência ao desejo em uma destilaria estágio posterior de desenvolvimento, ilustrado por Silberer em excelentes exemplos de "sonhos de espermatozoides", para voltar ao corpo do pai.² Estas são, como dissemos, fantasias que estão parcialmente conectadas com explicações sobre sexo ouvidas ou lidas em uma data posterior. Mas, na realidade, ao contrário da fantasia, na formação do sonho ocorrem durante a análise muitas reminiscências ou reproduções definidas, mas bastante inconscientes, da postura intrauterina individual, ou peculiaridades relacionadas ao próprio nascimento. Estes poderiam surgir de nenhuma memória consciente ou formação de fantasia, porque eles não poderiam ser conhecidos previamente por ninguém. O sonho usa naturalmente, posteriormente, o que foi aprendido de boatos sobre o próprio nascimento, mas muitas vezes de maneiras tão características que a pessoa é compelida a considerar a impressão inconsciente do sonhador (muitas vezes uma impressão no sentido literal da palavra) como sendo certa em vez de sua memória consciente. Que o período de residência no corpo do pai é capaz de ser reproduzido, eu não me importaria em manter. Pelo contrário, parece-me que se continuássemos a analisar estes "sonhos espermatozoides" do ponto de vista aqui exposto, acabariam por se revelar sonhos de "volta ao útero" que foram remodelados por meio de um mais tarde adquiriu conhecimento consciente.¹ Muitas vezes, de fato, os chamados "sonhos de espermatozóide" provam ser "sonhos de útero" disfarçados diretamente, "Já que a única maneira de voltar ao corpo da mãe é por meio dos espermatozoides do pai. Conseqüentemente, esses sonhos não se conformam de forma alguma com fantasias de retorno ao corpo do pai, mas são usados antes como um meio de se separar do pai a fim de estar permanentemente unido à mãe. Pois a situação fetal - pelo menos no último período da gravidez - e a própria situação do parto são apreendidas diretamente pelo indivíduo e, como tais, certamente podem ser reproduzidas. Mantemos, então, nem mais nem menos que a realidade da "fantasia do útero" tal como se manifesta na vida da criança, nos sintomas neuróticos e no estado fisiológico do sono (sonho).

1 A apresentação clássica pode ser encontrada em um livro escrito em 1795 sob um pseudônimo intitulado *Meine Geschichte eh 'ich geboren wurde. Eine anstndndige Posse vom Mann im grauen Rocke* (Neudricke literarhistorischer Seltenheiten Nr. 2, Berlin, J. Ernst Frensdorfi).

2 Silberer, "Spermatozoenträume" e "Zur Frage der Spermatozoenträume," *Jahrb.*, iv., 1912).

Se tentarmos tirar a conclusão mais óbvia deste fato, devemos estar preparados para enfrentar várias objeções que sustentam que estamos negligenciando a realidade assim chamada, ou seja, o mundo exterior, contra o qual até mesmo o poder do Inconsciente, por maior que seja nós pensamos, deve finalmente encontrar seus limites naturais. Naturalmente, não queremos ir tão longe a ponto de negar o mundo externo, embora os maiores pensadores da história da mente humana, incluindo Schopenhauer em sua filosofia idealista, se aproximem dessa concepção. O "mundo como ideia", isto é, como minha ideia individual em meu Ego, ainda tem bons fundamentos psicológicos, cuja revelação analítica não restringe a realidade do mundo exterior e ainda explica a força da "Idéia". Se dividirmos tudo o que se opõe ao Ego no mundo externo em objetos da natureza e tudo o mais em objetos criados pelo homem, então temos dois grupos que podemos compreender sob os nomes de Natureza e Cultura. Partindo das mais primitivas descobertas da cultura, como o fogo e os implementos, até os mais complicados maquinários técnicos, pode-se demonstrar que estes não são apenas feitos pelo homem, mas também formados à imagem do homem, ¹ cuja visão antropomórfica do mundo assim, ganha suporte. Levaria-nos longe demais dar razões detalhadas para essa concepção, que tem o mais forte respaldo em toda a história da humanidade, bem como do ponto de vista analítico. O que é essencial entender é o mecanismo psicológico, por meio do qual toda "descoberta" é apenas uma redescoberta de algo latente, e todo o processo da cultura, refletido nos mitos, é apenas uma criação humana do mundo no padrão da própria criação individual.

1 Winterstein assumiu isso corretamente (*Imago*, ii., 1913, p. 219).

1 Ver a alusão de Ferenczi ao "Psychogenese der Mechanik" (*Imago*, v., 1919), e as obras citadas de Mach, E. Kapp e outros. Além disso, *Die Maschine in der Karikatur*, de H. Wettich (com 260 ilustrações), Berlim, 1916, e *Die Technik im Lichte der Karikatur*, do Dr. Anton Klima (com 139 ilustrações), Viena, 1913.

O estudo e a compreensão do chamado simbolismo dos sonhos agora nos permitem rastrear a criação cultural até sua origem nas profundezas do Inconsciente. Da massa esmagadora e confusa de material cultural existente, que a humanidade, impelida pelo mesmo anseio primitivo, ainda produz constantemente, mencionaremos aqui apenas um exemplo. Isso já foi trazido à nossa atenção para a compreensão da ansiedade infantil, e nos coloca no meio de nossa esfera de cultura, mas ao mesmo tempo nos permite um olhar para trás, para seu desenvolvimento histórico. Diz respeito ao quarto, ao espaço, que para o Inconsciente normalmente simboliza os órgãos genitais femininos. E, de fato, em última análise, simboliza o útero como relacionado ao único genital feminino conhecido pelo Inconsciente, e o lugar no qual antes do trauma do nascimento a pessoa era protegida e aquecida. Já não há dúvida, de

acordo com as investigações antropológicas, que assim como o caixão e seus precursores primitivos a árvore, a terra, a posição de sepultamento dobrada (postura embrionária), apenas copiam a situação do útero, para a qual depois da morte se deseja retornar, então as habitações primitivas dos vivos, sejam cavernas¹ ou árvores ocas, ² foram feitas ou escolhidas na lembrança instintiva do útero quente e protetor, análogo aos pássaros que constroem ninhos para cobertura protetora. O que quer que tenha se desenvolvido mais tarde no curso da repressão contínua, que envolve uma retirada gradual do trauma primordial para formas sublimadas que substituem o estado primordial, ainda está obviamente, no sentido mais profundo, vinculado a essa situação primária. Podemos ver isso na maneira como a criança de hoje expressa medo quando está sozinha em um quarto escuro. Seja a cabana primitiva coberta com folhagem (ninho), ou o “altar” que se origina do fogo da lareira (calor da mãe), ou o protótipo do templo (como o templo da caverna indiana) que representava o telhado ou casa como proteção para este incêndio; se são os edifícios de templos orientais exagerados respondendo ao propósito da projeção celestial e cósmica dessas habitações humanas (torre de Babel), alcançando a mais alta idealização artística de sua origem humana no templo grego com seus pilares substituindo os troncos de árvore primitivos representando pernas humanas e com seus capitéis de formas variadas representando cabeças, como é ingenuamente alegorizado no Cântico dos Cânticos; ou se são as igrejas góticas da Idade Média com seu retorno às abóbadas escuras que se estendem por cima, mas deprimentes; ou, finalmente, se é o arranha-céu americano com sua superfície externa plana e os poços de elevador dentro; em todos os lugares trata-se de uma reprodução, estendendo-se para além da mera “formação simbólica” do sonho ou mesmo da arte, em todos os lugares, é a modelagem criativa de objetos aprovados, aproximando-se na forma da substituição da situação primordial.

1 Roheim dá material americano para covas de nascimento em um artigo intitulado “Primitive Man and Environment” (Internal. Journal of Psychoanalysis, ii., 1921, p. 170 ff.) Do rico material citado, o de W. Matthews, que tem reconhecido o simbolismo do nascimento nos mitos em questão, é digno de nota especial (“Myths of Gestation and Parturition,” *Americ. Anthropol.*, iv., 1902, p. 737).

2 Emil Lorenz em um estudo “Der politische Mythos, Beitrage zur Mythologie der Kultur” (*Imago*, vi., 1920, e ampliado separadamente, 1922), ligando-se ao ponto de vista mitológico de Jung e biológico de Ferenczi, mostrou enfaticamente essa importância simbólica, e propôs o termo “integral psíquico” para a compreensão da adaptação da realidade aos nossos desejos e necessidades sob a influência determinante do protótipo da primeira separação do Ego completo do mundo por meio da imagem materna.

Este simples caso de adaptação “simbólica” à realidade abre novos horizontes na compreensão do desenvolvimento da cultura: desde o berçário, que é apenas uma extensão da bolsa do canguru e do ninho do pássaro além das faixas e berço, até a casa , 1 instintivamente formado para imitar o útero, daí para a cidade protetora, 2 o forte, 3 e daí ligando-se à construção mítica anterior (projeção ou introjeção) da Natureza (terra, cosmos), por um lado, e por outro outro lado, para as formações de deslocamento e substituto sociais de conceitos como pátria, nação e estado. Estes últimos, de acordo com a reconstrução de Freud, 1 ligam-se à história da horda primitiva e à possessão comum e renúncia da mãe primitiva na comunidade social posterior.

1 O sacrifício ao edifício, que consistia originalmente em colocar uma criança viva na fundação de uma nova casa, deve deixar claro o caráter do edifício como substituto do útero.

2 Para a cidade como símbolo da mãe, cf. minha obra *Um Städte werben*, 1911. As sete colinas de Roma correspondem às tetas do lobo.

3 Burg (forte) de Berg (montanha), verbergen (esconder), originalmente Fluchtburg (refúgio), (Lorenz, p. 87).

1 Totem e Tabu. Psicologia de Grupo e Análise do Ego,

Como Freud mostrou, o pai primordial é morto pelos filhos que conseguem possuir a mãe, ou em outras palavras, queriam voltar para a mãe. Isso foi evitado na horda primitiva pelo “macho mais forte”, o “pai”, que era o oponente externo e objeto de “medo” (da mãe). Mas a razão da renúncia é - como mostram as primitivas festas orgíacas da morte - que, embora todos tomem posse da mãe sexualmente (promiscuidade), nem todos podem retornar para ela. Este é o verdadeiro motivo psíquico para a "mentira heróica", ou seja, o fato de que nos mitos e contos de fadas há apenas um que é capaz de realizar o ato primordial com a mãe, e ele é o mais jovem, que não tem sucessor.

Desse motivo psicológico segue-se a formação de estados governados pelo homem, tão importantes para o desenvolvimento humano, uma vez que agora se tornou socialmente

necessário para um único indivíduo tomar o lugar do pai identificando-se com ele, rompendo assim a proibição da mãe inacessível. que encontra sua expressão sociológica no chamado “Direito da Mãe”. 2 Segue-se assim o estabelecimento do poder do pai, enquanto o medo da mãe, moderado no respeito, é transferido para o novo usurpador do lugar do pai, a saber, o capitão, líder, rei, etc. A proteção conferida a ele em razão de certos privilégios ou contratos contra a repetição do crime primitivo, a saber, ser morto, ele deve ao fato de ter tomado o lugar da mãe, e assim por uma identificação com a mãe, ele assume os privilégios que lhe pertencem. No chamado domínio do Direito do Pai, direito ou justiça - isto é, o privilégio de proteção mútua (conciliatória), tolerância social e cuidado com os outros - surge da fase natural do apego à mãe que, por um lado, repousa sobre a proteção dada pela mãe (útero), por outro lado, é devido ao medo dela causado, em última instância, pelo trauma do parto. A ambivalência peculiar em relação ao senhor, o governante, é assim explicada. Ele é amado, protegido e poupado, isso é tabu, 1 na medida em que representa a mãe. Ele é odiado, torturado ou morto, como representante do inimigo primitivo perto da mãe. Em todas as restrições ou cerimoniais que lhe são impostos, que muitas vezes parecem cancelar completamente seus “direitos”, ele mesmo retorna parcialmente à agradável situação primitiva, ao lugar onde até mesmo o Rei deve ir desacompanhado e a pé.

2 Bachofen, Das Mutterrecht, 1861 (segunda edição inalterada, 1897).

Isso é especialmente claro no “culto do sol”, cujo significado de forma alguma se esgota na identificação consciente com o pai poderoso. Pelo contrário, tem suas fontes inconscientes de prazer mais profundas na ideia original de nascimento, segundo a qual o nascer e o pôr do sol diários são concebidos como o filho recém-nascido que retorna à mãe durante a noite (sol - filho). Isso está claramente expresso na vida dos governantes peruanos, cujo cerimonial está de acordo com a identificação com o sol. O “Inca” nunca anda a pé, mas sempre em uma liteira. Ele não se alimenta sozinho, mas é alimentado por suas esposas. Ele usa uma túnica apenas por um dia, depois a deixa de lado e, depois de seis meses, essa túnica é retirada e queimada. O Inca tira comida apenas uma vez do mesmo prato, tudo que ele usa apenas uma vez. . . . Assim, o Inca se torna a cada dia um novo ser, ele é o lactente da mulher que deve ser alimentado por elas.¹ O Inca é um ser inteiramente efêmero in statu nascendi, então Fuhrmann resume corretamente a situação. Mas todo governante deve se submeter mais ou menos a um cerimonial de nascimento semelhante. O Sacerdote-Rei da Nova Guiné não pode se mover, e deve até dormir na postura sentada (a fim de proporcionar condições atmosféricas uniformes). Nos tempos antigos do Japão, o Mikado tinha que sentar-se no trono todas as manhãs por algumas horas com a coroa na cabeça (hoje a ideia de nossos filhos de “governar” realmente significa exercer onipotência na terra); mas ele deve permanecer rígido como uma estátua, sem mover as mãos ou pés, cabeça ou olhos, caso contrário, o mal cairá sobre a terra (de acordo com Kampfner, História do Japão) .² O rei, portanto, originalmente não é “pai”, mas

filho, e, na verdade, um filho pequeno, infans, um menor, "sua majestade o filho", que governa por meio da clemência da mãe.³ Já sugerimos como esses primeiros passos para uma organização social, para o estado em "calçados infantis", pode ter sido levado. A alta valorização anterior da mulher (seu genital), que ainda é aparente na antiga adoração de deusas e que deixou seus traços no posterior "Direito da Mãe", teve que ser substituída pela organização paterna social traçada por Freud a partir do horda primitiva. O pai estrito, justo, mas não mais violento, deve ser novamente estabelecido como a "barreira ao incesto" contra o desejo de retornar para a mãe, por meio da qual ele apenas assume mais uma vez sua função biológica original, ou seja, separar os filhos do mãe. A ansiedade da mãe é então transferida em relação ao Rei e aos motivos (ideais) inibidores do Ego que ele representa (justiça, estado, etc.). A atitude dos filhos (burgueses e súditos) em relação a ele é a da conhecida libido dupla de Édipo. A depreciação social sistemática da mulher de suas alturas originais finalmente resulta em uma reação contra aquela dependência infantil dela, que o filho, agora pai, não pode mais suportar.

1 O tabu primordial é o genital materno que, desde o início, está investido de sentimento ambivalente (sagrado).

I Fuhrmann, Reich der Inka, Hagen, 1922, p. 32 (Kulturen der Erde, vol. I.).

2 Mas o rei ou deus não se senta "como uma estátua", ao contrário, a estátua perpetua esse abençoado estado de imobilidade (ver capítulo sobre arte). A coroa, a mais nobre de todas as coberturas para a cabeça, remonta originalmente à cápsula embrionária, como também nosso chapéu hoje, cuja perda em um sonho significa separação de uma parte do Ego. O cetro, do qual não há dúvida quanto ao seu significado fálico, origina-se da fase mais primitiva da dominação da mãe (mulher com pênis) e, portanto, o cetro tem para o governante masculino originalmente o único significado de torná-lo novamente um o homem por esse substituto - pois o governante era anteriormente castrado como os antigos sacerdotes, isto é, era a mãe (veja a cópia de madeira que Ísis fez do falo perdido de Osíris. Rank, Die Matrone von Ephesus, 1913).³ Talvez Kaiser, César, esteja relacionado com "cortar"; aquele cortado (cf. também operação "cesariana", Kaiserschnitt?).

1 Uma ilustração extremamente instrutiva para essa raiz biológica do "matriarcado" é a publicada por Leo Frobenius (Das unbekannte Afrika, Munique, 1923, p. 23), e na p. 41 ss., Ilustrando esse significado, é um desenho na rocha de Tiot, na Argélia, que mostra um caçador amarrado pelo cordão umbilical à mãe (que ora).

É por isso que o objetivo final de todo conquistador poderoso e bem-sucedido é obter a posse exclusiva da mãe² (identificação com o pai). E toda revolução que luta pela derrubada do domínio masculino mostra a tendência de voltar para a mãe. Mas essas revoluções sangrentas contra o domínio do pai são, em última análise, causadas e tornadas possíveis pela mulher, e isso inteiramente no sentido da mítica “mentira heróica”. Conforme demonstrado pela Revolução Francesa, é menos o rei do que a rainha dissoluta - caracteristicamente suspeita de cometer incesto com seu filho - o domínio das amantes e das mulheres em geral, que agitou a fúria da multidão, e que também determina o predomínio parte das mulheres em movimentos revolucionários.¹ Por meio de seu poder sexual, a mulher é perigosa para a comunidade, cuja estrutura social se baseia no medo transferido para o pai. O rei é morto pelo povo, não para que sejam livres, mas para que tomem sobre si um jugo mais pesado, que os protegerá com mais segurança da mãe: 2 Le roi est mort, vive le rot.³

² Ver L. Jekels “Der Wendepunkt im Leben Napoleons I,” *Imago*, em., 1914, e William Boven, “Alexander der Grosse,” *Imago*, viii., 1922.

Deve-se prestar atenção, além disso, à confissão característica do jovem Napoleão que, em 26 de outubro de 1798, escreve: “Raramente, talvez, haja um homem mais tímido do que eu. Quando envolvida em um plano militar, sou como uma garota esperando seu confinamento. Mas se eu tomei minha decisão, então tudo será esquecido, exceto o que irá contribuir para o sucesso. ”

¹ Ver Beate Rank, “Zur Rolle der Frau in der Entwicklung der menschlichen Gesellschaft” (palestra proferida na Associação Psicanalítica de Viena, maio de 1923).

² Bachofen (p. 31) deriva parricidium da lei romana, que originalmente significa o assassinato do rei ou pai, de pareo - suportar. “Na palavra parricídio, o ato do nascimento é especialmente enfatizado. Parricidium é o ultraje cometido à mãe primitiva em qualquer um de seus descendentes”(ver também A. J. Storfer, *Zur Sonderstellung des Vatermordes. Eine rechtsgeschichtliche und völkerpsychologische Studie*, 1911).

³ Ver também Paul Federn, *Die Vaterlosegesellschaft. Zur Psychologie der Revolution*, 1919, que chega à conclusão de que o homem não pode tolerar uma sociedade sem pai por muito tempo.

A mulher tem uma influência anti-social,⁴ que dá razões psicológicas para sua exclusão da vida social e política nas civilizações primitivas (club houses) e altamente desenvolvidas.¹ O homem a deprecia apenas conscientemente; no Inconsciente ele a teme. Por conta disso, ela também é dessexualizada e idealizada na Revolução Francesa como a Deusa da Razão. E na Grécia antiga, Atenas era representada como nascida da cabeça de Zeus. A “liberdade” (la Liberte) sempre teve uma forma feminina e remonta finalmente à libertação da prisão materna (o assalto à Bastilha).

4 Napoleão Buonaparte, quando tenente, escreveu um diálogo sobre o amor, no qual diz: “Afirmo que o Amor é prejudicial à sociedade, à felicidade do indivíduo; Eu acho que causa mais mal do que bem, e eu deveria considerar um benefício se a divindade libertasse o mundo disso.”

1 Em seu valioso trabalho sobre “Die Pubertätsriten der Wilden,” Th. Reik mostrou como o tornar-se homem é representado por uma repetição simbólica do nascimento, ou seja, por um desligamento da mãe (Imago, iv., 1915-16).

O desenvolvimento da dominação paterna em um sistema de estado cada vez mais poderoso administrado por homens é, portanto, uma continuação da repressão primária, ² que tem como propósito a exclusão cada vez mais ampla da mulher - apenas por causa da dolorosa memória do trauma do nascimento - até mesmo ao custo de estabelecer a descendência incerta (sempre incertus) do pai como fundamento de toda a lei (nome, herança, etc.). ³ A mesma tendência de excluir completamente a dolorosa participação da mulher na própria origem é preservada em todos os mitos em que o homem cria a primeira mulher, como, por exemplo, na história bíblica da criação.

2 Winterstein, além de Bachofen, já usou isso para a compreensão da formação de sistemas filosóficos (Imago, ii., 1913, pp. 194 e 208).

3 O juramento original prestado pelos testículos do pai (testículos) sobre o qual o nosso juramento ainda repousa (posição dos dedos), é para o Inconsciente sempre um juramento falso, visto que conhece a origem apenas da mãe, como os juramentos populares e as maldições provam suficientemente, o que indica clara e grosseiramente o corpo da mãe.

Que o nome “certo”, derivado do lado do corpo que fisiologicamente está menos preocupado com o trauma do nascimento e por isso é mais forte, mostra de que forma esses fatos biológicos determinam o desenvolvimento da humanidade. A esquerda, que aparece com tanta frequência nos sonhos do nascimento como o lado ameaçado, e que Bachofen reconheceu nas tradições míticas como a "materna", estava, devido às peculiaridades anatômicas dos seres humanos, ontogeneticamente destinada a ser considerada inferior (o nascimento normal está na posição esquerda). Da mesma forma, o simbolismo (ético) de direita e esquerda (significando mal) a que Stekel aludiu está enraizado no trauma do nascimento - na verdade, no estado intrauterino. Veja também as peculiaridades psíquicas dos canhotos (Fliess e outros), bem como a explicação de Ferenczi sobre a hemi-anestesia histérica, "Erklärungsversuch einiger hysterischer Stigmata" (Hysterie und Pathoneurosen, 1919). Além disso, há, no misticismo judaico, o conceito de que o esquerdo (feminino) repele, o direito (masculino) atrai, também conceitos semelhantes no misticismo chinês (Langer, Die Erotik der Kabbala, Praga, 1923, p. 125).

Parece, aliás, que uma série de descobertas têm por objetivo o estabelecimento permanente do poder do pai, assim como as criações da civilização anteriormente mencionadas visam a extensão permanente da proteção da mãe. Queremos dizer a descoberta de implementos e armas, todos os quais realmente imitam diretamente o órgão sexual masculino, que no desenvolvimento biológico anterior a qualquer civilização foi qualificado para forçar seu caminho para o material feminino maleável (mãe).¹ Como isso só pode ser alcançado a um grau que falha em satisfazer o Inconsciente, a tentativa realizada neste material substituto (materia) é levada a uma perfeição cada vez maior por meio de implementos que, como é bem conhecido, podem ser considerados como melhorias em outras ferramentas naturais, como mãos, pés, dentes, etc. Mas essa tarefa obtém seu incentivo inconsciente da libido da mãe, a saber, a tendência insaciável perpétua de forçar o caminho completamente para dentro da mãe. De acordo com isso está o fato surpreendente de que o próprio pênis, em consequência do medo primordial, não experimentou nenhum "alongamento" artificial semelhante ao representado pelas ferramentas para os outros membros,¹ e no qual até mesmo essa tendência parece ser deslocada, assim como a mãe é substituída pela materia. Nesse substituto alcançado involuntariamente (terra),² que é a primeira tarefa da adaptação cultural, agora parece ter ocorrido um afastamento decisivo e puramente físico da mulher como o objeto primordial da libido agressiva. Parece que na postura ereta do homem, ao ser levantado da terra, que recentemente se relacionou³ com a invenção das ferramentas, podemos ver o passo decisivo no processo de tornar-se realmente homem, ou seja, na superação cultural do trauma do nascimento ao desviar-se dos órgãos genitais femininos para um ajustamento ao mundo externo genitalizado, que, novamente, em última análise, tem apenas um significado materno.

1 Fritz Giese, "Sexualvorbilder bei einfachen Erfindungen," Imago, iii., 1914.

1 Em contraste com a intensificação do prazer no próprio ato sexual, como mostram os costumes (citado p. 41, nota de rodapé 2) dos povos primitivos, e que podemos considerar psicologicamente como um "preservativo" do medo de ser completamente engolfado .

2 De acordo com as investigações bioanalíticas (até então não publicadas) de Ferenczi, a própria terra parece ser um substituto para a mãe primordial de todos os seres vivos, a água do mar (Meer als Muttersymbol).

3 Paul Alsborg, Das Menscheitsrätsel. Versuch einer prinzipiellen Lösung (1922), que tenta representar a perfeição do homem ao contrário, como resultado do uso de instrumentos e, de fato, originalmente como resultado de atirar pedras com as mãos.

As armas em sua origem estavam intimamente ligadas a ferramentas ou implementos. Pode-se supor que originalmente eles eram até idênticos e eram usados ao mesmo tempo para a elaboração do material, como para a caça (matança). A própria caça novamente se conecta diretamente à substituição do alimento da mãe e, na verdade, tanto mais diretamente quanto mais voltamos. O sangue quente dos animais mortos era bebido em continuação direta da alimentação intrauterina, e a carne crua era engolida - ecos remanescentes dos quais ainda chegam até nós nos mitos da deglutição, onde o herói no interior do animal come de suas partes moles . A "incorporação" da carne do animal, ao significado materno a que recentemente aludiu Roheim, 1 deve ser interpretada ainda na fase do sacrifício paterno totêmico, no sentido da situação intrauterina como uma dádiva da criatura devorada. força; assim como a pele de leão em que Hércules se cobriu emprestou-lhe não apenas a força do animal macho (pai), mas também a invulnerabilidade da criança protegida no útero (compare com isso a caça africana sob a "proteção" do cordão umbilical) Mas aqui devemos nos lembrar que, afinal, toda proteção contra perigos elementais ou ataques humanos (com armas), seja um buraco na terra ou árvores ocas, o escudo móvel ou carruagem de guerra, submarino ou tanque, em última análise significa um fuga para a cobertura protetora da mãe.2 A pele quente (pele), que também foi a primeira cobertura protetora do homem contra o frio, é, portanto, a contrapartida real para a penetração mítica no corpo quente do animal.3 Parte da ambivalência dos sacrifícios posteriores dos animais, que já está na palavra "sacrifício", é explicada a partir dessa significação libidinal materna e se expressa no lamento de que a realização parcial dessa situação primitiva esteja ligada ao assassinato da mãe (sadismo). A morte da mãe é substituída posteriormente pela imponente morte sacrificial totêmica do pai primevo, inteiramente no sentido da substituição anteriormente mencionada do objeto libido materno pelo ideal do Ego paterno.

1 “Nach dem Tode des Urvaters.” Palestra proferida no Congresso em Berlim, setembro de 1922, *Imago*, ix., 1, 1923.

2 Isso é mostrado na tradição clássica, segundo a qual as mulheres persas detiveram a fuga em pânico de seus maridos e filhos dos medos, revelando sua vergonha; rogantes num in uteros matrium vel uxorum velint refugere (Plutarco, *De virt. mulierum*, 5).

3 O envolvimento do corpo na pele quente do animal recém-morto vale hoje entre as pessoas como um meio curativo porque estabelece a situação pré-natal.

O âmnio, envolvendo o embrião, era conhecido por Empédocles pelo nome de “pele de ovelha” (ver Schultz, *Dokumente der Gnosis*, 1910, pp. 22 e 128). Assim, roupas feitas de material animal, ainda predominantes hoje, provam ser uma proteção corporal simultânea contra o frio (que se experimentava pela primeira vez no nascimento) e gratificação libidinal por meio de um retorno parcial ao corpo quente da mãe.

Esse período de transição é ilustrado de maneira muito bela no grande festival mexicano da primavera (Ochpaniztli - para varrer), no qual uma mulher representando a deusa Tlazolteotl foi morta ao cortar sua cabeça. “Então a pele foi arrancada do sacrifício. Com esta pele um sacerdote se cobriu, e daí em diante representou a deusa nas cerimônias posteriores. Da pele da coxa do sacrifício foi feita uma máscara (schenkelmaske) com a qual o filho da deusa, o deus do milho, Cintcotl, foi vestido” (Danzel, *Mexiko*, i., P. 43). Esses estranhos costumes também representam um nascimento (o do deus do milho) que é simbolizado nas imagens da deusa pela atitude extensa das pernas (que parece estar conectada com a máscara da coxa desenhada sobre a cabeça do filho). É óbvio, além disso, que a transição do sacrifício da mãe (a deusa) para o sacrifício do pai (o sacerdote) ocorre por meio do filho, que no decorrer desse sacrifício entra novamente na mãe. Pois o sacrifício humano original, preservado em sua forma mais pura no culto mexicano, não deixa dúvidas quanto ao fato de que a vítima sacrificada era idêntica àquela enviada de volta à mãe, e que o próprio ato sacrificial foi realizado para cancelar o processo de nascimento.¹ “A ideia do sacrifício em cativo dominava tanto a opinião dos mexicanos que até o nascimento de uma criança era comparado com a captura de um prisioneiro. A mulher que deu à luz é a guerreira que fez prisioneira, e a mulher que morre no parto é a guerreira que caiu nas mãos de um inimigo e é morta na pedra do sacrifício” (Danzel, *Mexiko*, i., p. 29).² Conseqüentemente, encontramos na festa Toxcatl um menino vítima, que foi adorado por um ano como o deus e como representante deve ser sacrificado. Este ano está em conformidade com o período embrionário de 260 dias anteriormente

mencionado, durante o qual o menino está constantemente rodeado por oito páginas, sendo acrescentada uma menina (como nona companheira) nos últimos vinte dias, (ver Fuhrmann, Mexiko, in., P. . 15).

1 No roteiro de imagem mexicano, a vítima é principalmente representada como uma figura em colapso com membros retraídos e cabeça para baixo (Danzel, Mexiko, vol. I.).

2 Essa concepção é psicanaliticamente explicada por Alice Balint, "Die mexikanische Kriegshieroglyphe atltlachinolli" (Imago, ix., 4. 1923).

Acreditamos ter entendido o "simbolismo" como o meio mais importante para o ajuste à realidade, no sentido de que todo "conforto" que a civilização e o conhecimento técnico continuamente buscam aumentar apenas tenta substituir por substitutos duráveis o objetivo primordial do qual, no sentido do chamado desenvolvimento, ele se torna cada vez mais afastado. A partir desse fato, o caráter peculiar do símbolo é explicado e as reações tão peculiares a ele dos seres humanos, que facilmente o reconhecem em certas conexões, mas em outras conexões se afastam dele com indignação. Pois o próprio mundo real, criado pelo homem, provou ser uma cadeia de formações de símbolos, ininterruptamente renovada, que deve representar não apenas um substituto para a realidade primordial perdida que eles copiam o mais fielmente possível, mas ao mesmo tempo devem lembrar nos o menos possível do trauma primordial relacionado a ele. Isso explica, entre outras coisas, como uma invenção moderna, por exemplo, o "Zeppelin", pode ser usada como um símbolo inconsciente; porque ele próprio é modelado no protótipo inconsciente que reconhece nele apenas a si mesmo. E assim, em todas as descobertas práticas, é em última análise apenas uma questão de redução das resistências externas a uma gratificação produtiva da libido, aproximando-se o mais possível da condição primária. Isso é demonstrado a partir da análise da mania de inventar, que Kielholz tentou em um trabalho interessante.¹ Em alguns de seus casos, é óbvio que o paciente que deseja descobrir o perpetuum mobile ou a quadratura do círculo deseja, dessa forma, resolver o problema de morar permanentemente e caber no útero da mãe. Em outros casos de invenções elétricas (aparelhos através dos quais correm correntes quentes invisíveis), etc., um estudo detalhado dos delírios dos pacientes deve mostrar claramente sua importância como uma reação ao trauma do nascimento.²

1 "Zur Genese und Dynamik des Erfinderwahns." Uma palestra proferida no Congresso de Berlim, 1922.

2 Veja a conjectura de Tausk de que as "correntes elétricas" dos esquizofrênicos talvez representem a sensação do primeiro nervo e músculo funcionando do recém-nascido (l.c., p. 28, nota).

Assim, reconhecemos a "formação de símbolos" como o fenômeno primordial essencialmente humano que permite aos seres humanos se tornarem diferentes dos animais, e em vez de mudarem seu próprio corpo (autoplástico),¹ como no caso da girafa, que se estende "até o cobertura" - isto é, para a comida - para mudar ou moldar o mundo externo da mesma maneira em uma cópia exata do Inconsciente (aloplástico). No entanto, ainda resta para nossa consideração os meios intelectuais de expressão que, junto com a posição ereta do homem, o separam fundamentalmente dos animais. Quero dizer, é claro, a fala e seu desenvolvimento. A notável descoberta da análise, de que, por um lado, no simbolismo como linguagem universal silenciosa², temos semelhanças que se estendem muito além das fronteiras da fala e, por outro lado, que assonâncias linguísticas desconcertantes e sons semelhantes podem ser encontrados entre os povos nos quais uma influência direta parece excluída - esta descoberta torna-se inteligível assim que entendemos o "simbolismo" não como um sedimento da formação da fala, e a formação da fala como um desenvolvimento contínuo do "simbolismo primordial". Pode-se supor que os sonhos de animais que passam por um desenvolvimento fetal reproduzam a situação no útero, mas carecem dos meios de expressão linguística tão característicos dos seres humanos. O modo como o homem atingiu isso está naturalmente conectado com o desenvolvimento filogenético dos centros e funções superiores. Mas, em certas partes do desenvolvimento individual, a origem e a função dos sons animais são estreitamente paralelas ao estágio primordial da fala articulada. A primeira reação após o nascimento é o choro que, ao abolir violentamente a dificuldade de respirar, pode presumivelmente aliviar uma certa dose de ansiedade.¹ O mesmo choro é então repetido como um desejo pela mãe, de onde a formação dos lábios, praticada por o bebê ao seio, leva como motivo de desejo à formação da sílaba humana universal ma? Isso nos permite apreender a formação do som a partir do símbolo *in statu nascendi*; ³ pois os lábios formados para a sucção representam a primeira substituição da mãe por uma, por assim dizer, tentativa autoplástica. Se o desejo que causa a formação de sucção dos lábios não for satisfeito, então novamente é liberado o primeiro grito doloroso de ansiedade que sinalizou a separação da mãe. Essa concepção também se encaixa na teoria do apelo sexual sedutor, que só repete no nível sexual o desejo de reencontro com o objeto. Naturalmente, também na formação da palavra e da fala, que está constantemente se tornando sexualizada, em seus estágios posteriores uma boa parte do simbolismo primordial prova estar sobrevivendo e trabalhando.⁴ Da mesma forma, no próximo estágio de substituição de palavras, a saber, na escrita e em sua etapa anterior do desenho (escrita pictórica), grande parte ainda é desempenhada pelo simbolismo, que o artista sabe então utilizar para fins de fruição estética, redescobrimo-o e reproduzindo-o de sua maneira especial. Embora os efeitos dolorosos de ansiedade vistos nas análises de distúrbios na fala (gagueira - gagueira), bem como nos neologismos e nas distorções da fala dos doentes mentais, novamente regridam à significação do símbolo original.

1 De acordo com Ferenczi, "Hysterische Materialisationsphänomene" (Hysterie und Pathoneurosen, 1919, p. 24); além disso "que aparece na histeria uma parte do fundamento orgânico sobre o qual o simbolismo do psíquico é construído", p. 29

2 Mesmo Schelling enfatizou em uma obra de sua juventude que a "linguagem mais antiga do mundo não sabia nada mais do que indicações sensuais de conceitos." Veja também o trabalho de Hans Apfelbach, *Das Denkgefühl. Eine Untersuchung über den emotionalen Charakter der Denkprozesse*, Viena, 1922. 1 Do choro forçado, um caminho direto leva, de acordo com a teoria filogenética de Pfeifer, à formação da voz e ao canto (Conferência do Congresso, Berlim, setembro de 1922). De acordo com as conclusões analíticas, o caminho para a música parece ramificar-se diretamente não do trauma do nascimento, mas da situação intra-uterina.

2 Ver também S. Spielrein, "Die Entstehung der kindlichen Worte Papa und Mama," *Imago*, VIII, 1922.

3 A American School of Behaviorists diz que as palavras foram inicialmente formadas plasticamente na laringe.

4 Ver Hans Sperber, "Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache," *Imago*, I., 1912; e Berny, "Zur Hypothese des sexuellen Ursprungs der Sprache", *Imago*, ii., 1913.

1 Cfr. Freud, "The Unconscious", 1915, *Coll. Papers*, vol. iv., p. 129 ff.

Assim, examinamos todo o círculo da criação humana, desde o sonho noturno do desejo até o ajuste à realidade, como uma tentativa de materializar a situação primordial - ou seja, desfazer o trauma primordial. A partir dessa pesquisa, o chamado avanço no desenvolvimento da civilização provou ser uma tentativa continuamente repetida de ajustar à remoção forçada da mãe a tendência instintiva de retornar a ela. Seguindo o caminho do desenvolvimento da cultura, vamos agora traçar a abordagem inconfundível do trauma primordial na expressão "De volta à natureza!" Mas se olharmos mais de perto a relação do homem com a Natureza, reconheceremos nela apenas um tipo mais claro de assimilação antropomórfica que resulta na apercepção de tudo o que é cósmico no mesmo significado inconsciente que a cultura tenta reproduzir. Na mitologia, vemos a sobrevivência mais sublime do que talvez seja o ajuste mais primitivo, tanto no sentido filogenético quanto no ontogenético. Pois a criança recém-nascida

não poderia viver a menos que aquela parte do mundo externo que ficava mais próxima a ela e, finalmente, o próprio mundo, fossem imediatamente transformados em um substituto para a mãe; sejam as mãos da parteira, ou a água morna, ou mais tarde os panos, a cama, o quarto, etc. A contrapartida filogenética é mostrada nos mitos onde primeiro a terra tangível, e depois os céus apenas por conta de sua inatingibilidade, aparecem como a cobertura protetora da mãe. Antes da terra, por assimilação à vida intrauterina, a água representava a fonte primordial materna, ao passo que esse significado é dado também ao sol como fonte de calor e continua existindo ainda no “simbolismo” do fogo. As montanhas com seus buracos e cavernas, com suas florestas (cabelos), eram vistas como uma gigantesca mãe primitiva, enfatizando especialmente a característica protetora. Com o avanço do conhecimento da inadequação de todos esses substitutos dados, chegamos a uma criação real de formações culturais possivelmente mais adequadas e, na medida em que essas também são insuficientes, temos a ingênua fantasia compensatória paralela - formações do Paraíso e uma vida futura, como utopias realistas ou como terras idealistas do desejo.

Com relação, então, às criações do homem - isto é, civilização no sentido mais estreito e amplo - temos que lidar com ajustes à realidade e fantasias suplementares que se estendem dos atos biologicamente instintivos aos socialmente conscientes, e que, do ponto de vista do ajustamento da realidade ao Inconsciente, pode ser considerado como o verdadeiro princípio do desenvolvimento do homem.¹ No que diz respeito à absorção da Natureza neste “círculo-símbolo” dado pelo longo período da fase fetal humana, temos de lidar com o mecanismo de projeção mítica por meio do qual só o homem está em posição de subsumir a “Natureza” dada sob essas formas primitivas inatas. Sob esta luz, podemos explicar os mitos da criação do mundo e dos “pais do mundo”, que, no processo de assimilação cósmica, preservaram para nós as mais sublimes tentativas de “desfazer” o trauma do nascimento, de negar a separação da mãe. ¹ O primeiro reconhecimento consciente dessa separação foi reservado para a teoria filosófica da cognição com sua distinção entre o Ego e o não-Ego, depois que a especulação filosófica se exauriu sobre o problema da “identidade”, que em última instância está oculta na relação fisiológica mãe e filho.

¹ Brun mostra os primeiros estágios biológicos disso no reino animal (“Selektionstheorie und Lustprinzip,” *Internat. Zschr. F. Ps.A.*) ix., 2, 1923). Declarações preliminares de Ferenczi, “Hysterische Materialisationsphänomene,” 1919, p. 31

¹ Da mesma forma, as fantasias e mitos do fim do mundo (Schreber) que atingem na “separação” mais radical a reunião mais íntima (absorção no Todo). O Dilúvio que inicia um novo período mundial nada mais é do que uma reação “universal” ao trauma do nascimento, como também mostram os mitos sobre a origem da terra ou do mar. Além disso, aqui parece

estar a chave para a compreensão das tradições de um novo período mundial. Tratarei disso em outro lugar.

COMPENSAÇÃO HERÓICA

Quando olhamos para trás, de nosso ponto de vista recém-adquirido para a investigação psicanalítica dos mitos, notamos que foi aqui, onde o material fala uma linguagem mais universal do que nas neuroses e psicoses, que a importância do trauma do nascimento foi trazida pela primeira vez para nós. Já "O Mito do Nascimento do Herói", que Freud com sua observação aguda havia reconhecido como o núcleo da formação do mito, poderia ter lançado luz total sobre a questão se tivéssemos sido participantes dessas experiências analíticas, pois eles teriam encorajado-nos a admitir um valor ainda maior nesses "contos de fadas" e, de acordo com a injunção de Freud, ¹ a retraduzir esses fenômenos de projeção para a psicologia. Em vez disso, a tendência humana geral de reagir com repressão a qualquer abordagem muito clara para o reconhecimento do trauma primário, levou a uma evaporação deste primeiro insight claro sobre a interpretação ética anagógica dos mitos de Jung.

O mito do nascimento do herói começa, como se sabe, com a situação da criança no ventre protetor (caixinha), onde já é perseguida pelo pai, que - no sentido da realização do desejo primordial - não quer que a criança venha ao mundo. O resto do destino do herói nada mais é do que resolver esta situação, ou seja, a reação a um trauma de nascimento especialmente grave, que deve ser dominado por realizações supercompensatórias, entre as quais a mais proeminente é a recuperação da mãe.

1 Ver The Psychopathology of Everyday Life (último capítulo).

Pois essas conquistas, conhecidas como feitos de um herói, são utilizadas no mito exatamente como na neurose e todas as outras criações do Inconsciente com o propósito de reconquistar a situação primordial da mãe, com a consequência de que o pai é combatido como o principal objeto de resistência. Como reconhecemos no neurótico um ser humano que não pode, sem dano, superar o afeto primordial da ansiedade que surge no trauma do nascimento, o herói representa o tipo que, estando livre de ansiedade, busca superar um trauma do nascimento aparentemente especialmente severo por uma repetição compensatória disso em seus atos. E assim, nas fantasias de desejo subsequentemente formadas (infantis), o herói é regularmente retirado do útero da mãe e poupado desta forma desde o início do trauma da ansiedade. Por outro lado, este tema do mito do nascimento do herói mostra como foi difícil para o herói, no início, deixar o útero protetor para o qual, por trás da máscara de tão ousados atos de reforma e conquista, ele constantemente se esforça para voltar. . O tema da invulnerabilidade heróica também deve ser explicado como uma espécie de útero permanente, que o herói traz consigo ao mundo como armadura, pele córnea ou capacete (capuz mágico),¹ mas que ainda trai no único lugar mortal, como, por exemplo, o calcanhar de Aquiles, com que força até mesmo o herói já foi puramente fisicamente ligado à mãe.² Por conta disso, o motivo da exposição, que simultaneamente representa o retorno à mãe e o trauma do nascimento (mergulho), tenta um segundo e menos doloroso rompimento com a mãe por uma reprodução fantástica da situação primitiva. Por outro lado, o motivo das duas mães, que Jung interpreta como símbolo do renascimento, remete, por meio de sua caracterização como mãe e ama (alimentada por animais), diretamente ao segundo trauma do desmame. Reminiscências autênticas dos dois traumas primários vivenciados estão, portanto, na base dos mitos exatamente como estão nas neuroses. Isso pode ser ilustrado por uma breve referência ao mito de Hércules, que relata expressamente como foi difícil o nascimento de Hércules. E é descrito em detalhes que, quando ele, ainda lactente, foi exposto por sua mãe, ou seja, expulso do útero, ele foi levado pela deusa mãe Hera ao seio. Mas o menino vigoroso causou-lhe tanta dor (como a Saga relata posteriormente) que ela jogou a criança no chão com raiva.¹ Dificilmente se poderia esperar uma lembrança mais clara desses primeiros traumas, mesmo em análises, a menos que fossem na forma de reproduções neuróticas que, no entanto, se manifestam na supercompensação heróica como atos heróicos.

1 Aqui também pertencem as “nuvens” ou “névoa” de Atenas, protegendo os heróis troianos em perigo. Às vezes, o herói nasce com armadura completa, como Uitzilopochtli, o herói tribal dos astecas.

2 Em contraste com a cabeça “protegida” (caul, coroa), que sai primeiro do útero, os pés, que saem por último, são principalmente a parte fraca. Os pés inchados de Édipo, além do calcanhar de Aquiles, mostram que se trata daquela parte do corpo que realmente ao sair tocou os órgãos genitais da mãe por último. Isso também explicaria como esse ponto fraco pode mais tarde se tornar um representante "simbólico" dos próprios órgãos genitais (pé = pênis, medo de castração).

Além disso, a teoria de Adler sobre a inferioridade do órgão e sua supercompensação (Aquiles é chamado de "pés rápidos"), que o autor tenta estabelecer como uma herança embriológica, parece individualmente enraizada na reação ao trauma do nascimento.

1 Cfr. O Mito do Nascimento do Herói, onde tradições semelhantes são citadas.

Também Aquiles, o herói posterior dos emigrantes *Æolianos*, mostra em seu nome os sinais do trauma do desmame; ele é chamado de sem-lábios (acheilos), porque sua mãe havia queimado seu lábio no fogo onde o colocou para torná-lo imortal.

A reação típica ao trauma primário é mostrada mais ingenuamente nos contos de fadas infantis do que na formação do herói, marcada como esta com a marca da compensação mítica; especialmente naqueles contos de fadas em que o próprio herói, ainda criança, é representado como uma espécie de herói passivo. Além do já valorizado conto de fadas do nascimento de "Chapeuzinho Vermelho", que não esquece nem mesmo a asfixia da criança cortada da barriga do lobo, e a congestão de sangue na cabeça (capuz vermelho), (e suas variações, "The Seven Kids" e outros), pode-se mencionar aqui o conto de fadas de Hansel e Gretel, talvez a representação mais clara do tema do nascimento. Isso novamente retrata a mãe primitiva (bruxa) como um animal que engole os filhos e mostra como a situação pós-natal de necessidade corporal (fome) ² é continuamente substituída por novas representações do útero e seu suprimento irrestrito de alimento; como o motivo utópico da casa comestível, ou a gaiola onde alguém é tão ricamente alimentado que finalmente precisa escapar, mas apenas para voltar novamente ao forno de cozimento quente.

1 Ver meu *Psychoanalytische Beiträge zur Mythenforschung*, 2ª edição, p. 67

2 Devo deixar em aberto a questão de até que ponto o trauma primitivo da Idade do Gelo, que pode ser representado no mito do Dilúvio, encontra um paralelo próximo e uma explicação no trauma ontogenético primordial do indivíduo. O Inconsciente ainda conhece as mudanças repentinas de temperatura, os opostos de quente e frio, como reproduções típicas do trauma do nascimento, representado no sonho como em certos distúrbios vasomotores neuróticos, como calafrios e rubor, etc. a experiência individual parece ter influenciado nossa ideia da Idade do Gelo, cuja concepção científica ainda não foi provada de forma alguma. Provavelmente, não se trata de um, mas de vários períodos de resfriamento que avançam lentamente e que o indivíduo, aliás, não poderia ter percebido de forma alguma. No entanto,

por meio da teoria bioanalítica das catástrofes de Ferenczi, ambas as concepções poderiam ser unidas no terreno da filogênese.

Fuhrmann nota que os contos de fada originalmente eram contos de inverno, ou seja, eram contados apenas no inverno para dar consolo durante os longos meses sombrios (Das Tier in der Religion, Munich, 1912, p. 53). Também se pode comparar sua interpretação da saga dinamarquesa do rei Lindwurm (dragão) no significado de nascimento (p. 51 e seguintes).

1 O conhecido simbolismo de nascimento de pão e panificação, que Fuhrmann apresentou recentemente (ver Der Sinn im Gegenstand, p. 6).

Um segundo tipo de conto de fadas não apresenta mais a criança em suas reações diretas ao trauma do nascimento, mas como o jovem amadurecido em sua vida amorosa. Essas narrativas populares do príncipe encantado de sucesso, 2 que resgata a virgem que lhe foi destinada e a ganha contra a oposição de todos os seus irmãos rivais, devem, a nosso ver, ser entendidas em relação ao trauma sexual, ou seja, como a reação da libido primordial à heterossexualidade.

2 Além disso, o "Romance de Família", formando uma base para os mitos do herói e aparecendo de forma bastante ingênua nos contos de fadas, além de sua tendência enobrecedora consciente e a aversão inconsciente ao pai, tem o significado final de cancelar o próprio nascimento.

Enquanto no mito do nascimento o herói é salvo pela mãe - isto é, escondido no útero, longe do pai³ - para mais tarde, como um reformador social e ético, impor a civilização progressiva contra a geração paterna mais velha, 4 a família O romance do Príncipe das Fadas nos revela o resgate da mãe (ou da figura da filha) do poder de um tirano malvado como motivo de vingança. Mas os contos de fadas típicos da libertação revelam-nos como ele está em posição de fazer isso e o que significa, em última análise, a vitória destemida sobre todas essas aventuras aterrorizantes. Os detalhes típicos da libertação mostram muito claramente que o resgate da mulher do sono da morte representa nada mais do que a reavaliação do próprio nascimento por meio da "mentira heróica". A dificuldade e o perigo de sair são, portanto, substituídos pela dificuldade de entrar ou penetrar - por exemplo, os espinhos ao redor da

Bela Adormecida, as chamas ao redor de Brunnhilde, escalar montanhas de vidro escorregadias ou passar por rochas que se fecham, etc. A quebra final da cobertura protetora é representada pela fenda da armadura, a abertura dos caixões ou o rasgo das vestimentas, nas quais a menina parece estar encerrada. Que todas essas ações também sejam obviamente símbolos de defloração, só reforça a ideia de que o coito em si só se preocupa em remodelar de forma prazerosa o ir para a mãe, de modo que o ideal fisiológico da virgindade se revele não apenas uma renúncia, mas também substituição direta pelo ideal materno.¹ O fato, importante para a compreensão dos contos de fadas, de que por trás da significação genital dos símbolos existe também a significação do nascimento, ² refere-se ainda à dupla qualidade do prazer e da dor no parto, e mostra como a ansiedade decorrente do trauma do nascimento pode ser superada pelo amor “redentor”. Portanto, o resgate da mulher adormecida pelo herói destemido tem como fundamento a negação da ansiedade do nascimento. Isso fica claro nos contos em que o herói, depois de matar o dragão do qual resgata a virgem, ¹ cai em um sono mortal durante o qual sua cabeça é cortada e depois recolocada de costas (situação de nascimento). ² O sono mortal, como em todos os estados de hipnose, rigidez (transformando-se em pedra), etc., mas da mesma forma nos sonhos e em todas as condições neuróticas e psicóticas, é, portanto, reproduzido como um detalhe típico da situação intrauterina.

³ O tipo de lendas do canibalismo. Tentativas de sua análise em meu tratado, “Die Don Juan-Gestalt” (Imago, viii., 1922).

⁴ Como “fundador de uma cidade”, ele tenta materializar de novo a situação primordial da proteção material.

Mesmo na Psicogênese dos reformadores intelectuais, do herói mental, como talvez representado com mais clareza por Nietzsche, reconhecemos na “libertação” de todas as tradições e convenções a mesma tendência ao desapego.

¹ A penetração é tanto mais prazerosa quanto mais traz à memória as dificuldades de sair. Por outro lado, a virgindade diminui a ansiedade primária, já que ninguém pode ter estado lá dentro. Cf. também o tratado de Freud, “The Taboo of Virginity”, Coll. Papers, vol. iv., 1918.

² A título de exemplo, gostaríamos de dizer que o simbolismo “filogenético” pode ser provado a partir do conto de fadas do Príncipe-Sapo, onde o sapo representa não só o pênis, mas também o feto.

1 Na cosmologia babilônica, o mundo é feito do corpo do monstro Tiamat, que foi cortado em dois.

2 Por exemplo, nos “contos de fadas do irmão”. Ver meu *Psychoanalytische Beiträge zur Mythenforschung*, 2ª edição, cap, vi., P. 119 ff.

3 Aqui se enquadra o tema da fecundação (coito) no sono, retratado na forma de anedota ou romance.

Isso também deixa claro por que sempre deve ser o mais jovem quem aparece como o herói em preferência aos irmãos. Seu apego à mãe não se baseia apenas nos motivos psíquicos de ternura e mimos (o filho pequeno da mãe), pois isso em si tem um fundamento biológico. Ele permanece fisicamente como que permanentemente apegado a ela, porque ninguém depois dele ocupou o lugar, na mãe (motivo da virgindade). Assim, ele é realmente o único para quem voltar ao útero e aí permanecer seria possível, para quem é, por assim dizer, uma recompensa. Os irmãos mais velhos, de fato, procuram em vão disputar seu lugar, que apesar de sua “estupidez” característica ele luta e mantém.⁴ Sua superioridade consiste realmente no fato de que ele vem por último, e, por assim dizer, impulsiona os outros longe. Nisso ele é como o pai, com quem só ele, e pelos mesmos motivos, é capaz de se identificar.

⁴ Essa tolice, que sempre é retratada como inexperiência sexual (Parsifal dorme várias noites ao lado de sua amada sem tocá-la), parece corresponder à situação original de gratificação da libido, como mostram as narrativas africanas que Frobenius ouviu dos hamitas no distrito do Nilo. Lá, o filho de um rei frequentemente dorme por meses a fio com uma princesa, todas as noites "eles se abraçam com as pernas" e "sugam constantemente os lábios". Depois de meses, segue-se a descoberta. O príncipe é sacrificado dentro de um centímetro de sua vida. Então sua posição é revelada, o casamento é celebrado e consumado, e na noite de núpcias “ele encontrou uma concha de mexilhão não perfurada e manchas de sangue no lençol” (*Das Unbekannte Afrika*, p. 77).

Ao mesmo tipo de mitos de libertação pertence também a lenda bíblica do Paraíso onde, como uma reversão direta da ocorrência real, a mulher é cortada do homem, ou seja, o homem nasce “como um herói”, porque ali ele é aquele que cai no sono mortal.¹ A expulsão do Paraíso que se seguiu, que se tornou para todos nós o símbolo da abençoada condição primordial inalcançável, representa mais uma vez uma repetição do parto doloroso, a separação da mãe pelo pai a que homens e mulheres estão sujeitos da mesma forma. A maldição que se segue ao pecado original de nascimento, "Com dor darás à luz teus filhos", divulga claramente o motivo que está na base de toda a formação do mito, que é, a saber, tornar sem efeito o trauma primordial cujo inevitável a repetição contínua é expressa na comparação da fruta. A ordem de não comer do fruto da árvore do Paraíso mostra a mesma relutância, no sentido do trauma do nascimento, em separar o fruto maduro do caule materno como, no mito do nascimento do herói, a hostilidade original do pai à vinda do herói ao mundo. Além disso, a pena de morte decretada pela quebra deste mandamento mostra claramente que a ofensa da mulher consiste em quebrar o fruto, ou seja, dar à luz, e aqui, novamente, no significado da tendência de retribuir, a morte prova ser uma reação de desejo ao trauma do nascimento.

1 A respiração pelas narinas novamente se refere à dispneia que acompanha o recém-nascido. A posterior doutrina do pneuma grega e do Novo Testamento tem sua raiz aqui.

Como já indiquei amplamente em O Mito do Nascimento do Herói e declarei totalmente no Lohengrinsage, essa ideia é válida para todas as tradições míticas da morte do herói e é revelada na maneira como ele morreu e no enterro costumes de todos os povos e épocas, de uma forma que muitas vezes nos surpreende, mas bastante familiar ao nosso Inconsciente. Não é de forma alguma determinado, como Jung concluiu a partir do conteúdo manifesto, pela ideia de renascimento, carregado desde o início com a maldição da morte (reencarnação), mas deve ser entendido a partir do conceito Inconsciente da própria morte como um retorno eterno para o útero. Todo aquele que nasce afunda novamente no útero do qual ele ou ela uma vez veio para o reino da luz, despertado pela ação do homem. Na verdade, os antigos reconheceram nesta retomada dos mortos a mais alta expressão de amor maternal que mantém a fé com sua prole no momento em que ela permanece abandonada por todos (Bachofen) .² Bachofen demonstrou isso muito bem ao trazer a morte Nêmesis surgindo do ovo (do pássaro), 1 bem como em várias outras deusas antigas do submundo e da morte. “Vemos como esse ponto de vista exigia uma jumenta e (no mito de Oknos) uma fêmea de Typho, e reconhecemos a estreita ligação que une a jumenta à mãe da morte em forma de ovo nos monumentos das harpias da Lícia , com o sepultamento da filha do Rei no corpo de vaca

expressamente feita para esse fim (Herodes., 2.131), com o caráter estéril e mortal da Minerva gorgônica, com a representação de enormes mães graves, e com a nomeação demetria dos mortos. Em toda parte a Mulher aparece como portadora da lei da morte e, nessa identificação, ao mesmo tempo aparece como afetuosa e como uma sombria potência ameaçadora, capaz da mais profunda simpatia, mas também da maior severidade, como as harpias maternas e os Esfinge egípcia-fenícia que carregava em si a lei de toda a vida material "(Oknos, p. 83). De acordo com Bachofen, isso também explica por que os homens foram excluídos dos antigos ritos de luto (cf. as "Mulheres lamentando" no cadáver de Heitor e as mulheres de luto ao pé da cruz), e o cerimonial da morte "feminina", como sobrevive mesmo nas superstições do povo alemão em ritos ininteligíveis isolados; por exemplo, as tábuas de cadáveres do sul da Alemanha, que não têm outro propósito senão permitir que os mortos toquem a madeira materna; além disso, carregando o cadáver primeiro com os pés para fora da casa - portanto, na posição de nascimento invertida - e despejando água atrás dele (líquido amniótico).²

1 Na zona polar, os mortos são colocados em posição agachada em um receptáculo prismático com uma pele esticada sobre ele; da mesma forma, também no antigo Egito, antes da época do embalsamamento, em uma posição agachada, envolto em uma pele (Fuhrmann, *Der Grabbau*). Na Nova Guiné, os cemitérios ficavam embaixo das casas das mulheres. Na civilização posterior, a esposa do morto era enterrada com ele ou, se ele fosse solteiro, uma viúva ou jovem era sacrificada, posteriormente substituída pelas chamadas "concubinas dos mortos" (figuras femininas nuas de argila) (*Handwörter der Sex. Wiss.*).

2 Oknos der Seilflechter. Erlösungsgedanken antiker Gräbersymbolik (nova edição, Munique, 1923, p. 81). O Motivo Oknos pertence à série de obras do submundo que entenderemos no próximo capítulo como a conversão da situação prazerosa primordial em uma situação dolorosa; ele torce sem cessar uma corda, cuja outra ponta é engolida por uma bunda (apego ao cordão umbilical).

1 "No monumento da Harpia Lícia, o próprio ovo forma o corpo do pássaro. O ovo e a galinha aqui ocorrem juntos. O que o mito reúne através da representação da filha (Leda) e da relação materna, a arte plástica dá de forma mais completa" (*Mutterrecht*, p. 70 ss.)

2 De acordo com Lorenz, l.c., p. 75. Veja também a sentença do Rigveda (x., 18, 49 e 50), pronunciada ao lado do túmulo, para a terra: "Penetre agora na mãe terra, no muito espaçoso, amplo e santíssimo. Macia como a lã é a terra para aquele que oferece o sacrifício, ela te protege em tua jornada futura. . . . Erga-te, ó espaçoso; não pressione para baixo, seja facilmente acessível a ele e facilmente acessível. Como a mãe cobre o filho com a ponta da roupa, cubra-o também, ó Terra."

Como esse simples símbolo mítico da mãe se transforma na imagem da punição eterna característica da religião que Bachofen mostrou de uma maneira particularmente bela no Mito de Danaïdes (Oknos, p. 89 e seguintes). Portanto, se mesmo a pena de morte, que na narrativa bíblica repete e inflige a expulsão do Paraíso, finalmente parece ser a mais definitiva realização do desejo do Inconsciente, isso está em completa harmonia com a concepção infantil de morrer, ou seja, um retorno ao o lugar de onde um veio. Nas lendas do Paraíso e da Idade de Ouro, temos diante de nós uma descrição dessa condição primordial, com ênfase no lado prazeroso dela, enquanto os grandes sistemas de religião, dualista desde o início no significado da ambivalência neurótica compulsão, representam as formações de reação ética contra a eclosão desse anseio temeroso de voltar e as tentativas de sublimá-lo.

SUBLIMAÇÃO RELIGIOSA

Toda forma de religião tende, em última instância, à criação de um Ser primordial que auxilia e protege a cujo seio se pode fugir de todos os problemas e perigos e a quem finalmente retorna em uma vida futura que é uma imagem fiel, embora sublimada, de uma vez Paraíso perdido. Essa tendência é desenvolvida de forma mais consistente na mitologia cristã, resumindo e abrangendo toda a visão do mundo antigo. A mitologia cristã, com seu céu ricamente povoado, representou uma re-humanização da antiga mitologia oriental do céu; ao qual, em um estágio posterior de repressão, foi ligada a astrologia da Idade Média, com seus horóscopos de nascimento, 1 e que finalmente emergiu como astronomia científica, embora ainda contivesse uma riqueza de elementos fantasáticos inconscientes. Como a imagem do mundo antigo, culminando na visão de mundo da Babilônia, finalmente desenvolveu, apenas uma análise psicológica real poderia nos ensinar. Pois até onde vai a tradição, mesmo apresentada em escultura, vemos apenas uma imagem do mundo puramente astral aparentemente realizada, sobre a origem da qual a própria tradição babilônica não dá nenhuma informação. Uma tentativa mais recente desse tipo por Hermann Schneider, de estabelecer uma adoração "neolítica" do Sol nas primeiras religiões babilônicas e egípcias², parece-me ter falhado na medida em que o autor erudito está muito pronto para encontrar o que procura pois, e assim fazendo, freqüentemente negligencia o significado do material. Mas, em qualquer caso, é um fato que o material fornecido por ele, a partir das imagens pré-babilônicas de sinetes, existia por volta de 4000 a.C. Aqui, já vemos diante de nós como um produto acabado (l.c., p. II) "todo o simbolismo da religião do Sol neolítica, conforme conhecido a partir dos desenhos rupestres do norte." Somente quando alguém se preocupa tanto com a origem psíquica quanto com a histórica é que está em posição de compreender todo o problema do desenvolvimento dessa religião neolítica do Sol.

1 Pode-se até descrever a astrologia como a primeira doutrina do trauma do nascimento. Todo o ser e destino do homem são determinados pelo que ocorre (no céu) no momento de seu nascimento.

2 Die jungsteinliche Sonnenreligion im ältestesten Babylonian und Ägypten, Leipzig, 1923. (Mitteilungen der Vorderasiatisch-Ägyptischen Gesellschaft, 1922, 3, 27, Jahrgang.)

A visão de mundo astral que nos encontra nesta forma aparentemente completa é, como mostrarei em detalhes em outro lugar, o produto tardio de um longo processo psíquico de projeção, sobre o qual, no decorrer dos argumentos a seguir, alguma luz será lançada. Aqui será suficiente enfatizar o fato de que, de acordo com a visão de Schneider, todo esse desenvolvimento "pode ter começado a partir da alta valorização do fogo" que "existe como sol nos céus", pois "está presente nos corpos quentes de homens e animais" (l.c., p. 4). Como a origem materna do culto ao sol é, portanto, óbvia, uma simples justaposição do "culto das estrelas" dos povos primitivos, por exemplo, os índios Cora podem servir para mostrar como essas ideias "religiosas" também têm suas raízes na relação do filho com a mãe. O céu estrelado está aí identificado com o mundo subterrâneo, já que a noite prevalece em ambos os lugares. Portanto, é o lugar da Morte. As estrelas, neste contexto, são os ancestrais mortos que aparecem no céu noturno ao mesmo tempo que entram no mundo subterrâneo. Mas, como toda a vegetação cresce do submundo, o céu noturno, que é um reflexo do submundo, é também um lugar de fertilidade.¹ Nos antigos mitos mexicanos, as estrelas eram designadas como sacrifícios, servindo ao propósito de nutrição do ambiente sol que não poderia se renovar sem este alimento. Os sacrifícios humanos terrenos, como argumenta Preuss, são em grande parte apenas imitações desse sacrifício das divindades estelares (l.c., p. 35).

1 Preuss, Expedição Nayarit, pp. Xxvii e xxx (citado por Storch, l.c.).

Bem à parte, na verdade diretamente oposta a, essa antiga projeção no macrocosmo, está o desenvolvimento de outro grande ramo da antiga religião oriental: a velha doutrina mística hindu da meditação dirigida ao microcosmo humano. E aí, na doutrina da transmigração da alma, ela atinge o ponto mais alto na vitória sobre o trauma do nascimento. F. Alexander, em

um excelente estudo¹ baseado na apresentação de Heiler², recentemente mostrou o caráter "terapêutico" pronunciado dessa filosofia e ética religiosamente coloridas, a "prática de Yoga", e ali aludiu³ à sua semelhança com o procedimento analítico. O objetivo de todas essas práticas é o Nirvana, o Nada agradável, a situação do útero, para a qual até a "Vontade" meio metafísica de Schopenhauer ansiava apenas retornar. O caminho, como na análise, é colocar-se numa atitude sonhadora de meditação abordando a condição embrionária, cujo resultado, segundo Alexandre, realmente possibilita uma extensa reminiscência da situação intrauterina.

1 "Der biologische Sinn psychischer Vorgänge. Eine psychoanalytische Studie über Buddhas Versenkungslehre", *Imago*, ix., 1, 1923. Conferência do Congresso, Berlim, setembro de 1922.

2 *Die Buddhistische Versenkung*, Munique, 1922.

3 Tentativas recentes, como a de Oscar A. H. Schmitz, de combinar a Psicanálise e o Yoga, evidenciam apenas a insuficiente concepção psicológica de ambos os fenômenos, pois estes só podem substituir-se em certo sentido. A tendência de modernizar formas antigas de superação do trauma do nascimento trai apenas o caráter indestrutível da pressão de regressão, cuja fonte, aliás, Schmitz se aproxima em um ponto de sua apresentação, fazendo uso de ideias psicanalíticas (*Psychoanalyse und Yoga*, Darmstadt, 1923, p. 89)

Às investigações recentemente publicadas de Hauer¹, devemos nosso acesso às antigas descrições hindus de experiências extáticas, que permitem que o significado de todos esses preparativos seja claramente reconhecido. O aluno dos sagrados Brahmins, o Brahmacarin que tenta absorver o poder mágico secreto, que para o Hindu significa a causa primordial do Ser, durante sua iniciação (Upanayana) deve experimentar no útero do professor uma condição de sono hipnótico que dura três dias. "O professor que inicia o aluno faz dele um embrião no íntimo. Três noites ele o carrega no útero. Então ele traz aquele que vem para ver os deuses" (*Atharvaveda*, xi., 5, de acordo com Hauer, p. 86). Como Oldenburg determinou para o chamado Diksa (sacrifício sagrado), o noviciado provavelmente se sentou por três dias em uma cabana, com os punhos cerrados e as pernas dobradas para cima na posição embrionária, cercado por todos os tipos de coberturas (âmnio) (Hauer, p. 98). "Os sacerdotes convertem aquele com quem consumam o diksa novamente em um embrião. A cabana do sacrifício é para o Diksita (aquele que oferece o sacrifício) o útero; assim, eles permitem que ele entre no útero novamente; eles o cobrem com um manto. O manto é para o Diksita o âmnio; assim, eles o cercam com o âmnio. Uma pele negra de antílope é colocada acima, fora do âmnio está o corião (capa ou manto); assim, eles o cobrem com o Corion. Ele aperta os punhos. Com os punhos cerrados, o embrião está dentro; com os punhos cerrados, o menino nasce - deixando

de lado a pele negra de antílope, ele desce para uma sala subterrânea (Avabhrthabad); por isso os embriões nascem livres do Chorion. Com seu manto ele desce; por essa razão o menino nasce com o âmnio.”¹ Há claramente descrito no Rigveda uma posição, *uttana*, que foi preservada nas práticas atuais de Yoga, e que como Storch (Ic, p. 78) observa, “É semelhante a certas posições embrionárias, visto que não raramente as vemos na posição estereotipada da *catatônica*”. Em outros lugares do Rigveda são mencionados movimentos de rolamento da cabeça e dos olhos, movimentos de balanço, tremores e balanços para frente e para trás, todos os quais novamente parecem estar relacionados ao trauma do nascimento.

1 Die Anfänge der Yogapraxis: eine Untersuchung über die Wurzeln der indischen Mystik, 1922.

Temos diante de nós aqui o fenômeno primordial da situação prazerosa e protetora. Disto emerge posteriormente, por separação da mãe e transferência para o pai, a figura do Deus todo-poderoso e onipotente, mas também punitivo, como sublimação religiosa por meio da projeção. Como pensa Rudolph Otto ², existem como a origem de todas as religiões históricas, antes do desenvolvimento de formas definitivamente delineadas de demônios e deuses, certos "sentimentos primitivos nebulosos", sentimentos de estremeamento diante do horrível, de maravilhar-se com o misterioso, manifestados em primeiro nos primitivos como “medo de demônios” .³ Agora sabemos pelas explicações de Freud⁴ que os demônios se relacionam originalmente com o medo dos mortos, ou seja, correspondem ao sentimento de culpa projetado para fora, enquanto por outro lado o indefinido ansiedade em si, conforme exibido na criança, deve ser explicado como uma continuação do trauma primário. Torna-se claro a partir do desenvolvimento do indivíduo que o medo primordial está novamente diretamente ligado ao morto, representando a situação pré-natal. Os passos que conduzem da crença em demônios à crença em deuses têm sido bem investigados tanto na mitologia quanto no folclore. Mas o fator psicológico de todo o desenvolvimento está na substituição gradual da mãe (demônios), a quem a ansiedade se apega pela forma do pai apelando para a ansiedade sublimada, o sentimento de culpa. Esse processo de desenvolvimento religioso corre absolutamente paralelo ao de desenvolvimento social, como o descrevemos (pp. 89-93). Aqui também aparece no início o culto da grande deusa-mãe asiática, que é considerada "às vezes como a deusa selvagem e sensual do amor e da fertilidade da Natureza em geral, às vezes como a pura rainha do céu, a deusa virgem,”¹ que aparece novamente em Eva e Maria, e é continuado no Charis de Irenæus, na Helena de Simão Magnus, em Sofia e outros. “Uma flexibilidade sublime”, diz um investigador recente dos 'Mistérios Gnósticos' ², “se manifesta na crença na deusa-mãe. Nele, positivamente, tudo o que era religioso em qualquer sentido ou tipo encontrou um lugar, desde orgias, tendências estéticas e artísticas, dos Mistérios de *ουνουσία* à astrologia e à estrela de Belém. A deusa mãe poderia ser tudo, a alma do mundo, a mente do mundo, o desenvolvimento do mundo, o prazer do mundo, a dor do mundo e a

libertação do mundo, a luz do mundo, a semente do mundo, o pecado do mundo e tudo em que pode ser visto em estágios sucessivos um reflexo do Ser , até mesmo nos próprios vegetais. Ela poderia ser risos e choro, mente e corpo, deusa e demônio, céu, terra e inferno.” Como Winterstein já reconheceu, as idéias religiosas e filosóficas posteriores de uma criação do mundo por um deus masculino são apenas o resultado¹ de uma renúncia da mãe primordial, tal como se encontra na criação bíblica do homem. Correspondendo a isso, encontramos as seitas heréticas, tanto judaicas quanto cristãs, caracterizadas por um retorno sexualmente enfatizado à deusa-mãe. Esses movimentos revolucionários dentro da religião procedem, portanto, inteiramente da mesma maneira que nos movimentos sociais, a saber, o caminho da regressão à mãe.

1 Oldenburg, Religion des Veda, segunda edição, p. 405.

2 Das Heilige. Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen, 11ª edição, Stuttgart, 1923.

3 O lado positivo desse sentimento religioso primordial, o "poder místico contínuo" subsistindo entre todos os seres humanos e as coisas, e concebido como ativo sob os nomes de Orenda, Wakondo, Mana, foi reconhecido por Lorenz como uma projeção da mãe-filho relação (lc, p. 58 e segs.).

4 Totem und Taboo, 1912, p. 13

1 Ver Bousset em Realenzyklopädie von Pauly-Wissowa-Kroll, vii., 1513 ff. 2 Ein Beitrag zur Geschichte des christlichen Gottesdienstes, pelo Dr. Leonhard Fendt, Munique, 1922, p. 41

1 No entanto, na religião cristã, Deus tem um útero. Em Petavius, de Trinitate, lib. v., cap. 7, 4, está escrito: “Mesmo assim, diz a escritura, o Filho é gerado do Pai desde o útero: embora em Deus não haja útero, aliás nada físico, mas nele há uma criação real, uma real nascimento que é mostrado até mesmo na palavra 'útero' ”(citado por Winterstein, lc, p. 194).

Além disso, material relevante e intensamente interessante aparece em Wolfgang Schultz, Dokumente der Gnosis, Jena, 1910.

Não posso deixar de citar aqui a ideia principal e algumas frases do maravilhoso “Buch von der Schopfung des Kindes”, tal como está no Kleine Midraschim. O “Livro” começa com a

coabitação dos pais e com as primeiras aventuras da “gota”, que é guardada por um anjo. Depois que "a alma" é trazida à gota, o Anjo da Manhã a conduz ao Paraíso, e o Anjo da Noite a conduz ao "inferno" e então mostra a ela o lugar onde ela habitará na terra, e o lugar onde ela irá ser enterrado. “Mas o Anjo o leva de volta ao corpo de sua mãe, e o Santo, louvado seja ele, faz portas e ferrolhos para ele. E o Santo, louvado seja ele, diz a ele: "Até onde isso virás e não mais adiante." E a criança está no ventre de sua mãe por nove meses. . . . Nos primeiros três meses ele permanece na câmara inferior, os três meses intermediários na câmara central e os três últimos meses na câmara superior. E ele come de tudo o que sua mãe come, e bebe de tudo o que sua mãe bebe, e não excreta nenhuma sujeira; caso contrário, sua mãe morreria. E assim que chegar o tempo em que deve sair, o primeiro Anjo chega e diz a ele: 'Saia, pois é chegado o tempo em que você deve sair para o mundo.' E o espírito da criança responde: “Diante daquele que falou e que o mundo existia, eu já disse que estou satisfeito com o mundo em que vivi.” E o Anjo responde: “O mundo para o qual eu te introduzo é belo.” E novamente, “Contra a tua Vontade te formaste no ventre da tua mãe e contra a tua Vontade nascerás, para ires para o mundo.” Imediatamente a criança chora. E por que chora? Só por causa daquele mundo em que estava e do qual agora sai. E quando ele sai, o Anjo o atinge sob seu nariz e apaga a luz sobre sua cabeça. Ele o expõe contra sua vontade e ele se esquece de tudo o que viu. E quando sai, ele chora. ”

Assim, o conhecido culto do esperma na Eucaristia Gnóstica da seita dos Fibionitas (cerca de 200-300 dC) parece estar relacionado com o serviço da deusa-mãe asiática-egípcia chamada Mani pelos sumérios, Ishtar na Babilônia, Magna Mater, Cybele, Ma, Ammas na Ásia Menor, a Grande Mãe em Cartago, Ísis no Egito, Deméter entre os gregos, Astarte entre os sírios, Anahita entre os persas, Alilat entre os nabateus, Kwannyin no indiano, Kwannon no budismo japonês e a “Mãe Primal” no taoísmo chinês. A refeição fibionita, esta religião libidinal, que "apesar de todo o paganismo real nela, ainda consiste essencialmente, como os velhos comentários obscuros sobre a Última Ceia Cristã e seus derivados a Missa assumem" 1 e, como Fendt corretamente reconheceu (lc, 4), não na relação sexual, que foi tão instigada contra ela como uma reprovação, 2 mas ao comer (devorar) os excrementos sexuais. “A mulher e o homem tomam o esperma nas mãos. . . . E então eles comem e comunicam sua própria desgraça e dizem: Este é o corpo de Cristo. . . . Mas eles fazem o mesmo com o da mulher, quando a mulher está menstruada. . . e eles também comem dele em comum. E eles dizem: 'Este é o sangue de Cristo.' ”1 Fendt vê logicamente (lc, 5) na terceira festa, que é chamada de “o Pasha perfeito”, o suplemento e a explicação dos outros dois no sentido de que o ato sexual é usado apenas com o propósito de destruir o sêmen, o único meio do Arconte do Desejo. “Se, apesar de tudo, uma criança é gerada, então a criança deve ser o alimento sagrado da terceira refeição! De toda mulher assim acidentalmente transformada em mãe, o embrião é cortado, despedaçado e preparado com mel, pimenta, óleo e perfumes, e cada um o come com o dedo. . . . E depois, como uma oferta de agradecimento, eles dizem estas palavras: 'O mestre (Arconte) do Desejo não foi capaz de nos enganar, não, nós recolhemos a transgressão do irmão.' interpretando, “estamos familiarizados com uma espécie de luta contra os Arcontes na forma de uma quebra do mandamento que Clemente de Alexandria relata dos Antitaktes e Nikolaítas desta forma: tudo o que Deus o pai criou era bom; mas um Sub-Deus misturou o mal

com ele; deste Sub-Deus veio o comando. . . o Arconte do Desejo deseja que os filhos sejam criados. . . portanto, tudo é feito para evitar a geração de filhos. ”

1 Ver Fendt, *Gnostische Mysterien*, l.c., p. 8

2 Especialmente as orgias incestuosas que pertencem igualmente ao culto asiático da mãe (ver Rank, *Inzestmot.*, lv., 1912) quanto à Missa do Diabo, em que uma mulher é novamente adorada (cf. Lowenstein, “*Zur Psychologie der Schwarzen Messen*”, *Imago*, ix., 1923).

Minúcio Félix (cerca de 200) reprova os Fibionitas com; “*Post multas epulas, ubi convivium caluit et incestæ libidinis ebriatis fervo exarsit*” (Fendt, l.c., 12).

Relatamos detalhadamente esse culto e seus comentários, porque nele todo o mecanismo de sublimação religiosa, portanto a verdadeira formação da religião, se revela sem disfarces.

1 Para uma comparação semelhante da Grande Mãe com Cristo como o Logos, ver Fendt, p. 80

O maligno Sub-Deus, que traz os filhos ao mundo, obrigando-os continuamente a suportar o trauma do nascimento, é a mãe; e toda a (incestuosa) impureza dos gnósticos equivale simplesmente a voltar ao útero da mãe e, portanto, excluir a renovação do trauma do nascimento; é por isso que o sêmen é assimilado pela boca (comido). Se, entretanto, ocorrer a concepção, o embrião é cortado para evitar o trauma e novamente assimilado apenas pela boca. Fendt diz: “O desenvolvimento mundial é compreendido como um enorme fracasso; a salvação vem somente através da retirada daquilo que é totalmente eficaz no universo. ”¹

O Deus-pai foi colocado no lugar da mãe primitiva carregada de ansiedade e desejo, a fim de, no sentido freudiano de “Totemismo”, criar e garantir a organização social. Toda recaída na veneração da mãe, que só pode ser realizada sexualmente, é, portanto, anti-social e é perseguida com todo o horror do chamado fanatismo religioso.² Mas isso, como a revolução social, finalmente resulta na preservação e no fortalecimento do poder paternal para a proteção da comunidade social. Por esta razão, todos esses movimentos de reversão são

seguidos por uma reação puritana cada vez maior, como podemos ver na história da crença judaica. O movimento mais conhecido desse tipo é o período pseudo-messiânico dos "Schabbatianians", cerca de 300 anos atrás, cujo fundador, Schabbethai Z'evi, era um judeu espanhol de Esmirna.¹ Como os gnósticos, ele também proclamou uma quebra do mandamento, e seus discípulos então - especialmente após sua morte - romperam completamente com as leis puritanas do judaísmo. A peculiaridade desse movimento consistia no fato de que a mulher era a divindade, e as formas proibidas de vida sexual, especialmente as incestuosas, eram consideradas serviço divino. "Nas cavernas do bairro de Salônica, eles organizavam as mais selvagens orgias com fins religiosos. No início do sábado, eles colocaram uma virgem nua no meio deles e igualmente nua dançou ao redor dela. Orgias foram substituídas por oração. Costumes semelhantes se espalharam por quase todas as comunidades judaicas do mundo. Naturalmente, eles foram severamente perseguidos pelos rabinos. No entanto, eles falharam por 200 anos em exterminar a seita. Na Turquia existem vestígios até os dias de hoje "(Langer, l.c., p. 39). A reação direta, que de acordo com a explicação engenhosa de Langer levou não apenas à exclusão ascética da mulher, mas a um aumento da homossexualidade socialmente efetiva, ² está ligada ao nome do famoso Rabino Israel ben Elieser, Baal Schem Tow (1700-1760) , e ao hassidismo criado por ele. Langer chega à conclusão de que "toda a história interior do povo eleito aparece realmente como uma cadeia de batalhas mais ou menos conscientes em duas direções. A batalha era geralmente encerrada por um acordo, que em tempos pré-históricos adicionava novas leis e novos símbolos aos já existentes. Neste chamado complexo de Édipo de Freud e a concepção de morte são forças poderosas, e, assim, toda a legislação judaica é realmente executada por Eros, antes de obter sua aprovação divina por meio da revelação." (l.c., p. 93).

1 Também o aluno brâmane que sofre perda de sêmen ora: "Para mim, retorne novamente Poder sensual, Vida e Bênção, para mim, volte novamente meu Brahmanship, minha Propriedade. O sêmen que hoje de mim escorregou para a terra, que escapou para as ervas, para as águas, recebo novamente em mim para longa vida e esplendor "(Oldenburg, l.c., 430). Do logue é dito: "Pela prática, ele obriga a gota que deseja entrar no ventre da mulher, a retornar. Mas se uma única gota já caiu, ele a força a voltar para ele e a guarda. O Yogi que assim mantém a gota vencerá a morte. Pois, assim como a gota caída significa morte, mesmo assim sua preservação significa Vida "(Schmidt, Fakir und Fakirtum, 1908).

2 Ver Reik sobre este tema, "Der eigene und der fremde Gott". Zur Psychoanalyse der religiösen Entwicklung, 1923.

1 De acordo com Georg Langer, Die Erotik der Kabbala, Praga, 1923.

2 Deuteronômio (xiii. 7) fala do "amigo que é para você como sua alma", e diretamente depois de "a mulher do teu ventre" como de algo geralmente conhecido (Langer, p. 91).

A esta excelente definição gostaríamos de acrescentar uma observação metodológica, que também se refere à investigação psicanalítica da religião. Não há dúvida de que nessas seitas e cultos maternos temos que lidar com fenômenos de reversão no sentido de um “do reprimido”. Mas aqui, como na esfera biológica, deve-se estar atento contra uma introdução intempestiva do ponto de vista filogenético, como também contra a tentativa de encontrar ou reconstruir uma base histórica, onde em todo caso se trata de uma base psicológica, embora isso certamente esteja no Inconsciente. Assim, os modernos sectários judeus aparentemente voltam ao culto asiático da mãe, embora naturalmente não precisem saber de nada sobre ele, mas estão simplesmente produzindo as mesmas reações de seu Inconsciente individualmente experimentado. Mas os casos em que o empréstimo direto é possível ou mesmo provável, como no "bezerro de ouro" judaico, 1 que parece representar "o recém-nascido" como Filho-Deus, são psicologicamente mais importantes e mais interessantes do que o da "tradição" que é sempre apenas mecânico. Se, por outro lado, na tradição da própria religião-pai, somos capazes de reconstruir e reconhecer fragmentos dos estágios preliminares reprimidos da religião-mãe, teremos de nos apegar ao fato de que são apenas preliminares. estágios na formação da religião, no sentido real da palavra, e devem, como Freud¹ assinalou, ser considerados como o resultado final de batalhas primárias a favor e contra a mãe e como a vitória do poder social do pai.

1 “Idolatria” parece significar simplesmente serviço à divindade mãe. Cf. o serviço de Baal (Canaã, El) a quem entre os fenícios e outras pessoas, crianças pequenas foram lançadas na boca de fogo do ídolo.

Deste ponto de vista, além do desenvolvimento social da “horda de irmãos” na comunidade, descrito por Freud, também podemos traçar seu desenvolvimento religioso um pouco mais longe e, de fato, em consonância com nosso pressuposto de desenvolvimento social (re-criança) como a transição do culto materno para a religião paterna, por meio do Filho-Deus, que encontrou no cristianismo sua expressão mais pura. Pode ser, além disso, que a importância histórica mundial do Cristianismo repouse no fato de que foi o primeiro a colocar o Filho-Deus no centro sem atacar simultaneamente os direitos originais da mãe e os direitos secundários do pai. A alta valorização dada à criança por Cristo no texto dos Evangelhos concordaria ainda mais com isso. O próprio Cristo sempre permaneceu criança, mesmo que a escultura o representasse, quando morto (Pieta).

Nos mistérios antigos, cada místico tornou-se diretamente um Deus. A fórmula da confissão: “Jejei, bebi a bebida misturada (Kikeon), tirei da caixa, e depois que trabalhei, coloquei na cesta e da cesta na caixa”, mostra que estamos aqui preocupados com a regressão (e retorno) ao útero, que a *cysta mystica* (caixa sagrada) agora é considerada representar até mesmo pelos arqueólogos. ” Ao tirar da caixa sagrada (*χιορη*) a imagem de um útero e deslizá-la sobre seu corpo, o místico tem a certeza de renascer do ventre da mãe terra e de se tornar seu filho corporal. ”¹ Isso também explica a quietude alusões mais obscuras nas quais muitos escritores cristãos falavam do segredo dos Mistérios de Elêusis: “Não existe a descida sombria e a imponente companhia do Hierofante e da Sacerdotisa, apenas entre ele e ela, e não uma numerosa multidão considera sagrado o que se consuma entre os dois no escuro. ”² Não se trata de mero coito nem mesmo de “sagrado, em que 'uma multidão numerosa' pode ser participante, mas é uma questão de união com a mãe. Isso é provado não apenas pelo símbolo *cysta mystica*, mas ainda mais claramente pelo culto misterioso frígio realista, no qual o místico desce a uma sepultura, "onde o sangue de um touro abatido é derramado sobre ele. Após o renascimento, ele recebe a nutrição do leite, pois o Deus nele ou ele no Deus ainda é uma criança, então ele se adianta e é adorado como Deus pela comunidade. ”³ A prática do Yoga hindu por meio da meditação mística permite que cada indivíduo também tornar-se Deus - isto é, ao entrar no útero, ao ser transformado de volta no embrião, ele participa da onipotência divina ”(ver Ferenczi, *Stages in the Development of the Sense of Reality*).

1 Totem e tabu.

1 A. Korte, em *Arch. f. Rel. Wiss.*, xviii., 1915.

2 De Jong, *Das antike Mysterienwesen*, 1909, p. 22

3 Reitzenstein, *Hellenistische Mysterienkunde*, 2ª edição, 1920, p. 32. Num mistério hermético do renascimento, o místico clama: “Estou no céu, estou na terra, estou na água, e no ar estou nos animais, nas plantas, no útero, no útero, depois do útero, estou em todo lugar ”(ibid., pp. 29 e 35). Cf. também os Mistérios da Mitra Persa e seu sacrifício de touro (Cumont, *Mithras*; Dietrich, *Eine Mithrasliturgie*.)

Assim, o infans - em última análise, o não nascido - prova ser Deus, como seus substitutos terrestres, seja rei ou papa, embora sujeito a limitações ainda maiores; de onde se segue que cada indivíduo já foi "Deus" e pode sê-lo novamente, se ou na medida em que ele pode se reintegrar à condição primordial, e esta é a razão pela qual cada um é tão facilmente capaz de se identificar com o mais tarde, "um e só Deus". 1 Mas, como nem todos podem voltar para a mãe, nem todos podem ser rei ou Deus. Conseqüentemente, os escolhidos de uma multidão, os sacerdotes, são originalmente castrados; isto é, eles devem finalmente renunciar a este privilégio de ir para a mãe em favor de um único, a saber, o mais jovem, que é capaz de se colocar realmente no lugar do pai, e por meio de sublimação religiosa para converter o máximo ação prazerosa, pela qual a multidão, sem dúvida, pretende puni-lo, em um sacrifício voluntário pelos outros.² Desta forma, ele salva a comunidade social da destruição. A mãe é, assim, em parte exaltada à rainha do céu, em parte, como o princípio primordial maligno e sedutor de toda a produção, usado para a formação do conceito ético-religioso do antigo mundo subterrâneo, que, decorrente da mitologia do céu (o além), conduz, por meio da sublimação religiosa preparada no Apocalipse joanino, ao outro extremo da ideia medieval de inferno.

1 Veja a mesma concepção no Mito do Nascimento do Herói, de que cada um é um "herói" e o nascimento é a verdadeira conquista. Quando, por exemplo, uma esquizofrênica (Storch, p. 60) se identifica com Cristo, visto que também veio ao mundo em um estábulo, ela está perfeitamente certa; pois ela também nasceu de maneira natural e quer negar o trauma do nascimento.

2 Assim, Maomé em seus estados epilépticos (Aura) parece ter descrito o Paraíso islâmico com sua bem-aventurança (Hourri).

Em seus grosseiros detalhes físicos, o inferno se manifesta como a assustadora contraparte da fantasia do paraíso intrauterino e do céu. O castigo eterno no inferno, em particular, que corresponde ao castigo grego no submundo, representa reproduções detalhadas da situação intra-uterina (correntes, calor, etc.), e não é de se estranhar se os histéricos da Idade Média mostrou particular preferência por este material pronto na representação das mesmas tendências inconscientes.

1 Ver, além disso, Groddeck, "Der Symbolisierungszwang," Imago, viii., 1922.

A análise do Inconsciente mostra por que o senhor posterior deste “Inferno” tem as características do pai primevo, pois é ele, de fato, quem inverteu a cena original de todas as sensações prazerosas em seu oposto. O significado feminino original do diabo, personificado até na boca do inferno, talvez ainda esteja preservado na figura meio cômica de sua avó, sobrevivendo nas bruxas - e não apenas nos contos de fadas - como o velho mal e perigoso mãe primitiva. No delírio medieval sobre as bruxas e as cruéis perseguições da Inquisição, vemos a situação do inferno com seus castigos transferidos para a realidade, que, segundo uma conjectura expressa verbalmente de Freud, pode remontar a um trauma real, que me parece atingimos o trauma sexual e com ele o trauma do nascimento em nosso próprio Inconsciente de uma maneira muito direta.

Com a interpretação do castigo eterno como representativo da situação intrauterina com indícios negativos, abordamos um tema já mencionado que perceberemos no último capítulo como o problema psicológico nuclear do trauma do nascimento. Não podemos prosseguir aqui com o complicado desenvolvimento dessas projeções primitivas, conforme iluminadas pelo estudo da neurose de compulsão, e que acabam levando a formações reativas altamente importantes que atingem seu clímax nas idéias éticas. Queremos apenas nos referir a um processo de avanço que aí está concluído e que vai paralelamente a um insight crescente da origem psíquica das formações éticas, em última análise, enraizadas no sentimento de culpa inconsciente. Os poderes superiores que punem e recompensam, a quem não ousamos desobedecer, são finalmente transferidos de volta para o Ego, de onde uma vez foram projetados a partir do sentimento narcisista de onipotência no mundo acima e abaixo, e ali tomaram forma conforme representações maternas (proteção, ajuda, misericórdia) ou representações paternas (o próprio sentimento de onipotência). À rígida filosofia ética de Kant estava reservada a tarefa titânica de mais uma vez separar a lei moral em nós dos céus estrelados acima de nós, e mesmo ele só foi capaz de fazer isso restabelecendo, pelo menos metaforicamente no bem conhecido frase, a identidade que foi abandonada com tanta dificuldade.

É significativo, para o desenvolvimento do conceito de punição, que não apenas todas as punições concebidas pela humanidade em fantasia, mas também aquelas convertidas em atos, representem a condição primordial da situação do útero com ênfase em seu caráter doloroso. Sem nos envolvermos numa interpretação detalhada dos castigos do submundo grego, basta assinalar que os mais conhecidos deles apresentam características típicas facilmente compreendidas no que se refere à localidade, a saber, o submundo. O crime desses criminosos primários geralmente consiste em rebelião contra o mais elevado dos deuses, geralmente causado pelo desejo de sua esposa, a mãe primordial, como no caso de Ixion, que, aliás, é o primeiro assassino de parentes. Seu castigo consiste no seguinte: ao comando de Zeus ser

“amarrado com cobras em uma roda alada, ígnea, de quatro raios, que gira incessantemente e é rolada no ar, açoitada pelo flagelo e a exclamação 'Benfeitores devem um honra. 'Esta punição para Ixion parece duplamente difícil na medida em que ele é imortal.”¹ Da mesma forma, Tântalo, uma “ personificação da abundância e da riqueza ”, é punido por causa de sua insolência transgressora para com os deuses com quem deseja ser igual. A versão original, em que uma pedra pende sobre sua cabeça sempre ameaçando cair, mostra uma ansiedade permanente

situação; a outra punição de ser eternamente atormentado pela fome e pela sede obviamente se refere ao favorito que, como hóspede, participava de todos os banquetes luxuosos dos deuses e que, para testar os deuses, colocava diante deles carne humana. Ele é retratado, além disso, em um sarcófago (ver Roscher, vol. V., Sp. 83-84) torcido de uma forma bastante naturalista em uma roda, enquanto Ixion é apropriadamente representado em um círculo duplo. Finalmente Sísifo, que também exige a mesma "imortalidade" dos deuses, consegue realizar esse desejo da mesma maneira - ou seja, o eterno rolar da pedra, que ele tenta repetidamente empurrar o cume da montanha contra seus tendência natural de descer rapidamente: “O suor escorre de seus membros e uma nuvem de poeira envolve sua cabeça”.

1 Roscher, Lexikon der Mythologie, ii., 1.

Mas todas essas punições e ofensores, de acordo com a própria tradição grega e de acordo com o desenvolvimento da civilização grega, não foram transferidos para o lugar de

o submundo chamado Tártaros até mais tarde. Originalmente, eles não eram apenas reais e, como tais, tinham o mesmo significado inconsciente, mas foram novamente materializados na

obscura Idade Média, que, comparada com o próprio helenismo, representava um submundo infernal. Queimadura e quebra de bruxas na roda - sem falar no deslocamento corporal de acorrentados e torturados (cabeça baixa) - ofuscamento ou exposição na água, a punição típica para o parricídio que foi costurado em um saco e afundado no mar: 1 tudo isso mostra claramente o indestrutível caráter de desejo do Inconsciente, como Freud reconheceu; mesmo as formas mais horríveis de punição que o homem poderia imaginar e que dirige contra si mesmo nos sintomas físicos da neurose, são revestidas da forma da primeira e mais forte experiência de prazer da vida intra-uterina. Portanto, é possível e inteligível que punições desse tipo não fossem apenas suportadas, mas também experimentadas com prazer, como, aliás, os hábitos dos masoquistas provam diariamente. Isso explica em grande medida o caráter prazeroso de certos sintomas neuróticos, em que o paciente se torna prisioneiro ao se retirar para um quarto que ele tranca, ou ao fantasiar pessimisticamente o mundo inteiro como uma masmorra e, assim, inconscientemente, sentir-se confortável nele.² O verdadeiro castigo que o atingiu há muito tempo e do qual aparentemente ele deseja a fuga por meio dessas fantasias de autopunição era originalmente a expulsão do útero, aquele paraíso primordial, que se busca continuamente, com desejo insaciável e em todas as formas possíveis.

1 Ver Storfer, Zur Sonderstellung des Vatermordes, 1911.

2 Somente a partir disso, deve-se compreender a psicologia profunda da chamada “psicose carcerária”.

A crucificação, que como punição por rebelião contra Deus Pai está no centro do mito de Cristo, corresponde à mesma conversão e assimilação da situação intra-uterina que o confinamento de Ixion na roda, com a abolição da qual os raios tornam-se a cruz.³

3 Assim, a própria cruz ainda representa algo “interior”, a saber, os raios soltos do fecho da borda. Também a cruz em forma de gancho pertence a esta conexão: a cruz com raios crescendo novamente no aro da roda é naturalmente um emblema de vida e vitória “(Schneider, l.c., p. 8, nota 2).

Consequentemente, a crucificação também corresponde a um retorno dolorosamente enfatizado ao útero, após o qual segue de forma bastante consistente a ressurreição, ou seja, nascimento e não renascimento. Pois aqui se trata também de nada mais que repetição¹ e reprodução do processo de nascimento, ética e religiosamente sublimado no sentido de uma superação neurótica do trauma primordial. Portanto, a grande parte que o mistério cristão da redenção desempenha na vida fantasiosa dos neuróticos e também dos loucos é explicada como a identificação com o herói passivo que consegue retornar ao útero por meio de um sofrimento prazeroso. Essa identificação é uma tentativa sublime de recuperação, que salvou a humanidade da destruição do mundo antigo e, como tal, é claramente reconhecível nos milagres tradicionais de Cristo. Ele torna os cegos e os coxos saudáveis por meio de seu exemplo. Ou seja, ele os provoca a se identificarem com ele, pois puderam ver nele alguém que havia superado o trauma do nascimento.²

1 O próprio Cristo nos Evangelhos explica sua oposição indigna de confiança do fato da compulsão à repetição: “Para que a palavra dos Profetas se cumprisse”.

2 A nova era que começa com o nascimento de Cristo corresponde psicologicamente ao ano embrionário e sua repetição eterna (ver o paralelo mexicano, p. 75, nota).

A teoria infantil da Imaculada Conceição, como um conceito dogmático do trauma do nascimento, se encaixa irrestritamente com essa explicação da lenda de Cristo. Anuncia, no sentido do mito do herói, cujo desenvolvimento mais extremo é representado pela figura de Cristo, que também este herói negativo, que teve grande sucesso no domínio do trauma do nascimento, não nasceu da maneira natural, na verdade, nem mesmo entrou na mãe da maneira natural. Esta imperfeição humana de um trauma de nascimento severo é, em harmonia com nossa visão da determinação dos sintomas neuróticos, compensada até certo ponto na vida adulta do adulto pelos sofrimentos físicos e psíquicos deste. Desta forma, o castigo manifesto representa, de acordo com seu conteúdo latente, a realização ideal do desejo, ou seja, o retorno à mãe, enquanto a idealização artística do Salvador crucificado expressa, de acordo com seu significado latente, o castigo real do submundo, a prevenção da posição embrionária.

IDEALIZAÇÃO ARTÍSTICA

Uma ilustração exata dessa concepção tão humana do mito de Cristo é dada na representação realista da Crucificação por Lukas Cranach, 1 onde, ao lado do Salvador crucificado na conhecida atitude esticada do corpo, o outros pecadores aparecem pregados no tronco da árvore em postura embrionária característica. Assim, a posição idealizada de Cristo na cruz na arte indica um mecanismo de defesa ou punição semelhante ao do arco de círculo. Assim, o contraste das figuras realistas de Lukas Cranach dá um quadro da tendência idealizadora da representação artística, que parece visar suavizar, pelo tratamento estético, 2 a abordagem muito clara da condição primária, emprestando-lhe também o caráter de punição .

1 Existem representações ainda mais realistas dos malfeitores por Urs Graf e outros.

2 É interessante que, para Schopenhauer, a essência da realização estética consistia na libertação da "Vontade". Nietzsche, que tinha claramente reconhecido a "repressão sexual" que estava por trás disso (Genealogia da Moral, 6), cita a frase conhecida sobre isso (Die Welt als Wille und Vorstellung, I, 231: "Essa é a condição indolor, que Epicuro louvava como o bem supremo e como a condição dos deuses; somos libertados naquele momento da desprezível pressão da vontade, celebramos o sábado da obra penal da vontade, a roda de Ixion pára. observa: "Que veemência de palavras! Que imagens de tormento e cansaço duradouro! Que oposição de tempo quase patológica entre 'aquele momento' e a roda eterna de Ixion '!"

Nesse processo de idealização artística que, no retrato fiel da Natureza, ainda aspira à aparência estética, à irrealidade e até mesmo a uma negação absoluta da "Natureza", encontrou seu clímax indiscutível na civilização grega, cuja análise psicológica magistral de Nietzsche deu a primeira vez. Em sua primeira obra, ele apresenta a brilhante concepção daquela qualidade harmoniosa que é para nós o fator essencial da cultura grega e que ele chamou de "Apolíneo," Sendo a reação contra um tipo de distúrbio neurótico que ele caracteriza como "dionisíaco". E ele está certo em exemplificar como medida e padrão desse processo de idealização, que se destaca como único na história da mente humana, a atitude completamente mudada em relação à morte expressa pela sabedoria de Silenus ao elogiar a

fortuna de não nascer, em comparação com a atitude perante a vida dos heróis homéricos. Para que agora possamos dizer deles com uma reversão da sabedoria sileniana, que¹ “morrer cedo é o pior de tudo para eles, o segundo pior - algum dia morrer. ...” “Tão veementemente a vontade no estágio de desenvolvimento apolíneo anseia por esta existência, tão completamente em sintonia com ela o homem homérico se sente com ela, que o próprio lamento se torna seu canto de louvor. Aqui devemos observar que essa harmonia tão avidamente contemplada pelo homem moderno, de fato, essa unidade do homem com a Natureza, para expressar que Schiller introduziu o termo técnico 'ingênuo', não é de forma alguma tão simples, naturalmente resultante, e, como eram, condição inevitável que deve ser encontrada na porta de cada cultura, levando ao paraíso do homem. ... Sempre que encontramos o 'ingênuo' na arte, cabe-nos reconhecer o maior efeito da cultura apolínea, que em primeiro lugar tem sempre que derrubar algum império titânico e matar monstros, e que, por meio de representações poderosas e deslumbrantes e ilusões prazerosas, devem ter triunfado sobre uma terrível profundidade de contemplação do mundo e uma aguda suscetibilidade ao sofrimento. ...”

1 The Birth of Tragedy, pp. 34-35; *ibid.*, pp. 36-37.

“O grego conheceu e sentiu os terrores e horrores da existência: para ser capaz de viver, ele teve que interpor o brilhante nascimento dos sonhos do mundo olímpico entre ele e eles. A desconfiança excessiva dos poderes titânicos da Natureza, a Moira tronando inexoravelmente sobre todo o conhecimento, o abutre do grande filantropo Prometeu, o destino terrível do sábio Édipo, a maldição familiar dos Atridas que levou Orestes ao matricídio; em suma, toda aquela filosofia do deus silvestre, com seus exemplares míticos, que causou a ruína dos melancólicos etruscos - foi repetidamente superada pelos gregos através do mundo artístico intermediário dos olímpicos, ou pelo menos velada e retirada de vista.”¹

1 O *itálico* é meu.

Nessas frases, Nietzsche, com ousadia sem precedentes, compreendeu o problema do desenvolvimento da cultura grega em sua própria raiz. Precisamos apenas dar um pequeno

passo adiante na compreensão psicológica do “dionisíaco” e estaremos na fonte original que alimentou todo o desenvolvimento, ou seja, a ansiedade! Mas, para agora traçar o caminho da ansiedade à arte e, simultaneamente, entender como os gregos puderam alcançar a mais alta perfeição da idealização artística, devemos voltar novamente ao símbolo nuclear da ansiedade primordial em sua origem desde o trauma do nascimento, ou seja, para a Esfinge.

Em seu livro sugestivo, *Das Rätsel der Sphinx*, Ludwig Laistner (1884) conectou a lenda popular grega do monstro que sufoca seres humanos com as lendas dos goblins da tradição alemã, e remeteu ambas à experiência humana do pesadelo. Que o próprio sonho de ansiedade reproduz a ansiedade primária do nascimento tornou-se agora psicanaliticamente claro para nós. Mesmo assim, a figura mista da Esfinge representando a experiência da angústia como tal foi reconhecida pela psicanálise como um símbolo materno, e sua personagem como “estranguladora” torna inequívoca a referência à angústia do nascimento. Nesse sentido, o papel da Esfinge na saga de Édipo mostra muito claramente que o herói, no caminho de volta para a mãe, deve superar a ansiedade do nascimento, representando a barreira que o neurótico também enfrenta repetidas vezes em todas as suas tentativas de regressão. Reik¹ explicou de maneira muito engenhosa como o episódio da Esfinge realmente representa uma duplicata da própria saga de Édipo. Apenas, sendo obviamente desencaminhado pelo tipo masculino da Esfinge egípcia, que de forma alguma é primária, embora talvez historicamente anterior, ele quis provar o caráter materno da figura, originalmente estabelecida pela psicanálise, como secundária. Isso se provou insustentável não apenas na conexão aqui desenvolvida, mas também em outras direções diferentes. A saga de Édipo é certamente uma duplicata do episódio da Esfinge, o que significa psicologicamente que é a repetição do trauma primal na fase sexual (complexo de Édipo), enquanto a Esfinge representa o próprio trauma primal. O caráter da Esfinge que engole o homem o coloca em conexão direta com o medo infantil dos animais, ao qual a criança tem aquela atitude ambivalente, decorrente do trauma do nascimento, que já descrevemos. O herói, que não é engolido pela Esfinge, é habilitado, apenas pela superação da ansiedade, a repetir o desejo inconsciente na forma prazerosa de relação sexual com a mãe.¹ Mas a Esfinge, conformando-se ao seu caráter de estrangulador, representa não apenas em seu conteúdo latente o desejo de retornar à mãe, como o perigo de ser engolido, mas também representa em sua forma manifesta o parto e a luta contra ele, na medida em que a parte superior do corpo humano cresce a partir do animal. parte inferior do corpo (materno), sem finalmente ser capaz de se libertar dele.² Esse é o enigma da figura da Esfinge, e em sua solução está a chave para a compreensão de todo o desenvolvimento da arte e da cultura gregas.

1 "Oedipus und die Sphinx", *Imago*, vi., 1920.

1 Na Teogonia de Hesíodo, onde a Esfinge parece mencionada pela primeira vez na literatura, ela se origina da união de Equidna, habitando na caverna subterrânea na terra de Arimi com seu próprio filho. Ela também é chamada de “Filha de Echidna of the Underworld” por Eurípides (Roscher’s Lexicon).² Um óbvio passo psicológico preliminar para isso é mostrado no famoso Terracota Relief of Tenos, que retrata a Esfinge como uma Deusa da Morte arrebatando a flor da Juventude (Roscher, iv., Sp. 1.370). Além disso, veja o similar “Harpie des Grabmals von Xantos” em Roscher i., P. 2, sp. 1.846). Esta conexão do Spinx com a morte torna-se fácil de entender quando lembramos que a grande Esfinge egípcia de Gizé também é nada menos que um túmulo, o que difere de outros “caixões de animais”, como, por exemplo, as avenidas dos Elefantes. dos túmulos Ming na China, apenas na combinação especial de homem e animal, isto é, enfatizando a origem do homem a partir do corpo animal no sentido do mito do herói. O significado puramente genital do corpo da Esfinge (como útero) finalmente vem à luz no final do período grego manifestamente como receptáculos de pomada erótica para uso feminino na forma de Esfinge, como Ilberg (em Roscher Lexicon, iv., Sp. 1.384) os descreve (por exemplo, o belo vaso Sphinx no Museu Britânico de San Maria di Capua, que Murray afirma ser cerca de 440 aC). Vemos o mesmo na antiga arte cerâmica peruana, que também prova que a figura da Esfinge era originalmente um receptáculo e, na verdade, o receptáculo em que o próprio ser humano foi preservado e do qual também saiu. Daí a notável representação de um ser humano "semelhante a uma esfinge" com os dentes de uma fera sob a concha de um caracol, as antenas crescendo a partir dos olhos (de acordo com Fuhrmann, Peru, ii., 1922, Tabela 57); ou a ilustração 31 do Museu de Etnologia de Hamburgo, sobre a qual Fuhrmann comenta: “Uma representação muito notável com uma cabeça humana que parece crescer nas costas do animal, mostrando uma barriga fortemente curvada, pode referir-se ao corpo do ser humano ainda estando escondido dentro. ” A ilustração 30 do Museu de História Natural de Viena já aborda o tipo Centauro no estágio avançado do homem que aparece, cuja importância psicológica em nosso sentido é sustentada por Fuhrmann, que aponta que um animal para cavalgar não é conhecido no Peru, e que “o fundamento para esta representação ainda não foi explicado”. Em qualquer caso, a “origem” do cavaleiro torna-se inteligível, que novamente representa nada mais do que aquele unido à mãe e, portanto, o mais forte, superior, mais poderoso, preferido (rei, líder, governante). (Quando os habitantes primitivos do México viram os conquistadores espanhóis em seus cavalos, eles pensaram que cavalo e cavaleiro eram um todo inseparável.) Não apenas o cavalo de balanço e o cavaleiro de pau das crianças formam o exemplo infantil dessas regressões quase "psicóticas" ao corpo animal, mas ainda mais claramente faz o chamado "jogo do cavalo", em que a criança move (pula) as pernas e a parte inferior do corpo como um cavalo, enquanto a parte superior do corpo representa o cavaleiro humanoA prisão primitiva nesta condição é muito bem simbolizada nas “Alucinações ilustradas” de um esquizofre, publicadas por Bertschinger (Jahrbuch f. Psa., lii., 1911).

Se compararmos, mesmo apressadamente o período clássico da arte grega com seu precursor oriental, podemos dizer que os gregos têm consistentemente realizado a tendência de se

libertarem do útero, que encontrou uma expressão notável nas formas da Esfinge e centauros. , em todo o desenvolvimento de sua arte, substituindo os deuses semelhantes a animais do mundo asiático por figuras humanas, na verdade, na apresentação de Homero, por demais figuras humanas. Todos os seres fabulosos de forma mista, tão abundantes na mitologia grega, parecem refletir novamente a dor e a tortura dessa luta para se libertar da mãe, cujo resultado admiramos em sua escultura do corpo nobremente formado livre de toda a natureza e ainda assim permanecendo tão humano.

Portanto, a profunda importância cultural e histórica do desenvolvimento da arte grega reside nisto, que ela repete o ato biológico e pré-histórico de se tornar humano, a separação da mãe e a postura ereta da terra, na criação e perfeição de sua ideal estético do corpo humano.¹ Na forma típica da composição da empena, que representa uma série de elos intermediários - entre eles também centauros - dos guerreiros feridos deitados no chão ao deus em pé, gostaria de ver um reflexo deste princípio biológico de desenvolvimento. Além disso, o tipo de figura sentada (entronizado) tem sido dominante em toda a arte asiática, na medida em que copia o ser humano, como por exemplo nas estátuas de Buda de pernas cruzadas e na arte plástica chinesa, etc. Arte egípcia foi o primeiro a dar destaque ao corpo ereto ou de pé (embora ainda com a cabeça de animal) que na arte grega emerge como que do corpo composto bestial como um ideal estético purificado da escória do nascimento. Na arte plástica egípcia e na escultura em pedra chinesa antiga, a figura cresce gradualmente a partir da pedra ("nascimento da pedra") como, por exemplo, a estátua de granito que pode ser encontrada no Museu de Senmut de Berlim (cerca de 1470 aC) segurando um Princesa; vê-se apenas suas cabeças projetadas do poderoso bloco de granito. O mesmo motivo, já mais desvinculado do símbolo artístico do nascimento, é mostrado por um grupo semelhante no Cairo. Hedwig Fechheimer, em seu belo trabalho sobre a arte plástica egípcia, ¹ afirma que, de acordo com sua natureza, só poderia aceitar formas que permaneciam em repouso absoluto como livres de qualquer objeção; sentar, ficar em pé com firmeza, agachar-se, ajoelhar-se são seus motivos mais frequentes. A estátua de granito de Senmut, na qual a forma humana é totalmente composta em um bloco coroadado pela cabeça, representa em seu convencionalismo acidentado talvez a expressão mais consistente desta forma de fantasia espacial que beira o arquetônico (pp. 25-26) .Daqui em diante a arte plástica e a arquitetura, que originalmente eram obviamente uma só, parecem recuperar sua conexão psicológica: a arquitetura, como "a arte do espaço" no verdadeiro sentido da palavra, é uma arte plástica negativa, assim como a arte plástica é uma "Preenchimento de espaço" art. "As figuras cúbicas superam todas as artes plásticas - como também as estátuas monumentais de Didymaion em Mileto - na consistência rígida de sua concepção cubística. O esquema para o qual a complicada posição de agachar com os joelhos levantados e os braços cruzados pode ser simplificado é completamente realizado na escultura. Ambas as figuras estão completamente rodeadas pelo cubo "(p. 39).

1 Em Laokoön, Lessing afirma que, entre os antigos, “belos seres humanos criaram esculturas e o estado se deve à bela escultura, belos seres humanos”.

1 Na coleção Die Kunst des Ostens, Bd. i., Berlim.

O quão intimamente esse desengate do ser humano da forma primitiva está relacionado pela própria mente egípcia ao ato do nascimento é mostrado em sua linguagem; “Criar uma escultura é, em egípcio, dar vida; o trabalho do escultor é designado pela forma causativa da palavra "viver". Que não se trata de mera questão de assonância, mas de semelhança interna, é confirmado pela ocorrência de nomes próprios para estátuas, elevando-as ao nível de indivíduos. . . . O mito desenvolveu o tema da seguinte maneira; o deus primordial Ptah, que uma vez criou até a si mesmo, os deuses e todas as coisas, é simultaneamente o criador da arte e da oficina. Seu sumo sacerdote tem o título de 'capataz de todas as obras de arte', seu nome parece intimamente ligado a uma palavra rara para 'formar' ”(p. 13).

A figura da Esfinge em forma de dupla, que representava para a crença dos egípcios na imortalidade a mais perfeita expressão artístico-arquitetônica do renascimento, tornou-se para os gregos o ponto de partida de um processo de superação dessa religião materna e, assim, levou à criação do mais sublime ideal masculino de arte. O caminho pelo qual esse desenvolvimento avançou é fácil de seguir na história da cultura grega. Lado a lado com a Esfinge adotada, o ar grego está repleto de fantasmas que nos mostram em que fundamento assenta este processo de “helenização”, a saber, na mais intensa repressão do princípio materno. Embora a Esfinge, como Ilberg (ver Roscher’s Lexicon) argumenta, referindo-se a Rohde e Laistner, fosse um ser fabuloso adotado, ela logo se fundiu pela fantasia popular dos gregos com seus próprios produtos de um tipo semelhante. Estes consistem no exército spectral de monstros femininos que se originam em crenças muito antigas e aparecem em tal número apenas no mundo lendário grego sob a forma de Hécate, Górgona, Mormo, Lamia, Gello, Empusa, sob o aspecto de Keres, o Fúrias, harpias, sereias e espíritos semelhantes do inferno e demônios da morte. Todos eles são representantes da mãe primordial; eles retratam a ansiedade do nascimento, e, como tal, mostram a diferença fundamental entre a cultura grega e asiática. Na cultura asiática, a grande mãe primitiva desfruta da adoração divina (Astarte-Kybele), enquanto no helenismo ela foi reprimida por uma reativação da ansiedade e foi substituída por um paraíso de deuses masculinos, ao qual correspondia o estado governado pelo homem na terra. A cultura egípcia, da qual de fato a figura da Esfinge foi transferida para a Grécia, parece formar a transição entre essas duas visões de mundo extremas.

A cultura egípcia é produzida por três fatores, que podem ser atribuídos da mesma forma ao primeiro esforço para reprimir a atitude positiva para com a mãe, que na visão de mundo asiática parece resultar em uma alta estima sexual do primitivo. mãe, e reaparece em forma sublimada na mãe cristã de Deus. Primeiro, o fator religioso, aparecendo em um culto peculiar aos mortos, que em cada detalhe particular, especialmente a preservação do corpo, equivale a uma nova vida no útero.² Segundo, o fator artístico, aparecendo em uma estima exagerada do corpo animal (culto animal); terceiro, o fator social, que aparece em uma alta valorização da mulher (“direito da mãe”). Esses motivos originalmente puramente “maternos”, ao longo de um processo de desenvolvimento que dura milhares de anos e contribuindo para a superação do trauma do nascimento, foram masculinizados, ou seja, remodelados no sentido de adaptação à libido paterna. Típica de todas as três manifestações desse princípio materno, a partir da tendência inicial de superá-lo, é a veneração da deusa da lua Ísis, ao lado do ganho gradual em importância de seu irmão, filho e marido Osíris. O mesmo se reflete no desenvolvimento gradual do Culto do Sol, que não só permite a assimilação com a fantasia de renascimento no sentido de Jung, mas no significado da veneração da lua mais original também dá expressão à libido materna. Não apenas porque o sol nasce o herói se identifica com ele, mas porque ele desaparece todos os dias novamente no mundo subterrâneo e, portanto, corresponde ao desejo primordial de união com a mãe = noite. Isso é comprovado sem dúvida precisamente pelo culto egípcio do sol, com suas numerosas imagens que representam de preferência o navio-sol em sua jornada noturna para o mundo subterrâneo, como também nos textos do Livro dos Mortos: “Debaixo da terra, pensei de como um disco, outro mundo reside, que pertence aos mortos; se o sol Deus os encontra, os Mortos erguem os braços para ele e o louvam; o Deus ouve as orações dos que jazem no caixão e dá fôlego novamente às suas narinas. A "Canção dos Deuses primitivos" chama o Deus do sol: "Quando você vai para o submundo na hora (?) Da escuridão, você acorda Osíris com seus raios. Quando você se ergue sobre as cabeças dos habitantes das covas (os Mortos), eles gritam para você. . . . Deixe-os se levantarem deitados de lado, quando você penetra no submundo à noite! Privilegios especiais permitem que a alma do morto entre na barca do Sol e viaje com ele. Os Mortos louvam ao Deus Sol com canções, que são preservadas para nós nos túmulos dos reis tebanos. . . . Por causa dessa forte dependência dos Mortos do sol, o Deus sol é representado, no final do novo Império, nos túmulos; nos túmulos dos reis, o morto encontra Deus como um igual” (Roscher, Sonne, vol. iv.).

1 O quão incompletamente bem-sucedida esta repressão da mulher é mostrada até mesmo nas brigas matrimoniais de Zeus, pai dos deuses com a deusa-mãe Hera; estes não carecem de um tratamento cômico mesmo em Homero e justificam a figura do “marido dominador” divino que Offenbach fez dele no marido alegre e aventureiro. . . . A contraparte cristã disso é a avó do diabo, que continua sendo a senhora indiscutível do submundo (p. 132). Na Índia, é o terrível Durya.

2 Freud mostrou que colocar a múmia em um caixão de forma humana indica o retorno ao útero (citado por Tausk, l.c., p. 24, nota).

Conseqüentemente, a própria concepção da origem do sol na cosmologia egípcia é que o deus sol gerou a si mesmo. Na canção dos antigos deuses, estes rezam: “Segredo são as formas de sua origem. . . quem surge como Re. . . que se origina de si mesmo. . . que se criou de seu próprio corpo, que se carregou; ele não saiu do ventre de uma mãe; (de onde) ele saiu é o infinito.” O outro “Cântico dos Deuses primitivos” diz: “Não há pai dele, seu falo o gerou: não há mãe dele, sua semente o gerou. . . Pai de pais, mãe de mães”(l.c., col. 1.191). Outra concepção desse mito do nascimento se aproxima ainda mais da situação embrionária primária, segundo a qual o deus sol criou um ovo, do qual ele próprio saiu. No Livro dos Mortos está escrito: “Re, que se levantou do oceano, diz: ‘ Eu sou uma alma, criada pelo oceano. . . . Meu ninho não é visto, meu ovo não está quebrado. ... Fiz o meu ninho nos confins dos céus. ”E as conhecidas “ Ilustrações do Fusca ”(mencionadas por Roeder a este respeito, Roscher Lexicon), “ que rola uma bola (isto é, é ovo?) na frente dele (ilustração 7, lc) e, de fato, no corpo da deusa celestial, de quem mais tarde nasceu ”, não deixe dúvidas de que é uma questão de tendência primordial de retornar ao útero que também originalmente dava o mesmo significado ao culto do sol em lugares tão distantes da terra como o Egito e o Peru.

Mas o desenvolvimento da adoração ao sol sempre anda de mãos dadas com uma mudança decisiva da cultura materna para a cultura paterna, como é mostrado na identificação final do rei recém-nascido (infans) com o sol. Essa oposição ao domínio da mulher tanto na esfera social (direito do pai) quanto na religiosa, continua como o processo de transição do Egito para a Grécia, para onde conduz, por meio de toda a repressão da mulher, desde a vida erótica, ao mais rico desabrochar da civilização masculina e à idealização artística que lhe corresponde. O ponto de transição e também o cerne desta crise decisiva no desenvolvimento da nossa civilização ocidental reside em Creta, onde, como é bem sabido, as influências egípcias se misturaram pela primeira vez com as gregas, formando a cultura micênica.

Isso é aparente, por exemplo, na figura semelhante a um grifo que, de acordo com Furtwängler, mostra concordância inequívoca com o tipo Esfinge do novo Império, e assim também no Minotauro supostamente egípcio, que é formado totalmente em forma humana, apenas aquele a cabeça é a cabeça de um touro. A prisão deste monstro, o famoso Labirinto, também se tornou acessível à compreensão analítica (comunicação verbal do Professor Freud) desde a importante descoberta de Weidner. Weidner¹ reconheceu a partir das inscrições que as inextricáveis e complicadas passagens escuras do Labirinto são uma representação dos intestinos humanos (“Palácio dos Intestinos” é chamado nas inscrições por ele decifradas). A concepção analítica destes como a prisão da forma disforme (embrião) incapaz de encontrar a

saída, é clara no sentido de realização inconsciente do desejo. Enquanto reservo para uma obra maior¹ uma demonstração detalhada dessa concepção, cujas consequências são de imensa importância para a compreensão de outros períodos da cultura (não só do cretense-micênico, mas também do norte) e da arte (danças labirínticas, Ornamentação, etc.), gostaria, por ora, de colocar em relevo a contrafigura de Teseu que consegue, por meio do fio (cordão de umbigo) que Ariadne lhe lançou, encontrar a saída do Labirinto, ou, de acordo com outras tradições, em libertá-la disso. Esta, sua libertação, que é representada na fraseologia da compensação mítica como a libertação da donzela acorrentada pelo herói, representa o nascimento do ser humano ideal grego, o herói, e seu desligamento da antiga mãe primordial.

¹ E. F. Weidner, "Zur babylonischen Eingeweideschau. Zugleich ein Beitrag zur Geschichte des Labyrinths" (Orient. Studien., Fritz Hommel zum 60 Geburtstag, I. Band, Leipzig, 1917, p. 191).

¹ Para os Mikrokosmos und Makrokosmos já mencionados. Cf. F. Adama van Scheltema, Die altnordische Kunst, Berlin, 1923, p. 115 ff.; "Der Kreis als Mutterform der Bronzezeitornamentik." Acima está um esboço (de acordo com Krause) como ilustração. A representação do famoso lançador de Tragliatella, retratando os cavaleiros vindos do forte de Tróia, o "Labirinto", no qual a cauda do cavalo ainda permanece nos enrolamentos (ver Krause, Die nordische Herkunft der Trojasage, Glogau, 1893).

A partir deste ponto, podemos compreender retrospectivamente como o quadro do mundo do Oriente Próximo, que era puramente materno, conduziu, como indica a masculinização no mundo egípcio, à organização social governada pelos homens dos gregos (Esparta) e à idealização desta cultura puramente masculina na criação artística dos seres humanos. A expressão mais perfeita desse curso de desenvolvimento encontramos no mito de Prometeu, o ousado portador do fogo e criador dos homens, que, como seu protótipo humano, o incomparável escultor grego, se aventurou a formar os homens da terra e a soprar neles o fogo da vida.¹ Isso, assim como a criação da primeira mulher, Pandora, especialmente atribuída a ele, o coloca no mesmo nível do Deus do Antigo Testamento; apenas Prometeu foi adorado pelos gregos por causa de sua necessidade de libertação, como amigo e salvador, e seus atos foram punidos como ofensas titânicas pelo senhor Zeus. Podemos esperar encontrar novamente também a mais profunda realização do desejo do Inconsciente em sua punição,

que corresponde ao seu crime; ele está preso firmemente a uma rocha que está sozinho - a tradição posterior também fala aqui de "crucificação", uma ave de rapina incessantemente devora seu fígado, que sempre cresce novamente à noite, a fim de fazer sua tortura - e seu prazer inconsciente - eterno. Conseqüentemente, também a velha tradição de Hesíodo não sabe nada sobre sua libertação, que só mais tarde é atribuída a Hércules, que representa esse herói eternamente ligado a uma mulher (Onfale), de quem ele tenta continuamente, mas em vão, se libertar.

1 Como Bapp (Roscher's Lexicon) já mostrou, não se trata de forma alguma do "fogo celestial" (relâmpago) que Prometeu rouba, mas do fogo da terra (mãe). Aqui está relacionado o mito de Hefesto do ferreiro divino intimamente relacionado, que ele mesmo coxo (trauma de nascimento no mergulho do céu) forma os homens não mais da terra suja (Lehm = argila), mas do metal puro nobre. Veja também McCurdy: "Die Allmacht der Gedanken und die Mutterleibphantasie in den Mythen von Hephästos und einem Roman von Bulwer Lytton" (Imago, iii., 1914).

1 Cfr. também a concepção satírica posterior de "infortúnio como esposa" (a caixa infeliz de Pandora, em que Preller reconheceu a *cysta mystica*, os órgãos genitais da mulher) liga-se à velha tradição de Hesíodo, segundo a qual Zeus permite que Pandora seja criada em terra por Hefesto, a fim de punir Prometeu por roubar o fogo, a narrativa de Hesíodo termina com estas palavras: "Assim, o próprio Prometeu, o salvador, não pode escapar da ira de Zeus, e as poderosas correntes o prendem e prendem à força, por mais astuto que ele seja." O significado de uma armadilha feminina no sentido mais profundo é demonstrado por uma das mais antigas representações da punição de Prometeu em uma joia em uma das chamadas "pedras-ilha" do Museu Britânico, que remonta novamente a Creta, a sede de uma arte "que talvez possa ser chamada de Pelasgian" (de acordo com Roscher, iii., 2, col. 3.087).

Mas o artista faz o mesmo, pois ele, como Prometeu, cria os seres humanos à sua própria imagem, isto é, ele apresenta sua obra em atos de nascimento sempre novos e constantemente repetidos, e nele se apresenta em meio às dores maternas da criação. Assim, o renomado artista grego, que entende a mulher apenas como órgão de procriação, e que homenageia o amor dos meninos, elevou-se na identificação com a mãe criadora dos homens, na medida em que tenta em suas obras de arte. separar-se gradualmente e sob grande resistência da mãe, como todos os seres fabulosos semelhantes à Esfinge tão convincentemente provam. A partir deste "momento" de libertação simultaneamente desejada e, no entanto, não desejada, de libertação do ventre bestial, deste eterno jejum de nascimento, que o neurótico experimenta constantemente de novo, como ansiedade da situação primordial, do artista grego e com ele toda a raça encontrou o caminho para a

idealização, preservando em pedra sólida este momento tempestuoso, que a cabeça da Medusa manteve em todo o seu significado aterrorizante.

1 O processo de idealização pode ser seguido na transição do horrível desfiladeiro Gorgônico para a Medusa Rondanini, a Madona Grega (ver a ilustração correspondente em Roscher, i., 2, col. 1716-17, 1723). Cf. Ferenczi, "Zur Symbolik des Medusenhauptes" (Int. Zschr. F. Ps.A., ix., 1, 1923, p. 69) e a observação complementar de Freud, "The Infantile Genital Organization of the Libido", Coll. Papers, vol. ii., p. 247, nota 2.

A arte grega, então, constitui a primeira representação do movimento. Ele quebrou a rigidez desajeitada das figuras asiáticas e egípcias em movimento, mas foi condenado novamente à rigidez (Laokoön de Lessing). O grego, que também foi o primeiro "desportista", tem o elemento de movimento em sua cultura física, seus jogos, suas competições e danças, cuja importância como paroxismos físicos idealizados (rítmicos e compostos) do inconsciente (espasmos, ataques), podemos aqui apenas nos referir de passagem.

2 Cfr. a descrição e história das "Danças do labirinto" de Krause. Nos jogos circenses romanos que ainda sobrevivem em nossa pista de corrida, a corrida, girando e girando, ocorre como se em passagens labirínticas.

Afinal, talvez tenhamos que buscar o início de toda arte em geral na arte plástica. Mas antes que o homem primitivo começasse, como Prometeu, a formar homens em barro, presumivelmente, na analogia do instinto de construção do ninho, ele primeiro criou um recipiente para um receptáculo e uma proteção, em imitação do útero.³ A antiga tradição babilônica do deus que faz os homens na roda de oleiro - como o deus Chnum é representado no templo de Luxor - aponta na mesma direção. O vaso original, como no "Mito do Nascimento do Herói", é o útero, que primeiro imita. Logo o vaso passa por um desenvolvimento ainda mais claro no sentido de representar o conteúdo original, ou seja, o ser humano diminuto, a criança, ou sua cabeça (Kopf, Toff, pote). Pega barriga, orelhas, bico, etc. (cf. os típicos headbeakers, por exemplo, dos primitivos, as urnas com rostos, etc.¹) Esta primitiva criação humana, portanto, repete fielmente o desenvolvimento biológico desde o

vaso até a criança (nele encontrada). E quando a arte real posterior, que, por assim dizer, libertou completamente os seres humanos do vaso, produziu seres humanos completos, como o fizeram Prometeu e os escultores gregos, devemos reconhecer nela a tendência de evitar o trauma do nascimento, o doloroso libertação.

3 Fuhrmann (Der Sinn im Gegenstand, p. 2 f.) Distingue dois tipos de vasos: aqueles não feitos para líquidos são formados após a forma dos intestinos dos animais, a partir dos quais a técnica em formato de rolo da arte da cerâmica se desenvolveu (lc, na Nova Guiné). “O pote em forma de barriga representa fielmente em sua base a parte inferior do corpo do homem, portanto, uma linha infinita de intestinos dispostos em espiral, que são revestidos externamente por uma pele e contêm o estômago por dentro, ou recebem o estoque de alimento. . . . Aqueles feitos para líquidos são formados como o úbere de um animal ou como o seio de uma mulher (ver Schlauch = outre = útero; Bocksbeutel, Beutel = bouteille = garrafa), de modo que cada mamadeira é um úbere, que fica em sua base " a tetina para cima. ”

1 A decoração posterior da embarcação substitui o conteúdo original da embarcação, como mostra a cerâmica peruana com particular clareza (ver no Peru de Fuhrmann, i., Especialmente as notáveis figuras de animais e humanos nas embarcações barrigudas e em forma de corpo do Chimu cultura, ilustração 6 e seguintes). Da mesma forma, também a ornamentação do famoso jarro de Tragliatella deve ser entendida como a representação na superfície do que está dentro. ... No Bhagavad Gita hindu, os corpos são chamados de Kscheta, isto é, vasos, solo com frutos, útero (de acordo com Winterstein, l.c., p. 8).

Nisto percebemos a verdadeira raiz da arte, a saber, nesta imitação autoplástica¹ do próprio crescimento e origem do vaso materno; pois a cópia deste recipiente em si pode ter se tornado subserviente às necessidades práticas, enquanto a formação de acordo com o próprio corpo significa a realização característica da arte, de aparente falta de propósito que ainda é de alguma forma cheia de significado. Nesse sentido, a arte se desenvolveu, por assim dizer, como um ramo da “arte aplicada”, o que de fato era originalmente e, como tal, desempenha um papel muito importante na cultura real. Além disso, certamente não é por acaso que os gregos, idealizando acima de tudo o corpo masculino, deviam ter alcançado na composição e no refinamento do vaso materno o mais alto estágio de perfeição em seus vasos.

1 Verworn inferiu o caráter da arte pré-histórica, chamada por ele de “fisioplástica”, a partir da perfeição e falta de desenvolvimento do naturalismo diluvial (Zur Psychologie der primitiven Kunst, 1908). Reinach cunhou a frase apropriadamente ambígua para isso: “Proles sine matre creata, mater sine prole defuncta” (de acordo com Scheltema, l.c., p. 8).

Nas representações animais naturalistas da Idade do Gelo, temos diante de nós o início correspondente da pintura. Nestes desenhos em cavernas, o homem parece ter reproduzido o corpo do animal como um símbolo para ele do abrigo que dá calor, a caverna. Só assim é inteligível, por que "animais isolados ou grupos de animais em lugares profundos em capelas e nichos, são acessíveis apenas depois de superar obstáculos consideráveis e difíceis (que podem colocar o ignorante em perigo de vida) muitas vezes apenas rastejando nas mãos e joelhos" (Schneider, 1c, p. 5).² Esta concepção não só não contradiria a explicação "mágica" "prevalente, mas a tornaria psicologicamente (do inconsciente) inteligível: ainda é uma questão de animais, que aquecem, protegem, e nutrir os seres humanos, como antes a mãe fazia.

2 Ver R. Schmidt, *Die Kunst der Eiszeit*, 1922, e Herb. Ktih, *Die Malerei der Eiszeit*, 1922.

Na pintura posterior, por exemplo, na arte cristã, toda a vida de Jesus, desde o nascimento até a morte, é representada pictoricamente para pessoas que não sabem ler, de modo que a identificação se torna facilmente possível. Maria com a criança finalmente se desenvolve na arte italiana como o símbolo da bem-aventurança da maternidade, isto é, da bem-aventurança da criança e da mãe em união. Assim, o redentor individual se dissolve novamente nos indivíduos divinos separados, os filhos. O Cristo crucificado e "renascido" é aqui retratado como uma criança comum no seio da mãe.

Os movimentos de arte moderna que traem tantas características primitivas seriam então as últimas projeções da escola de arte "psicologizante" que representa conscientemente "o interior" do homem, ou seja, seu inconsciente, e predominantemente em formas "embrionárias".

1 Ver Hermann Bahr, *Expressionismus*, 1916, Oskar Pfister, *Der psychol. você. biolog. Untergrund d. Expressionismus*, 1920 e, finalmente, Prinzhorn, *Die Bildnerei der Geisteskranken*, 1922.

Chegamos agora à própria raiz do problema da arte, que é finalmente um problema de forma. Como nos parece, toda “forma” remonta à forma primordial do vaso materno, que se tornou em grande parte o conteúdo da arte; e, de fato, de uma forma idealizada e sublimada, ou seja, como forma, que torna a forma primitiva, caída sob repressão, novamente aceitável, na medida em que pode ser representada e sentida como "bela".

Se agora perguntarmos como foi possível para o povo grego realizar uma idealização tão extensa do trauma do nascimento, a história da Grécia antiga pode nos dar uma pista para a compreensão desse notável desenvolvimento. Estou pensando na migração dórica, que expulsou uma parte do povo grego de sua terra natal nos primeiros tempos e os obrigou a procurar uma nova pátria nas ilhas Jônicas, situadas em frente e na costa da Ásia Menor. Essa separação compulsória da terra natal parece, no sentido de uma repetição do trauma do nascimento, a separação violenta da mãe, ter determinado todo o desenvolvimento posterior da cultura grega. Parece bastante certo que os épicos homéricos, especialmente a *Ilíada*, representam a primeira reação artística à conclusão desta grande migração de pessoas, esta colonização da costa da Ásia Menor pelos colonizadores gregos. A batalha pela fortaleza de Tróia e pela eternamente jovem Helena, raptada para lá de sua terra natal, refletem novamente as tentativas desesperadas dos emigrantes gregos de se estabelecerem em uma nova terra; ao passo que as batalhas homéricas dos deuses parecem indicar uma repetição da batalha da laboriosamente arregimentada dominação olímpica de Zeus contra o culto da ídolo-mãe (Atenas), ainda prevalecte na Ásia Menor. Espero, algum dia, ser capaz de mostrar, a partir da análise do conteúdo das fantasias épicas, como verdades históricas reais podem ser arrancadas dos exuberantes crescimentos da elaboração inconsciente e, assim, como a história da Grécia Antiga pode ser reconstruída. O professor Freud me propôs isso há muitos anos, instando-me a rastrear o mecanismo psicanaliticamente reconhecido de formação épica nos poemas homéricos.¹ Por ora, gostaria apenas de enfatizar o fato de que o culto grego de Deméter (Γή-μήτηρ = Mãe terra) aparentada com as deusas-mães asiáticas, foi, de acordo com Heródoto, estabelecida nas ilhas do Peloponeso antes da imigração dórica. Isso apóia nossa suposição de que a população expulsa pelos invasores dóricos estava firmemente fixada na mãe terra, enquanto, por outro lado, talvez possa indicar que os dóricos se refugiaram no amor pelos meninos como uma reação a tudo isso muito maternal. acessório. A figura de Hércules, segundo Wilamowitz, fiel reflexo da nobreza valente dos dórios do Peloponeso, teria preservado, no sentido de heroica, as dificuldades dessa separação da mãe. Pois Hércules aparece também na tradição pré-homérica como conquistador de Tróia.

1 Ver meus preparativos para isso (Imago, v., 1917-19), "Psychologische Beiträge zur Entstehung des Volksepos I Homer" (Das Problem), II, "Die Dichterische Phantasiebildung" (onde, p. 137, nota, será encontrado um esboço da obra, que até agora não ultrapassou a fase de preparação).

A representação homérica nos dá um bom exemplo de como o poeta, ao tentar lembrar acontecimentos históricos dolorosos, afunda em suas próprias fantasias de desejo inconscientes. Enquanto a *Ilíada* descreve apenas as batalhas inúteis para Tróia, na *Odisseia*, a famosa conclusão desta competição de dez anos é narrada retrospectivamente. O astuto herói encerra as disputas na famosa história do cavalo de madeira, em cujo ventre os ocultos heróis Achæan alcançam a fortaleza mais íntima. Esta tradição humana e ao mesmo tempo profundamente poética mostra claramente que os emigrantes, 1 expulsos violentamente de sua terra natal, tinham como objetivo final recuperar o eternamente jovem e belo ideal materno (Helena) 1 de uma terra estranha. E a única forma possível de realização para o Inconsciente era o retorno ao útero animal, o que seria indigno como refúgio e proteção para heróis destemidos não soubéssemos que sua própria natureza heróica brota da dificuldade do trauma do nascimento e da compensação do medo. Assim, o cavalo de Tróia é a contraparte inconsciente direta dos centauros e esfinges nativos, cujas criações mais tarde iniciariam e realizariam o processo sublime de libertação da mãe. Mas também a própria Tróia, o inexpugnável, cuja parte mais íntima só pode ser alcançada com astúcia, é como toda fortaleza um símbolo da mãe.² Assim é explicada a significação do mundo subterrâneo que os mitólogos atribuem a Tróia, e até mesmo sua estreita relação com os labirintos de Creta e do norte, que Ernst Krause (Carus Sterne) estabeleceu³ sem sombra de dúvida em um livro brilhante, marcado apenas por um excesso de pensamento histórico-mitológico.

1 Da mesma forma, no que diz respeito à expulsão dos israelitas do Egito, este evento traumático mais importante de sua história, do qual se segue todo o seu futuro destino e que corresponde exatamente ao trauma primordial da expulsão do Paraíso. Desde aquela época os judeus procuram esta terra prometida onde manam leite e mel, sem poderem encontrar (Assuero). Além disso, a expulsão do Paraíso, por conta do gozo do fruto proibido (seio materno), reflete a estrita necessidade do trauma do desmame, que o homem, por meio do ajuste à realidade, busca compensar pela obtenção de alimento artificial da terra (agricultura).

1 Como é bem sabido, conta-se que, antes de tomar posse da cidade, a estátua protetora de Atena havia sido carregada por Odisseu e Diomedes de um Ádito colocado sob a cela da deusa, por canais subterrâneos ou ravinhas de riachos.

2 Veja meu tratado, "Um Städte werben," Int. Zschr. f. Ps.A., i., 1913.

3 Die Trojaburgen Nordeuropas. Ihr Zusammenhang mit der indogermanischen Trojasage von der entführten und gefangenen Sonnenfrau, den Trojaspielen, Schwert-und Labyrinthtänzen zur Feier ihrer Lenzbefreiung. Com vinte e seis ilustrações no texto. Glogau, 1893.

A proverbial astúcia de Odisseu, que, além disso, é apropriada a todos os "foguetes celestiais" da mitologia grega e os leva à queda em Tártaros (submundo) e ao castigo eterno, lança uma luz importante sobre a psicologia do poeta.¹ Odisseu, o narrador de todos esses contos de fadas falsos que falam do retorno ao útero, obviamente representa o próprio poeta, e pode, além disso, ser considerado o representante e pai primordial de todos os poetas épicos, cuja função parece ser depreciar o trauma primário por exagero fictício e, portanto, ainda mantém a ilusão de uma realidade primordial que está por trás da fantasia primitiva. No entanto, os mais recentes seguidores desse tipo de narrativa, como, por exemplo, o agora famoso Barão von Münchhausen, tentam representar o impossível, o inatingível - até mesmo aquilo que contradiz diretamente a Natureza, como, por exemplo, tirar-se da água pelos cabelos - como a coisa mais fácil do mundo, de modo que a própria impossibilidade da situação representa para o Inconsciente o elemento mais calmante e gratificante.

1 Mencionei a relação psicológica do poeta com o herói em meu estudo sobre "Die Don Juan-Gestalt", Imago, viii., 1922, p. 193.

2 O antinatural freqüentemente prova estar conectado com a não realização da situação do útero e sua representação. Assim, em Macbeth, a ameaça de que ele cairá quando a floresta Birnam se mover sobre ele (em vez de ele entrar na floresta); esta advertência corresponde às outras de que só um nascituro, a saber, Macduff, cortado do corpo de sua mãe, o conquistará (cf. também a cabeça do nascituro que aparece a Macbeth e a cabeça ensanguentada). A partir desse ponto cardeal da peça, que segundo Freud se baseia no tema da ausência de filhos, muito do que é enigmático se torna inteligível. Pode-se comparar com as observações de Freud sobre "o estranho" (Imago, v., 1917-19) na poesia, que finalmente também corresponde à situação do útero (l.c., 261 e seguintes).

Em contraste com esse astuto violador das leis naturais e divinas que, de alguma forma, permite que esse desejo constantemente insatisfeito seja satisfeito nas narrativas fictícias, está o típico simplório que, de maneira notável, realiza as tarefas mais impossíveis no jogo. Mas sua estupidez nada mais é do que uma expressão de seu infantilismo; ele também é um infans, tão inexperiente quanto o deus recém-nascido Hórus, que é representado com o dedo na boca. Quanto mais estúpido e, portanto, mais infantil ele é, mais cedo ele terá sucesso na realização do desejo primordial, e se, como o pequeno Tom Thumb dos contos de fadas, ele tem apenas a estatura da primeira fase embrionária, então ele é quase onipotente e atingiu o estado ideal com o qual o neurótico ainda sonha tantas vezes, 1 e que os heróis míticos recém-nascidos parecem representar, a saber, o de ser novamente muito pequeno, mas ainda participante de todas as vantagens de um adulto pessoa 2

1 Cfr. a expressão de uma paciente de Freud (Interpretação dos Sonhos) que se arrependeu de não ter feito melhor uso do seio de sua ama quando criança.

2 Ferenczi primeiro chamou a atenção para este "sonho da amamentação sábia" (Int. Zschr. F. Ps.A., ix., P. 70).

Por outro lado, a tragédia (que também foi levada à mais alta perfeição pelos gregos e que, segundo Nietzsche, pereceu no "socratismo estético", isto é, na hipertrofia da consciência) surgiu das representações mímicas dos ritos míticos, e simbolizava os sofrimentos e punições do herói mítico³ por causa de sua "culpa trágica". Isso se tornou conhecido por nós em seu significado inconsciente a partir da análise da tradição mítica, e a origem da tragédia nas danças e canções dos participantes do sacrifício que estavam envoltos em pele de cabra mostra claramente o que estava envolvido. A pele em que os participantes se envolvem após o sacrifício e a estripação do animal nada mais é do que um substituto para o útero protetor. Essa percepção parcial do retorno à mãe também encontrou uma expressão pictórica duradoura nos numerosos faunos com pernas e cabeças de cabra e sátiros da mitologia e escultura gregas¹. Na arte da tragédia que, como a dança, toma o próprio ser humano vivo como seu objeto, o caráter assustador e primitivo do desejo primitivo reprimido vive de uma forma mais branda como culpa trágica, que todo espectador mortal individual pode reencenar revivendo-o continuamente: ao passo que na poesia épica vemos as tentativas de superar o desejo primordial por meio de transformações fictícias. A mais alta idealização do trauma do nascimento alcançada na arte plástica é, na tragédia que desperta a compaixão, resolvida mais uma vez no elemento maleável primordial do feto de ansiedade, capaz de escoamento, enquanto na poesia épica e satírica a idealização altamente tensa irrompe quando mentira arrogante.

3 Cfr. também Winterstein, "Zur Entstehungsgeschichte der griechischen Tragödie," Imago, VIII, 1922.

1 Em uma investigação psicanalítica completa, "Panik und Pan-Komplex" (Imago, vi., 1920), o Dr. B. Felszeghy traçou o efeito do medo do "pânico", em conexão com as investigações de Ferenczi sobre o desenvolvimento do sentido de A realidade, de volta à repetição da ansiedade do nascimento, tornou a notável forma mítica de Pã completamente inteligível a partir desse significado. Muito já encontra expressão em Felszeghy, que em nosso trabalho ganha nova iluminação de outro lado.

A arte, como representação e ao mesmo tempo negação da realidade, assemelha-se assim ao jogo infantil em que reconhecemos a tentativa de depreciar o trauma primordial pela consciência de não ser sério. A partir daqui, o caminho leva à compreensão do humor; este estágio mais elevado na superação da repressão é alcançado por uma atitude bastante definida do Ego para com seu próprio Inconsciente. Mas não podemos rastrear aqui a origem do humor, pois ele nos levaria novamente a fundo na teoria da neurose e sua terapia baseada na psicologia do Ego.

ESPECULAÇÃO FILOSÓFICA

A filosofia grega, que é realmente a primeira a merecer o nome, e que mais tarde foi ligada à física - embora Aristóteles estivesse certo ao designar seus predecessores como parentes próximos de Filomito - mostra em sua origem entre os filósofos da Natureza Jônica a contraparte ingênua da idealização tendência que foi estendida ao máximo na arte e mitologia gregas. Esses primeiros pensadores ocidentais, de Tales a Sócrates, parecem formar o estágio de transição entre a visão de mundo cósmica do antigo Oriente e nosso ponto de vista científico natural, e são, portanto, os precursores de nossa mentalidade europeia ocidental atual.

Enquanto a visão de mundo oriental tentava por uma projeção cósmica sublime derivar o destino terreno da imagem celestial cósmica, 1 os pensadores jônicos realizaram a separação dessas esferas em uma visão não sofisticada e, voltando à mãe original, a Natureza, eles tentaram para conceber a vida terrena como livre de influência sobrenatural. Que isso só teve sucesso porque os gregos baniram simultaneamente toda a mitologia oriental dos céus para o submundo, no verdadeiro sentido da palavra, já mencionamos no capítulo anterior. Por meio dessa purificação do ar das fantasias cosmológicas, eles estavam em posição de ver e compreender as leis naturais em sua forma simples, exatamente onde a cosmovisão oriental reconhecia apenas as leis celestiais que funcionavam na terra.

1 Entre os babilônios, a astrologia é paralela ao augúrio aplicado aos intestinos do animal do sacrifício. O ser humano e suas partes internas foram projetados para os céus (veja meu *Mikrokosmos und Makrokosmos*, agora em preparação).

A filosofia grega começa, como é bem sabido, com a afirmação de Tales de que a água é a origem e o útero de todas as coisas.¹ Antes de seguir o desenvolvimento posterior do pensamento grego a partir desta fórmula concentrada, ² deixemos claro para nós mesmos que com esta afirmação a primeira a vaga concepção da origem individual do Homem na mãe é estendida a uma lei natural universal. O mecanismo dessa cognição, sem dúvida biologicamente correto, ³ se distingue da projeção cósmica e mítica das águas celestiais (via láctea) e dos rios do mundo subterrâneo (riacho dos mortos) pelo fato de ser uma descoberta real, o afastamento de uma cortina, ou, como diríamos, o afastamento de uma repressão, que até então impedia a descoberta da origem de toda a vida na água, justamente porque o próprio homem uma vez saiu do líquido amniótico. O pré-requisito para a descoberta de uma verdade é, portanto, o reconhecimento do Inconsciente no mundo externo pela remoção de uma repressão interna, que começa diretamente - como o desenvolvimento da filosofia mostra claramente - da repressão primária.

1 Cfr. "Die Bedeutung des Wassers im Kult und Leben der Alten. Eine symbolgeschichtliche Untersuchung", de Martin Ninck (*Philologus Suppl.*, Bd. Xiv., Heft 2, Leipzig, 1921).

2 De acordo com Nietzsche, *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen* ("Filosofia durante a Idade Trágica dos Gregos," *Filosofia Grega Antiga*) (1873), do qual todas as citações seguintes foram tiradas. *Trabalhos*, editado Levy, p. 73 ff.

3 Além disso, veja agora o paralelo filogenético de Ferenczi ao desenvolvimento individual (Versuch einer Genitaltheorie, 1924).

O sucessor de Tales, Anaximandro de Mileto, o primeiro autor filosófico dos antigos, já mostra uma reação a isso, quando diz: “De onde as coisas se originaram, para lá, conforme a necessidade, elas devem retornar e perecer; pois eles devem pagar a pena e ser julgados por suas injustiças de acordo com a ordem do tempo.”¹ Nietzsche interpreta corretamente esta expressão oracular como a primeira nota pessimista da filosofia, e a compara com uma declaração do pessimista clássico Schopenhauer, cuja atitude em relação a a vida e o mundo são assim explicados: “O padrão correto pelo qual julgar todo ser humano é que ele realmente é um ser que não deveria existir, mas que está expiando sua existência por múltiplas formas de sofrimento e morte: O que pode-se esperar de tal ser? Não somos todos pecadores condenados à morte? Nós expiamos nosso nascimento primeiro pela nossa vida e depois pela nossa morte.”² A declaração de Anaximandro, portanto, complementa o conhecimento de Tales, enfatizando o retorno à própria origem de tudo, e revela por meio da intuição psicológica uma segunda lei da Natureza que foi assumida apenas em parte mudou de forma em nosso pensamento científico.

1 Nietzsche, "Filosofia durante a Idade Trágica dos Gregos," Early Greek Philosophy, p. 92

2 Ibid., Pp. 92-93.

3 Quem sabe se a “ideia” antropomórfica casual de Nietzsche de que “todo o material inorgânico surgiu do orgânico; é matéria orgânica morta, cadáver e homem” algum dia não “reavaliará” a ciência natural. S. Rado recentemente tentou mostrar até que ponto também as ciências naturais exatas são inconscientemente determinadas: “Die Wege der Naturforschung im Lichte der Psychoanalyse” (Imago, viii., 1922). Para os primeiros passos na química, alquimia, Jung já cunhou a fórmula abrangente que visa, em última instância, gerar filhos sem mãe (cf. H. Silberer “Der Homunkulus,” Imago, in., 1914, e Probleme der Mystik und ihrer Symbolik, 1914). Deve-se ler em conexão com a química moderna o interessante artigo do Dr. Alfred Robitsek: “Symbolisches Denken in der chemischen Forschung” (Imago, i., 1912). Além disso, é psicologicamente notável que o verdadeiro destruidor da alquimia e o primeiro químico científico natural, Justus Liebig, tenha sido o inventor do esterco artificial e do extrato de carne e, assim, tenha realizado o sonho do desejo alquímico de uma maneira simbolicamente realista.

Ao mostrar como, da transitoriedade de todas as coisas terrenas, o pensador grego chega à suposição necessária de um ser "indefinido", um ser primordial, o útero de todas as coisas, Nietzsche consegue nos dar um vislumbre do caminho que conduz de lá além da "ideia" platônica para a "coisa-em-si" kantiana, na qual Schopenhauer foi o primeiro a reconhecer a "vontade" mais uma vez, embora ainda sob disfarce filosófico. Desse conflito entre origem e desaparecimento, decorrente diretamente da repressão do trauma primordial, Heráclito procurou salvar-se por sua lei do devir eterno, na medida em que reconheceu, bem no sentido da repressão primária, "o curso próprio de todos. tornando-se e passando que ele concebeu sob a forma de polaridade, como a divergência de uma força em duas ações opostas qualitativamente diferentes lutando após a reunião." ¹ Se o que se quer dizer aqui é a ambivalência primordial conectada com o ato de tornar-se (nascimento), então o substrato qualitativo deste estado não está faltando. Anaximandro já havia desenvolvido a teoria da água (fria) ao afirmar que ela se originava do "calor" e da "umidade" como seu estágio primário, e o "físico" Heráclito então reinterpreto "esse 'calor' anaximandriano como a respiração, o hálito quente, os vapores secos, em suma, como o elemento ígneo; sobre esse fogo ele agora enuncia o que Tales e Anaximandro haviam enunciado sobre a água: que em inúmeras metamorfoses ela estava passando pelo caminho do Devir, especialmente nos três estágios principais do agregado como algo Quente, Úmido ou Firme." ² Desta forma Heráclito descobriu a circulação atmosférica com sua periodicidade, que, ao contrário de Anaximandro, ele concebe, no sentido de que a extinção constantemente renovada na conflagração universal que tudo destrói "se caracteriza como uma demanda e uma necessidade; o estado de ser completamente engolido pelo fogo como saciedade." ¹ Com este conhecimento do prazeroso retorno ao nada, que novamente parece tornar o devir um problema insolúvel, a simples contemplação livre da repressão volta-se mais uma vez à especulação sob a influência de uma nova onda de repressão.

¹ Nietzsche, "Filosofia durante a Idade Trágica dos Gregos," *Early Greek Philosophy*, p. 101

² *Ibidem*, p. 105

¹ *Ibidem*, p. 105

Embora Heráclito pudesse dizer com razão: "Eu me busquei e me investiguei", seu sucessor Parmênides, afastando-se dessa contemplação das realidades, lança-se nas abstrações lógicas de "ser" e "não ser". Ele os separou dos fatos originalmente bastante reais e humanos de ser e não ser, que em sua aplicação antropomórfica ao mundo ainda podem ser rastreados linguisticamente; pois "esse significa no fundo: 'respirar!'" (Nietzsche). Por dedução lógica, Parmênides chegou então à primeira crítica de nosso instrumento de conhecimento através do qual podemos apenas reconhecer aparências, e assim preparou o caminho para aquela separação filosófica de "mente e corpo" que ainda continua a existir em nosso pensamento científico. Aqui, é feita uma tentativa pela primeira vez de estabelecer logicamente a visão de mundo idealista, que em Platão, e ainda mais claramente em seus precursores hindus, partiu de uma retirada por meditação mística para a condição primordial.

Anaxágoras então deu mais um passo na ciência natural e na teoria do conhecimento ao contestar a possibilidade de que, a partir de um elemento primordial, o útero do Devir, uma pluralidade de qualidades pudesse prosseguir. Segundo ele, existem desde o início inúmeras substâncias que só com o movimento produzem a variedade e a multiplicidade do mundo. "Esse movimento, no entanto, é uma verdade e não Aparência que Anaxágoras provou em oposição a Parmênides pela sucessão indiscutível de nossas concepções no pensamento". Mas agora, para explicar o movimento das idéias, ele assumiu na "mente em si", em Nous, "um primeiro momento de movimento em alguma era primitiva, como o Chalaza de todos os assim chamados Devir; isto é, de toda a Mudança." ¹ E assim, finalmente, pelo caminho indireto da dedução lógica, ele alcançou aquele agora famoso estado primordial, o Caos, no qual Nous ainda não operara no material e, portanto, ainda estava imóvel, descansando em uma abençoada estado, que Anaxágoras descreveu pela expressão "semente de todas as coisas". A forma como este pensador retrata para si a formação do Cosmos, a partir deste caos do círculo movido pelo Nous, aproxima, apesar de todas as suas representações primitivas da procriação humana (como já mostrado por Nietzsche), as leis da mecânica, que dois mil anos mais tarde Kant iria proclamar em seus pronunciamentos inspiradores sobre a história natural dos céus.

1 Ibidem, p. 145

Os primeiros filósofos gregos não podiam, portanto, fugir do problema primordial do Devir, da questão da origem das coisas. Eles vagaram por caminhos diferentes, seguidos pelos filósofos posteriores, e se afastando cada vez mais do problema real da origem do homem, que estava por trás da repressão primordial. Coube ao gênio de Platão reverter o problema em sua

doutrina de Eros, e também no campo da filosofia redescobrir o ser humano como medida de todas as coisas, como quase simultaneamente a arte grega o descobriu.

A filosofia de Eros de Platão, que já foi totalmente apreciada do lado psicanalítico, 1 coloca o instinto humano de procriação no centro das coisas e aponta em sua explicação do mundo para os diferentes estágios de Eros, como mostrado no sensual, no psíquico, a atitude filosófica e religiosa (mística). Aqui, pela primeira vez, o problema filosófico é apreendido na raiz e, portanto, não devemos nos surpreender se Platão usa para a apresentação de sua doutrina símiles que se aproximam muito dos fatos biológicos. Ele concebe Eros como o anseio por um estado perdido, na verdade ainda mais claramente, por uma união perdida, e também explica a essência do impulso sexual em sua famosa alegoria do ser primordial dividido em dois, como um esforço para a reunião. Esta é a abordagem consciente mais clara do desejo de reencontro da criança com a mãe, que até então havia sido alcançado na história da mente humana, e com a qual Freud foi capaz de relacionar sua teoria da libido.² Na verdade, Platão, em harmonia com a religião Órfico-dionisíaca se aproxima mais do conhecimento biológico final quando diz: "Eros é a Dor com a qual o Demônio, que por sua própria culpa enigmática foi lançado ao nascimento, 3 reclama o Paraíso perdido de seu Ser puro e original."

1 Especialmente na valiosa investigação de Winterstein, "Psychoanalytische Anmerkungen zur Geschichte der Philosophie" (Imago, ii., 1913). Posteriormente, por Nachmannsohn, "Libidotheorie verglichen mit der Eroslehre Platos de Freud" (Int. Zschr. F. Ps.A., iii., 1915) e "Plato als Vorläufer der Psychoanalyse" de Pfister (ibid., Vii., 1921).

2 Freud, *Jenseits des Lustprinzips*, 1921.

3 "A expressão 'mergulho' no nascimento é encontrada não apenas entre os órficos, mas também no budismo" (Winterstein, l.c., p. 184).

Mas porque Platão, por meio de alguma intuição extraordinária, sentiu esse desejo intenso dentro de si e o representou, ele agora o projeta, em conformidade com a repressão primordial inexorável, para todo o mundo exterior, e assim consegue reconhecer em todas as coisas o anseio pelo transcendental, a busca pela perfeição, a vontade de ascender à imagem primordial da "Idéia". O quão próximo psicologicamente esse conceito está daquele da origem

de um ser primordial não requer elucidação¹ a partir dos pensamentos primitivos de outros povos, porque seu significado inconsciente é muito claro. O idealismo platônico, tal como aparece neste conceito, a ruptura com o mundo físico, com a qual Platão obviamente tem que pagar por sua visão do mundo interior, encontra-se na famosa comparação da existência humana com uma caverna subterrânea, em cujas paredes se percebe apenas as sombras de processos reais, uma representação que realiza desejos, que lança uma luz clara sobre a fonte subjetiva do insight de Platão. A comparação com a caverna não é apenas "uma fantasia de útero", como Winterstein (l.c.) já supôs, mas nos dá um vislumbre profundo da mente do filósofo, que experimentou Eros impulsionando tudo como um anseio pelo retorno ao o estado primordial, e ao mesmo tempo criou a expressão da mais alta sublimação filosófica para ele em sua doutrina das idéias.

1 Winterstein (l.c., p. 193).

2 O suplemento filogenético a isso, de acordo com o pensamento de Nietzsche, é a transmigração de almas de Pitágoras, que responde à questão de como podemos saber alguma coisa sobre as ideias: lembrando uma existência anterior; mas expresso biologicamente, isso só pode significar o estado embrionário.

Se a cognição filosófica do homem atingiu seu clímax em Platão, resta agora explicar o que obrigou os pensadores dos dois mil anos seguintes a se desviar dessa síntese e idealização sublimes do desenvolvimento filosófico grego inicial e a seguir o caminho pedregoso da repressão e do deslocamento intelectual. . Platão havia chegado tão perto do procurado conhecimento primordial que uma forte reação era inevitável, e reconhecemos em Aristóteles, seu discípulo e sucessor imediato, o portador dessa reação. Desviando-se do trauma primordial formulado filosoficamente, Aristóteles conseguiu fazer uma conquista científica natural de uma nova parte da realidade, por meio da qual se tornou o pai de todas as ciências naturais e mentais. Mas, para isso, ele teve de fechar novamente os olhos para o impulso interior, e por um deslocamento neurótico obsessivo da libido primitiva reprimida para os processos de pensamento, para trazer à floração rica a especulação lógica e dialética sobre a qual toda a filosofia ocidental foi nutrido até a época de Schopenhauer, que foi o primeiro a retornar à sabedoria primordial hindu e sua expressão filosófica em Platão. Levar-nos-ia muito longe até mesmo traçar em linhas gerais o desenvolvimento do pensamento aristotélico, que exerceu uma influência tão enorme na história intelectual da Europa, justamente porque levou a humanidade cada vez mais fundo na especulação escolástica e, portanto, aparentemente cada vez mais longe da repressão. Digo aparentemente, pois mesmo nas abstrações mais lógicas dos aristotélicos, existem traços tão tangíveis¹ da repressão primordial que somente estes seriam suficientes para explicar a tendência contínua à especulação. Por outro lado, a

tendência intelectual geralmente introvertida do lógico especulativo e do místico psicologicamente semelhante a ele mostra que, com a remoção intelectual da repressão, toda a sua atitude psíquica se aproxima cada vez mais da situação primária de meditação e abandono que ele tenta evitar no conteúdo de seu pensamento.

1 Em um trabalho submetido à redação da Imago por E. Roeder, "Das Ding an sich", isso é mostrado em detalhes até mesmo para a coisa biológica em si, o embrião no útero, de cuja ideia especialmente o todo (geométrico) o conceito de espaço de Aristóteles é deduzido.

Os místicos filosóficos representam, portanto, a continuação direta do misticismo religioso, que consiste em mergulhar na própria meditação interior. Chamam o Deus, que agora procuram em seu próprio ser interior, de Conhecimento, mas o objetivo é o mesmo: a unio mystica, o ser um com o Todo. Que esta experiência mística é fortemente colorida sexualmente, que a união com a divindade é sentida e experimentada sob a semelhança de uma união sexual¹ (saber = coire), é mostrado pelo fundamento libidinal para este esforço fundamental, o retorno ao estado primordial. Está escrito nos Upanishads: "Assim como quando um homem é abraçado pelo amado, ele não tem consciência do que está fora e dentro, assim também a mente que é engolfada pelo eu primordial, não tem consciência daquilo que é fora ou dentro." E Plotino diz do êxtase místico: "Não há espaço intermediário ali, não há mais dois, mas ambos são um, não estão separados um do outro, enquanto aquele um estiver aí. Esta união é imitada aqui neste mundo pelo amante e pelo amado, que desejam se fundir um com o outro em um único ser."² Como já mostra o hindu tat twam asi (você mesmo é isso), é uma questão de acabar com as fronteiras entre o Ego e o não-Ego; na oração, isso é tentado tornando-se um com Deus (compare com isso o versículo de Mechthild: "Eu estou em você e você está em mim", Heiler, Das Gebet). E um místico islâmico grita em êxtase abençoado: "O Ego e o Você deixaram de existir entre nós, eu não sou eu, você não é você, também você não é eu; Eu sou ao mesmo tempo eu e você, você é ao mesmo tempo você e eu. Estou confuso se você é eu ou eu você" (l.c.).

1 Ver Pfister, Hysterie und Mystik bei Margareta Ebner (1291-1351), 1910 (Zum Kampf um die Psychoanalyse, cap. v., 1920); Die Frömmigkeit des Grafen Ludwig von Zinzendorf. Ein psa. Beitrag z. Kenntnis der reh. Sublimierungsprozesse und zur Erklärung des Pietismus, 1910. Além disso, A. Kielholz, Jakob Boehme. Ein pathographischer Beitrag zur Psychologie der Mystik, 1919. Ver também G. Hahn, Die Probleme der Hysterie und die Offenbarungen der Heiligen Therese, 1906.

2 O próprio Plotino sofreu de tais êxtase, visionários arrebatamentos da alma, como ele relata nas Enéadas (iv., 8, 1). Essa libertação da alma da compulsão da necessidade fatal e do renascimento é ensinada também por teurgistas, mágicos e gnósticos. Teurgos genuínos, como os neoplatônicos, conseguiram isso por si mesmos meditando e ponderando em detalhes sobre coisas últimas e também por preparação física, como jejum contínuo e autopunição de todos os tipos (ver Th. Hopfner, "Über die Geheimlehren von Jamblichus", Quellenschr. d. Griech. Mystik., Bd. I., Leipzig, 1922).

Como vimos, os neoplatônicos e seus sucessores tiveram sucesso total, embora certamente à custa de uma visão filosófica, em perceber aquele esforço para a união com sua origem, que foi tão poeticamente formulado na filosofia de Eros de seu Fundador. Como reação a ela surge a filosofia moderna, que, como a filosofia grega, partiu da descoberta do homem como parte da Natureza e buscou intelectualmente negar e abolir sua separação dela. Isso começa em um estágio de desenvolvimento psíquico superior com a descoberta de Descartes do Ego, como algo distinto do não-Ego, para finalmente culminar na engenhosa expansão do Ego no sistema kantiano, enquanto os sistemas hipertróficos do Ego, tais como o de Fichte, representam a contrapartida da projeção mitológica do Ego no mundo circundante. Mas mesmo Kant só conseguiu reconhecer e conceber como uma teoria do conhecimento a aprioridade das idéias de espaço e tempo como categorias inatas do imediatismo do estado intrauterino, na medida em que gratificou as tendências transcendentais de seu Inconsciente, por um lado, por meio do compensação sublime de seu conhecimento das leis cósmicas e, por outro lado, por meio de sua existência patologicamente excêntrica. A "coisa em si", que ele admitia como a única realidade transcendental e, portanto, impenetrável, naturalmente lhe escapou.

Esse desenvolvimento do pensamento filosófico não apenas nos mostra que essa "coisa em si" é novamente idêntica ao misterioso, fortemente reprimida a base primária de nosso ser, o útero da mãe, mas a modificação filosófica posterior de Schopenhauer desse conceito por meio da "vontade" novamente humaniza a "coisa em si" e a transfere para o nosso eu interior, onde Nietzsche afirma vê-la como a vontade egoísta de poder, enquanto a Psicanálise, por seus caminhos recém-descobertos para o "autoconhecimento", tornou-a psicologicamente compreensível como a libido primária trabalhando inconscientemente.

Esse "conheça a si mesmo", que a psicanálise primeiro realmente levou a sério, nos leva de volta a Sócrates, que tomou esse comando do Apolo délfico como fundamento de sua

doutrina. Até agora não falamos desse predecessor direto de Platão, sem o qual o próprio Platão e todos os que vieram depois dele são psicologicamente inconcebíveis. Pois antes da imagem de Sócrates indo consciente e destemidamente para a morte, seu amigo e aluno Platão, como diz Nietzsche, "se jogou no chão em devoção fervorosa e entusiástica" e dedicou sua vida à promoção e preservação da memória de seu mestre. Mas a filosofia de Sócrates mostra apenas o substrato concreto do trauma primordial, ao qual seu pupilo Platão e seu sucessor Aristóteles reagiram de maneiras tão abrangentes. Com o aparecimento de Sócrates, que se distingue como um tipo especial entre os filósofos antes e depois dele, aquela virada decisiva para o eu interior entra no pensamento grego que preserva sua formação filosófica através de Platão e já se caracteriza pelo fato de Sócrates, como Relata Xenofonte em sua Memorabilia, rejeita expressamente como inútil a meditação sobre a origem do mundo e as questões relacionadas a ele.

A fim de sermos capazes de avaliar plenamente a importância de Sócrates, em quem Nietzsche vê "o ponto de inflexão e a coroa da chamada história mundial", devemos voltar novamente à penetrante psicanálise de Nietzsche sobre este seu arquidversário no Nascimento da Tragédia. "“ Apenas por instinto ’: com esta frase tocamos no coração e no núcleo da tendência socrática. O socratismo condena com isso a arte existente, bem como a ética existente. . . . Desse ponto em diante, Sócrates acreditou que foi chamado para corrigir a existência; e, com um ar de desprezo e superioridade, como o precursor de uma cultura, arte e moralidade totalmente diferentes, ele entra sozinho no mundo. . . . Aqui está a hesitação extraordinária que sempre se apodera de nós em relação a Sócrates, e repetidamente nos convida a averiguar o sentido e o propósito deste fenômeno mais questionável da antiguidade. Quem é que se aventura sozinho a repudiar o caráter grego? 1 ”

1 Nietzsche, Birth of Tragedy, pp. 103-4. (Obras, editadas pelo Dr. Oscar Levy.)

“Uma chave para o caráter de Sócrates é apresentada a nós pelo fenômeno surpreendente designado como o ‘daimonion’ de Sócrates. Em circunstâncias especiais, quando seu intelecto gigantesco começou a cambalear, ele obteve um apoio seguro nas declarações de uma voz divina que então falou com ele. Essa voz, sempre que chega, sempre dissuade. Nessa natureza totalmente anormal, a sabedoria instintiva só aparece para impedir o progresso da percepção consciente aqui e ali. Enquanto em todos os homens produtivos é o instinto que é a força criativamente afirmativa, a consciência apenas se comportando crítica e dissuasivamente, em

Sócrates é o instinto que se torna crítico, é a consciência que se torna criadora - uma monstruosidade perfeita per defectum. "1

A esse diagnóstico, Nietzsche quase vinte anos depois acrescentou uma análise do homem Sócrates, que em sua inexorabilidade não só não se detém diante do demasiado humano, mas se aplica apenas a isso: "A julgar por sua origem, Sócrates pertenceu aos mais baixos do baixo: Sócrates era uma turba. Você sabe, e ainda pode ver por si mesmo, como ele era feio. Mas a feiura, que em si é uma objeção, era quase uma refutação entre os gregos. Sócrates era realmente grego? A feiura não é raro a expressão de desenvolvimento interrompido ou de desenvolvimento interrompido por cruzamento. Em outros casos, aparece como um desenvolvimento decadente. Os antropólogos entre os especialistas criminais declaram que o criminoso típico é feio; monstrum in froute, monstrum in animo. . . . Não apenas a selvageria e a anarquia reconhecidas dos instintos de Sócrates são indicativos de decadência, mas também a preponderância das faculdades lógicas e a malignidade do malformado que era sua característica especial. Também não devemos esquecer aquelas ilusões auditivas que eram religiosamente interpretadas como 'o demônio de Sócrates' ". 2

1 Nietzsche, Birth of Tragedy, pp. 104-105. Trabalhos traduzidos editados por O. Levy.

2 "The Problem of Sócrates," The Twilight of the Idols (Götzendämmerung, 1888), p. 11, vol. xvi., obras traduzidas.

"Na ocasião em que aquele fisionomista desmascarou Sócrates e lhe disse o que ele era - uma cratera cheia de desejos malignos - o grande Mestre da Ironia deixou escapar mais uma ou duas palavras que fornecem a chave de sua natureza. "Isso é verdade", disse ele, "mas eu superei todos eles." Como Sócrates conseguiu dominar a si mesmo? Seu caso era, no fundo, apenas o exemplo extremo e mais aparente de um estado de angústia que estava começando a ser geral; aquele estado em que ninguém era capaz de dominar a si mesmo e em que os instintos se voltavam um contra o outro. Como exemplo extremo desse estado, ele o fascinava - sua terrível feiura o tornava visível a todos; é bastante óbvio que ele fascinou ainda mais como uma resposta, como uma solução, como uma cura aparente deste caso. "1

1 Ibidem, p. 14

“Razão - Virtude - Felicidade significa simplesmente: devemos imitar Sócrates e confrontar as paixões sombrias permanentemente com a luz do dia - a luz da razão. Devemos a todo custo ser espertos, precisos, claros: tudo cedendo aos instintos, ao inconsciente, leva para baixo. . . .”²

2 Ibidem, p. 15

Assim, Nietzsche viu em Sócrates “o tipo de ser humano teórico” que, em otimismo inabalável, acredita “que o pensamento, seguindo as pistas da causalidade, chega até o abismo mais profundo do Ser, e que o pensamento é capaz não só de reconhecer o Ser, mas também até mesmo para corrigi-lo.” Sócrates, como é bem sabido, não deixou obra literária, mas se contentou em influenciar seus alunos e discípulos por meio da “mera palavra”. Nesta técnica, em seu objetivo de autoconhecimento, em sua intuição de que o insight leva à virtude, e não menos em todo o seu efeito terapêutico, deve-se de fato designá-lo como o pai primordial da técnica analítica, que encontrou em Platão seu teórico digno. Essa comparação contém uma justificativa profunda, quando lembramos que o próprio Sócrates comparou sua terapia dialética de extrair pensamentos à prática da obstetrícia, visto que a prática imitando sua mãe, que era parteira. Esta anedota, como a tradição de sua esposa malvada Xantippe, mostra que em seu caso, e obviamente por motivos puramente individuais, aquela violenta reação ao trauma primordial se instalou, o que aparentemente o tornou o tipo *dégénééré* descrito por Nietzsche. Os resultados biológicos disso, sua feiura, deformidade, delírios auditivos, o caráter desenfreado de sua vida instintiva, como Nietzsche a descreveu, tornam-se compreensíveis em um piscar de olhos. E o mesmo pode ser dito de suas reações psíquicas, nas quais ele é obviamente compelido, por meio de sua identificação com a mãe, a atingir o desapego da fixação excessivamente forte nela e a se entregar ao amor dos meninos, no qual ele poderia renovar constantemente a relação perdida mãe-filho. Finalmente, ele conseguiu superar o trauma do nascimento de uma terceira maneira, a saber, superando o medo da morte. Como Nietzsche corretamente reconheceu, Sócrates voluntariamente desejou sua morte, visto que apenas o banimento era o costume para transgressões de sua espécie. Ele havia desejado e poderia desejar; “Ele nos aparece como o primeiro que poderia viver não apenas sob a orientação daquele instinto de ciência, mas - o que é mais importante - também poderia morrer. E por isso a imagem do Sócrates moribundo, do ser humano libertado, pelo conhecimento e pela razão, do medo da morte, é o brasão que, na porta de entrada da ciência, lembra a cada um de sua finalidade, a saber. , para fazer a existência parecer compreensível e justificada.”

Assim, Sócrates - embora sem dúvida fizesse uso de várias gratificações compensatórias parcialmente neuróticas e tivesse de pagar o preço bebendo cicuta - foi o primeiro a superar intelectualmente o trauma do nascimento e, assim, estabelecer sua pretensão de ser o precursor da psicanálise .

CONHECIMENTO PSICANALÍTICO

Reconhecemos a partir da situação analítica e da representação inconsciente do paciente sobre ela a importância fundamental do trauma do nascimento, sua repressão e seu retorno na reprodução neurótica, adaptação simbólica, compensação heróica, formação de reação ética, idealização estética e especulação filosófica. Acreditamos ter mostrado, em uma visão panorâmica das conquistas e desenvolvimentos essenciais da civilização, que não apenas todas as criações do homem socialmente valiosas, mesmo supervalorizadas, mas até mesmo o fato de se tornar homem, surgem de uma reação específica a o trauma do nascimento e, finalmente, que o reconhecimento deste através do método psicanalítico se deve à remoção mais completa até então alcançada da repressão primária, por meio da superação da resistência primária, a ansiedade.

O próprio desenvolvimento do conhecimento psicanalítico dá uma imagem instrutiva do poder dessa resistência primordial e da estupenda realização de Freud em superá-la. Como Freud enfatiza continuamente, o verdadeiro descobridor da psicanálise não foi ele mesmo, mas o falecido Dr. Josef Breuer de Viena, que em 1881 tratou do caso de histeria mencionado acima, e foi assim trazido pelo paciente à ideia da cura pela fala, simbolicamente conhecido como limpeza de chaminés. Quando Freud, aliás, entre amigos, falou da participação de Breuer na psicanálise, ele traiu uma compreensão muito profunda, que também aparece na mais pessoal de suas obras, A história do movimento psicanalítico (1914), onde afirma que Breuer finalmente fugiu das consequências de essa descoberta, a partir de um acontecimento desagradável, porque ele não queria reconhecer o fator sexual, cujo reconhecimento corajoso ajudou o próprio Freud, muito mais tarde, a compreender a reação de sua professora. E as

últimas secessões do movimento ocorridas entre os adeptos da psicanálise, e que levaram a novas teorias baseadas não na observação, mas na oposição, o próprio Freud caracterizou na mesma publicação como “movimentos regressivos lutando para se afastar da psicanálise”. Como ele próprio tinha experiência suficiente, a última coisa para a qual os seres humanos parecem ter sido criados é para suportar verdades psicanalíticas, e ele costumava dizer, quando um ou outro de seus discípulos se recusava a segui-lo mais, que não era para todos ser continuamente investigando as ravinas escuras do Inconsciente com apenas um olhar ocasional para a luz do dia. Não se sabe o que mais admirar, a coragem de Freud na descoberta ou a tenacidade de luta com que defendeu suas descobertas contra as resistências de todo o mundo. Ele os defendeu ainda mais vigorosamente contra colegas de trabalho solteiros que eram próximos a ele e que, horrorizados como Breuer com essas descobertas, puseram-se em fuga, nas várias direções em que podiam ver qualquer esperança de escapar dessas opiniões, perturbando o sono do mundo. Qualquer que seja o valor que encontraram como refúgio em seus caminhos de retirada, Freud distinguiu com notável objetividade das distorções e negações da verdade apenas imperfeitamente adivinhada;mas, ao mesmo tempo, ele os eliminou de seu próprio campo de trabalho como não sendo realmente "psicanalíticos".

Nos exageros e mal-entendidos dos discípulos que permaneceram fiéis a Freud, e que, à sua maneira, interpretaram os ensinamentos do mestre muito literalmente, a história do movimento psicanalítico mostra o mesmo quadro oscilante de todo movimento intelectual que revela a verdade sobre um ponto decisivo. Este ponto decisivo foi na verdade a descoberta de Breuer, da qual Freud foi, sem dúvida, o primeiro a tirar as conclusões práticas e teóricas com igual consistência. Se, portanto; estamos agora tentando estabelecer uma conexão direta com a descoberta de Breuer, é para mostrar o quão lógico o próprio Freud era em todas as suas visões, e também como o conceito apresentado aqui conclui logicamente a descoberta de Breuer, e a concepção e elaboração de Freud dela. .

O ponto de partida de Breuer foi “o fato fundamental de que os sintomas dos pacientes histéricos dependem de cenas impressionantes, mas esquecidas de sua vida (traumata), a terapia baseada nisso fazendo-os lembrar e reproduzir essas experiências sob hipnose (catarse), e a conseqüente fragmento da teoria, de que esses sintomas correspondem a um uso anormal de quantidades não descarregadas de excitação (conversão).” Se nessa definição freudiana¹ do núcleo da descoberta primordial de Breuer inserimos o trauma do nascimento, que se repete e se resolve na cura, o ponto de partida psicofisiológico da análise do problema da “conversão” (Freud) parece estar ligado ao da mesma forma, o fator psicofísico do trauma do nascimento. O que está no meio é a psicologia do Inconsciente criada apenas por Freud, a saber, a primeira psicologia que de todo merece este nome independente, uma vez que a psicologia acadêmica originada da especulação filosófica gradualmente invadiu o terreno médico (filosofia dos sentidos, neurologia, anatomia do cérebro).

1 “A História do Movimento Psicanalítico”, Coll. Papers, vol. i., p. 289.

Agora entendemos melhor como surgiu a primeira diferença entre o conceito “fisiológico” de Breuer, a “teoria hipnóide”, e o conceito puramente psicológico de Freud, “a doutrina da defesa”, que então levou à descoberta da repressão e, posteriormente, à investigação do reprimido (pré-consciente - inconsciente) e, finalmente, para as forças repressoras do Ego (e seus derivados, consciência, sentimento de culpa, formação ideal, etc.).

Não é apenas interessante do ponto de vista científico histórico, mas também do ponto de vista humano, que a separação de Freud de Breuer concerne às fronteiras psicofísicas da “conversão”. O nome, sim, provém de Freud, mas o fato cedeu-se, como afirmou Freud, “simultaneamente e em comum” aos dois investigadores. É como se esta base de divisão, a separação do aluno de seu mestre, tinha sido tabu desde então, pois não apenas o problema da conversão permaneceu sem solução até hoje, mas dificilmente um aluno se aventurou a abordá-lo.¹ Se, seguindo consistentemente o método freudiano, somos levados de volta a este problema analítico primordial, temos plena consciência da responsabilidade que representa a tentativa de resolvê-lo, mas acreditamos que nosso ponto de vista é suficientemente justificado pela importância universal que demonstramos possuir.

1 Com exceção de Ferenczi (*Hysterie und Pathoneurosen*, 1919), que concebe a conversão como tendo um significado semelhante ao nosso, a saber, “regressão à protopsíquê” (l.c., p. 24).

No decurso de nossos argumentos, evitamos a questão de como ocorre que a luta pela recuperação da situação primitiva prazerosa no útero, reconhecida como a tendência primordial da libido e considerada por nós como uma expressão da maior possibilidade de

prazer, está ligada de uma forma tão inseparável com a ansiedade primitiva (como mostrado pelo sonho de ansiedade, sintomas neuróticos, e também por todas as formações derivadas e relacionadas. Para entender isso, devemos ter em mente que o primitivo prazeroso estado é interrompido através do ato do nascimento - presumivelmente também um pouco antes, por meio de deslocamento e pressão (movimentos da criança) - de maneiras indesejadas, e que o resto da vida consiste em substituir este paraíso perdido na rotunda altamente complicada acima descrita formas da libido, o estado primordial sendo realmente não mais atingível.

Parece que o afeto de ansiedade primordial no nascimento, que permanece operante por toda a vida, até a separação final do mundo exterior (gradualmente se tornando uma segunda mãe) na morte, é desde o início não apenas uma expressão do novo - lesões fisiológicas da criança nascida (dispnéia - constrição - ansiedade), mas em consequência da mudança de uma situação altamente prazerosa para uma extremamente dolorosa, imediatamente adquire uma qualidade "psíquica" de sentimento. Essa ansiedade experimentada é, portanto, o primeiro conteúdo da percepção, o primeiro ato psíquico, por assim dizer, a estabelecer barreiras; e nelas devemos reconhecer a repressão primordial contra a tendência já poderosa de restabelecer a situação prazerosa que acabou de sair. A conversão, as formas normais que Freud reconhecia na chamada expressão física da emoção, mostra-se assim idêntica ao surgimento do psíquico a partir das inervações físicas, ou seja, à impressão consciente da ansiedade primária percebida. Se fosse puramente fisiológico, provavelmente mais cedo ou mais tarde poderia ser completamente removido; mas é psiquicamente ancorado dessa maneira a fim de evitar a tendência de retrocesso da libido, que então, em todas as circunstâncias posteriores em que a ansiedade se desenvolve, se quebra contra a barreira da repressão primária. Isso é, a impressão percebida e psiquicamente fixada da ansiedade primitiva apaga a memória do antigo estado de prazer e, com isso, impede a regressão que nos tornaria impróprios para a vida, como é mostrado no suicídio "bravo", que planeja superar essa ansiedade barreira retrogressivamente. Parece que o homem foi completamente incapaz de suportar esta dolorosa separação do objeto primordial, e como se, além disso, ele não realizasse o ajuste compensatório à realidade sem ser impedido de uma regressão de longo alcance por uma repetição ameaçadora do primitivo ansiedade. Assim que nos aproximamos dessa barreira - seja no sono (sonho) ou na vida desperta (fantasias inconscientes) - surge a ansiedade, e isso explica o caráter prazeroso inconsciente, bem como o caráter doloroso consciente de todos os sintomas neuróticos. A única possibilidade real de um restabelecimento aproximado do prazer primordial é dada na união sexual, no retorno parcial e puramente físico ao útero. Mas esta gratificação parcial, à qual se junta a mais elevada sensação de prazer, não satisfaz todos os indivíduos. Expressando mais corretamente, alguns indivíduos, devido a uma influência mais forte do trauma do nascimento derivado do plasma germinativo e a uma repressão (reação) primária conseqüentemente mais forte, podem estabelecer essa relação física parcial com o objeto apenas de uma maneira mais ou menos insatisfatória. Seu Inconsciente se esforça para reproduzir o retorno completo, ora por meio do estabelecimento da identidade física completa de mãe e filho com o parceiro sexual (masturbação, homossexualidade), 1 ora por meio do mecanismo de defesa da identificação em sintomas neuróticos, ao invés de por meio de a consumação do ato sexual, e através da criação de um novo ser vivo com quem eles podem se identificar. Ali está, aliás, a diferença

fundamental em todo o desenvolvimento psíquico do homem e da mulher. A mulher está em posição, por meio de uma reprodução completa da situação primária, ou seja, por meio da repetição real da gravidez e do parto, de obter para si a abordagem mais abrangente para a gratificação primária, enquanto o homem, aqui dependendo da identificação inconsciente, tem que criar para si um substituto dessa reprodução, identificando-se com a “mãe” e com a criação dela decorrente das produções culturais e artísticas. Isso explica o papel menor desempenhado pela mulher no desenvolvimento cultural, do qual, então, sua subavaliação social segue como um efeito secundário, enquanto praticamente toda a criação da civilização resultou apenas da superestimação libidinal do homem do objeto primordial materno e de sua eliminação por meio da repressão primária.¹ Assim, pode-se dizer que o ajustamento social normal corresponde a uma transferência extensiva da libido primordial para aquela que é paterna e criativa, enquanto tudo patológico (mas também supranormal) repousa em uma fixação mãe muito forte ou na reação de defesa contra ela. No intervalo encontra-se a satisfação sexual completa, que também inclui o desejo de ter filhos, e permite uma conversão quase completa da ansiedade primária de volta à libido primária; portanto, os numerosos distúrbios possíveis dentro do complicado mecanismo sexual também liberam ansiedade, que, no caso de distúrbios diretos da função sexual (as “neuroses reais” de Freud), torna-se imediatamente livre, enquanto no caso das psiconeuroses ancoradas psiquicamente, no por outro lado, parece limitada pela estrutura protetora dos sintomas, e em todo tipo de ataque a ansiedade é descarregada pela reprodução.

1 Martial disse do homossexual: *pars esi una pair is cetera matris habent.*

1 Aqui reside a motivação mais profunda para a ideia apresentada como o *primum movens* por Alfred Adler, da “inferioridade” da mulher, que, aliás, é uma consequência direta da repressão do trauma do nascimento, independentemente do sexo.

Assim, com o trauma do nascimento e a condição fetal que o precedeu, finalmente tornamos tangível a muito disputada fronteira do psicofísico, e a partir disso entendemos não só a ansiedade, aquele sintoma primordial da humanidade, mas também a conversão, bem como toda a vida dos afetos e impulsos que se enraízam no psicofísico. O impulso nada mais é do que a reação imediata à ansiedade primitiva ancorada psiquicamente; é, por assim dizer, instinto modificado por ele. Pois o Ego, em seu afastamento dos limites da ansiedade, é constantemente incitado a buscar o Paraíso no mundo formado à imagem da mãe, em vez de buscá-lo no passado e, na medida em que isso falhe, a procure-a nas compensações de desejos sublimes da religião, da arte e da filosofia. Na realidade, esta enorme tarefa de adaptação, na medida em que se trata de criação de valores genuínos, é realizada com sucesso por apenas um tipo de ser humano, que a história da mente nos transmitiu como herói, mas que

gostaríamos de designar como “artista” no sentido mais amplo da palavra, 1 na medida em que se trata de uma criação de valores ideais, de uma superestrutura fantástica, criada a partir dos resquícios da libido primordial insatisfeita na criação real. Assim, o homem normal nasce em um mundo que já representa o símbolo primordial e, encontrando formas prontas de gratificação em conformidade com a média geral de repressão, ele só precisa perceber novamente e fazer uso delas a partir de sua própria experiência primordial (simbolismo).

1 Rank, *Der Kunstler, Ansätze zu einer Sexualpsychologie*, 1907, 2ª edição, 1918.

Este é o lugar para tirar uma das conclusões teóricas mais importantes de nosso conceito, que em todo caso se mostra uma continuação bastante direta da investigação feita por Freud. Desde o princípio, o ponto de vista analítico específico colocou em segundo plano, por enquanto, todas as influências hereditárias e filogenéticas. Por um lado, estes eram em grande medida difíceis de compreender, e a psicanálise corrigiu a supervalorização imoderada a que eram submetidos, tornando acessível à investigação uma parte grande e altamente importante do desenvolvimento individual, a saber, a primeira infância, que foi assim mostrada para ser um fator determinante de grande importância. Mas, uma vez que o desenvolvimento da técnica analítica nos permitiu, no decorrer de nossa experiência, rastrear esse estágio infantil de desenvolvimento cada vez mais para trás, até que finalmente alcançamos o estágio pré-natal, segue-se - especialmente de um estudo mais completo do simbolismo dos sonhos - que podemos dispensar o ponto de vista filogenético de um dom psíquico herdado ou podemos limitá-lo, no sentido de Haeckel, à lei fundamental biogenética. Conseqüentemente, todos os problemas de simbolismo são explicados de uma maneira mais simples e mais satisfatória do que pela introdução prematura do ponto de vista filogenético de Jung na análise; pois, sendo puramente um psiquiatra e usando material mitológico como comparação, faltou-lhe a experiência real da análise das neuroses, que lhe teria permitido ir além da mera descrição e da especulação a ela relacionada. Freud também reconheceu a improdutividade da tentativa de Jung de explicar os fenômenos da psicologia individual por meio de material etnológico não interpretado, e ele buscou o único caminho correto, que agora perseguimos ainda mais longe e, assim, colocamos o ponto de vista filogenético consideravelmente mais em segundo plano.

Depois de ter sido capaz de rastrear as fantasias primitivas da castração e a situação edipiana de volta ao trauma do nascimento (separação), ou ao seu estágio anterior prazeroso (reencontro com a mãe), não foi difícil, referindo-se diretamente às observações de Freud, rastrear ao seu substrato real, a situação pré-natal, a espionagem do intercurso parental como

uma situação típica, abrangendo a separação e o reencontro com a mãe. Já na segunda edição de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud menciona sonhos típicos, “em cuja base jazem fantasias da vida intrauterina, a saber, a habitação no útero materno e o parto” (p. 198). Ele dá como um dos exemplos o sonho de um jovem, “que em fantasia já usa a ocasião intra-uterina para espiar as relações sexuais entre os pais”. Este, assim como o próximo sonho de nascimento comunicado de uma paciente que deve se separar do analista, é, como Freud reconheceu a princípio, um sonho de cura analítica, de cuja ocorrência regular nossa investigação teve seu ponto de partida. No que se refere à situação de cura, de fato, correspondem a fantasias, que, no entanto, correspondem apenas ao reflexo de uma reprodução real do ato do nascimento com material real “lembrado”. Muitos anos depois, após a chamada “fantasia do útero,” Há muito desprezado por todos os críticos, manteve seu lugar na psicanálise, Freud novamente acompanhou esse problema em sua apresentação clássica da história de uma neurose infantil, 1 e defendeu obstinadamente a realidade certamente incompreensível da “cena primária”, não apenas contra as tentativas de ex-discípulos de reinterpretá-lo, mas mesmo contra sua própria dúvida científica. Partindo das fantasias analíticas de renascimento do paciente, cujas queixas “de que o mundo parecia a ele disfarçado por um véu” podiam ser rastreadas até seu nascimento em uma túnica, Freud chegou à conclusão de que o paciente queria voltar ao útero (Ic, p. 580), para aí, na identificação com a mãe, ser fecundada pelo pai e dar-lhe um filho. A primeira parte do desejo, como podemos mostrar por evidências indiscutíveis, deve ser considerada biologicamente; a segunda parte mostra o grau de disfarce e elaboração que essa tendência original ao desejo sofreu com a experiência específica do menino na infância. Em nota de rodapé (Ic, p. 695) o próprio Freud designa essa questão do poder de lembrar como “a mais delicada de toda a doutrina analítica” e chega à conclusão de que “um tipo de conhecimento difícil de definir, talvez um espécie de preparação para a compreensão, atua na criança na reativação da cena primária. Em que consiste isso, não temos idéia; temos à nossa disposição apenas uma excelente analogia do conhecimento instintivo de longo alcance dos animais” (I.c., p. 604). O fato de que nos sonhos totalmente não influenciados no início da análise, conformando-se, aliás, com o tipo geral de sonho da pessoa em questão, além da situação de espionagem refletida por boatos ou fatos, há elementos puramente biológicos. (como posição dos membros, dores particulares de parto, etc.) que não podem ter sido conhecidas pela mãe, mas podem ser provadas em conexão com os sintomas físicos da neurose, e nos colocam na posição de compreender o verdadeiro fundamento do Fantasia de “espiar”.¹ Para isso, precisamos apenas seguir novamente a forma já descrita de ajuste “simbólico” à realidade do quarto dos pais, para o qual a cena é transferida em grande parte, para seu protótipo real, a situação do útero. Desta forma, a verdadeira essência da “fantasia primordial”, ou seja, o fato de que é indiferente se a cena foi vivenciada ou não, torna-se inteligível sem mais delongas, pois mesmo o coito observado não poderia ter o efeito traumático se o paciente não foi lembrado do trauma primário, a primeira perturbação da abençoada paz pelo pai. Assim, o posterior complexo de Édipo infantil mostra-se um derivado imediato, ou seja, a elaboração psicosssexual da situação de Édipo intra-uterina - que, portanto, se mostra o “complexo nuclear das neuroses”, uma vez que este distúrbio paterno, embora não o primeiro “trauma”, Ainda merece ser chamado de seu precursor imediato.

1 Coll. Papers, vol. iii., Histórias de caso, v.

1 O elemento fantástico nisso, o retrocesso do estágio heterossexual, encontrou seu precipitado em piadas obscenas, bem como em numerosas tradições míticas, onde o herói mantém relações sexuais ainda no útero (Osíris).

2 Portanto, não pode ser totalmente indiferente até que horas a relação sexual continua durante a gravidez. Cf. o argumento do falecido Dr. Hug-Hellmuth (Um Estudo da Vida Mental da Criança), onde é sugerido que a alegria do ritmo das crianças pequenas está em relação real com as experiências fetais de movimento no útero.

Desses pontos de vista, o substrato real das "fantasias primitivas" torna-se tangível, a realidade primordial que está no fundo delas se mostra, e assim a "realidade psíquica" que nós, como Freud, devemos atribuir ao Inconsciente, deve ser apreendida e compreendida como uma realidade biológica. Podemos renunciar provisoriamente à suposição de um conteúdo psíquico herdado, pois o que é primariamente psíquico, o Inconsciente real, prova ser o estado embrionário existente inalterado no Ego adulto.¹ Por este embrionário quero dizer aquilo que a Psicanálise descreveu recentemente em um termo meta-psicológico como a ideia do "Isso" sexualmente neutro. Tudo o que vai além deste embrionário, especialmente tudo o que é sexual no sentido estrito, pertence ao pré-consciente, como também, de fato, o simbolismo sexual usado na sagacidade, no folclore e nos shows de mitos; o real Inconsciente consiste apenas na relação libidinal do embrião com o útero.

A partir dessa definição do Inconsciente podem ser facilmente explicadas todas aquelas características que, segundo a última contribuição de Freud ao sujeito, ² formam o verdadeiro núcleo inconsciente de nosso Ego; em primeiro lugar, a tendência do desejo, imutável em sua intensidade e incapaz de ser satisfeita, que Freud compreendeu como o esforço da libido para restabelecer uma condição primária perdida; depois, o caráter primordial "narcisista" dessa situação, a absoluta falta de diferenciação sexual, segundo a qual originalmente todo objeto oposto ao Ego contém o caráter materno; além disso, a atemporalidade e a ausência de toda negação, que é "introduzida primeiro pelo processo de repressão" ³ e, portanto, se origina na experiência psíquica do trauma do nascimento; finalmente, o mecanismo psíquico fundamental do Inconsciente, (a) a busca pela projeção, decisiva para o desenvolvimento do ajustamento cultural que deve substituir a condição perdida no mundo exterior; e (b) a inclinação enigmática para a identificação, que novamente visa à constituição da velha identidade com a mãe.

1 Prova disso é o fato, conhecido analiticamente, mas ainda não compreendido, de que os mesmos símbolos são usados nos sonhos para representar o Inconsciente e o útero (quarto, prédio, armário, ravinas, valas);esses símbolos Silberer foi capaz de apreender apenas como manifestações psíquicas do Inconsciente. Veja seu último trabalho referindo-se a isso no relatório do grupo de Viena (Int. Zschr. F. Ps.A. viii., 1922, p. 536).

2 Freud, The Ego and the Id.

3 Ver "The History of an Infantile Neurosis," Coll. Papers, vol. iii., p. 559, nota 2.

Além disso, a completa ausência de negação per se - ou seja, a ideia de morte - pertence essencialmente ao caráter do Inconsciente e é da maior importância para a compreensão de todo o processo vital, como Freud logo descobriu em seus estudos sobre a vida infantil . A criança e seu representante psíquico, o Inconsciente, só conhecem a situação anterior ao nascimento, que lhe foi dada na experiência, cuja lembrança prazerosa continua na crença indestrutível na imortalidade, na ideia de uma vida eterna após a morte. Mas o que biologicamente nos parece o impulso para a morte, se esforça novamente para estabelecer nada mais do que a condição já experimentada antes do nascimento, e a "compulsão à repetição" 1 surge do caráter insaciável desse anseio, que se esgota repetidamente a cada possibilidade de forma. Este processo é o que, biologicamente falando, chamamos de "vida". Se ao longo da vida o indivíduo "normal", separado do trauma do nascimento, em meio às dificuldades de desenvolvimento da criança e por evitar recaídas neuróticas, consegue se ajustar ao mundo exterior como "o melhor de todos os mundos", a saber, como uma mãe substituta, é, no entanto, claro que o Inconsciente, entretanto, perseguiu com tenaz perseverança o caminho regressivo que foi prescrito para ele, e que ainda o leva de volta ao seu objetivo original contra a vontade do Ego. Mas esse processo, que chamamos de "envelhecimento", deve, para atingir o objetivo inconsciente, aplicar-se à destruição sistemática de todo o corpo, o que, por meio de todo tipo de enfermidade, acaba levando à morte. momento de morrer, o corpo mais uma vez se separa da mãe substituta, "Dame Mundo", cuja frente é formosa e lindamente formada, mas cujas costas são consideradas feias e horríveis.2 Essa separação ainda é fácil para o Inconsciente, 3 pois é apenas uma questão de desistir de um substituto para a obtenção da verdadeira bem-aventurança. Aqui está não apenas a raiz da ideia popular da morte como libertadora, mas também o fator essencial em todas as ideias religiosas de libertação. Por outro lado, a terrível ideia da morte como um portador de foice, que separa a vida agudamente, deve ser rastreada até a ansiedade primitiva que o homem reproduz pela última vez no último trauma, no último suspiro na morte , e assim ganha da maior ansiedade, a saber, a da morte, o prazer de negar a morte passando novamente pela ansiedade do nascimento. O quão seriamente o Inconsciente concebe a morte como um retorno ao útero pode ser concluído a partir dos ritos da morte de todas as

nações e tempos, que punem a perturbação do sono eterno (através do pai) como a maior iniquidade e o crime mais malicioso.

1 Ver Além do Princípio do Prazer, de Freud. Com a concepção aqui representada, as observações resumidas de Roheim no final de sua série de artigos coincidem quase inteiramente, "Das Selbst" (Imago, vii., 192-1, p. 503 e segs.).

1 Cfr. os males budistas, idade, doença, morte. Sócrates disse, quando tomou o copo de veneno: "Vida - isso é ficar doente por muito tempo; Devo um pau como sacrifício ao salvador Asklepios." (Naturalmente, o salvador mítico Asklepios é uma divindade do renascimento, que foi punido por Zeus ao ser morto por um raio porque havia acordado uma pessoa morta.)

2 Ver "Frau Welt" de H. Niggemann (Mitra, I., 1914, No. 10, p. 279).

3 Hufeland, o grande médico e observador dos homens, fala da aparente dor de morrer. Em um ensaio que acidentalmente veio ao meu conhecimento durante a escrita desta obra, Heinz Welten (Über Land und Meer, abril de 1923) mostra nas últimas palavras tradicionais de nossos grandes homens "com que facilidade se morre". A frase agora famosa de Goethe, "Mais luz", mostra claramente a fantasia inconsciente do nascimento, o desejo de olhar para a luz do mundo. O trauma de nascimento anormalmente difícil de Goethe, do qual ele mesmo fala, explica o que era tão intrigante em sua vida e obra.

Como a alma, de acordo com o profundo dogma dos Padres da Igreja, passa para o embrião apenas em um estágio avançado da gravidez, quando a criança é capaz de perceber as primeiras impressões, então ela deixa o corpo na morte, para se tornar participante da vida imortal. Nessa separação da alma do corpo, o desejo insaciável tenta recuperar a imortalidade. Aqui, mais uma vez, tropeçamos no conteúdo original, aparentemente fantástico, mas na realidade perfeitamente genuíno da ideia da alma, que, de acordo com os argumentos hábeis da Psiquê de Rohde, se desenvolveu a partir da ideia de morte. A alma é originalmente imaginada como dotada de um corpo, um segundo eu do falecido (o Ka egípcio e formas paralelas), 1 que deve substituí-lo após a morte no sentido de uma sobrevivência bastante real. Como a ideia religiosa de uma alma e o conceito filosófico de alma se desenvolveram a partir da crença primitiva nas almas, tentei incidentemente retratar em outra conexão.² A investigação psicanalítica, que desmascarou todas essas criações como fantasias de desejo inconscientes, agora volta novamente para apreender o conteúdo real da alma, conforme ele é realizado no estado embrionário sempre recorrente.

1 F. S. Krauss, *Sreća, Glilck und Schicksal im Volksglauben der Südslaven*, Wien, 1886. O mesmo, "Der Doppelgänger Glaube im alten Ägypten und bei den Südslaven" (*Imago*, vi., 1920, p. 387 ff.). Rank, "Der Doppelgänger" (*Imago*, iii., 1914).

2 "Die Don Juan-Gestalt" (*Imago*, vii., 1922, p. 166 e segs.).

Diante de todos esses sublimes, tentativas constantemente renovadas de restabelecer, por meio das mais variadas formas de gratificação substitutiva, o estado primordial perdido, e de negar o trauma primordial, pode-se por um momento compreender todo o curso vacilante da história, com suas fases aparentemente arbitrárias e mutáveis, sujeito às condições da lei biológica. O mesmo mecanismo está em ação, tão magnificamente elaborado a partir da repressão primária.

Tempos de grande angústia externa, que lembram o Inconsciente muito fortemente da primeira aflição do indivíduo na vida, ou seja, o trauma do nascimento, levam automaticamente a tentativas regressivas aumentadas que devem ser novamente abandonadas, não apenas porque nunca podem atingir o objetivo real, mas apenas porque se aproximaram demais dele e se depararam com a ansiedade primordial, que vigia diante do Paraíso, como os querubins que seguram a espada flamejante diante de seus portões. Assim, a tendência primordial de restabelecer a primeira e mais prazerosa experiência é oposta não apenas pela repressão primária, agindo como uma proteção contra a repetição da experiência mais dolorosa associada a ela, mas simultaneamente também pela luta contra a fonte de prazer em si, da qual não se deseja ser lembrado porque deve permanecer inatingível. Na ereção dessa dupla barreira de repressão, que corresponde à prevenção da memória do prazer primordial por meio da ansiedade do nascimento, e ao esquecimento do trauma doloroso do nascimento pela lembrança da experiência de prazer anterior, ou seja, neste primitivo ambivalência do psíquico, é respondido o enigma do desenvolvimento humano, que só poderia ser resolvido de uma maneira, a saber, através da descoberta pela psicanálise do próprio processo de repressão.

O ASPECTO TERAPÊUTICO

Quando trazemos à mente o poder da repressão primária (mais uma vez em evidência no final do capítulo anterior) e as tentativas de superá-la repetidas pelo homem infatigavelmente e sempre infrutiferamente ao longo de milhares de anos, nossa primeira inclinação pode ser adicionar as consequências pessimistas a que esse conceito parece levar em toda parte, o pensamento da desesperança de toda psicoterapia. Pois que poder na terra poderia prevalecer sobre o Inconsciente para renunciar à sua natureza inata e tomar outra direção? Do que foi dito, nenhuma outra conclusão parece possível do que não pode haver tal poder. Por outro lado, a experiência analítica mostra que deve existir algo que torne possível em um grau extenso libertar seres humanos altamente neuróticos do domínio excessivo de seu Inconsciente e colocá-los em posição de viver como aqueles que não são neuróticos. Isso, com certeza, é tudo o que pode ser feito. É muito e ao mesmo tempo muito pouco, de acordo com o ponto de vista do qual se considera o resultado. Agora, aparentemente, apenas o próprio analista está inclinado a considerá-lo do primeiro ponto de vista, enquanto o paciente com bastante frequência pode julgá-lo apenas a partir do segundo. Esta contradição, de fato, parece à primeira vista não precisar de mais explicações, mas ainda assim merece ser investigada no que diz respeito à sua motivação psicológica.

Não se trata de casos em que o analista pode acreditar com justificativa subjetiva que fez não só o seu melhor, mas tudo, e onde um verdadeiro sucesso realmente não aparece. Tenho em mente casos em que o paciente está realmente livre de seu sofrimento, é novamente capacitado para o trabalho e a diversão e, ainda assim, se comporta como uma pessoa descontente. Apesar disso, não devemos desanimar em nossa tarefa nem nos tornar indecisos. Pois quem pode dizer que todas as outras pessoas que não fizeram uma análise, nas quais talvez não seja necessária, estão mais contentes ou mais felizes? Nós nos lembramos de uma observação de Freud em que ele afirmou que o neurótico curado muitas vezes mostra depois apenas uma infelicidade comum, onde antes ele tinha uma infelicidade "neurótica"! No caso de doenças físicas graves, o médico dificilmente pode atender às demandas do paciente por uma saúde perfeita, muito menos no caso do neurótico, que está doente apenas por causa do excesso de suas reivindicações e, na verdade, daquelas reivindicações libidinais que, de acordo com sua própria natureza e de acordo com o conhecimento psicanalítico nunca pode ser gratificado. Este conhecimento moderno das causas da neurose tende, portanto, a nos fazer desistir de qualquer tentativa de curá-la, em vez de entregar em nossas mãos, junto com o conhecimento de sua causa, os meios para sua remoção. E não é este o nihilismo mais completo em psicoterapia - ou melhor, uma negação daquele espírito de investigação científica que é a aplicação prática moderna do ditado socrático: "Conhecimento é poder"?

Bem, em primeiro lugar, a psicanálise de fato abalou esse preconceito que é transmitido de seu antecessor como uma soma de sabedoria. A psicanálise nos obrigou, passo a passo, a deixar de lado nosso orgulho intelectual e a aprender a atribuir cada vez menos valor ao poder de nossa consciência em oposição à força biológica e elementar do Inconsciente. Acredito que devemos ir mais longe no mesmo caminho no próprio campo da terapia psicanalítica.

Depois de adquirir conhecimento suficiente, somos capazes de reconhecer - modificando a declaração de Sócrates - que tudo o que sabemos é que nosso conhecimento não tem muito valor terapêutico se não formos capazes de aplicá-lo de forma eficaz. O próprio Freud logo nos advertiu contra confundir nosso próprio conhecimento e compreensão com os do paciente, ¹ na medida em que ele distinguia nitidamente entre a psicanálise como método de investigação e como terapia. Enquanto tínhamos descoberto tão pouco sobre o Inconsciente, a investigação foi muitas vezes inevitavelmente empurrada para o primeiro plano, numa época em que o conhecimento existente não era suficiente para a obtenção dos efeitos terapêuticos. Mas as experiências frutíferas dos últimos anos nos convenceram de que as possibilidades terapêuticas não se conformam, em nenhum grau esperado, com o aumento de nosso conhecimento, e que mesmo a simples ação terapêutica pode ser interrompida por muito conhecimento e muito insight.² Por outro lado, a experiência mostra há muito que a comunicação de nosso conhecimento aos pacientes, e mesmo sua aceitação intelectual, em nada altera seus sintomas. A análise tinha que atribuir valor terapêutico à aceitação afetiva que era finalmente equivalente a ab-reagir os afetos, e só foi possível após a remoção das resistências inconscientes. No lugar das memórias conscientes, como eram permitidas nos velhos tempos da hipnose, logo apareceu a repetição na transferência positiva e negativa, à qual estava ligada a reprodução afetiva real.³ Era ainda evidente que não se deve evitar isso de forma alguma, mas, muitas vezes, para provocá-la, como quando o paciente usa sua memória como proteção contra a repetição, ou seja, em sua função biológica. Como é bem sabido, Ferenczi foi o primeiro a indicar vigorosamente a necessidade de uma terapia "ativa"; ¹ ele então procurou justificar essa visão em uma apresentação completa e dar-lhe uma base contra mal-entendidos.² Ele enfatizou corretamente o fato de que a atividade criticada como uma inovação foi em todos os momentos silenciosamente praticada na Psicanálise, e não conheço nenhum outro argumento a acrescentar além de que toda terapia, por natureza, é "ativa", isto é, propõe um efeito por meio da influência volitiva e uma mudança resultante dele. A passividade justamente preconizada na Psicanálise é uma virtude do investigador e o coloca, aliás, em posição de encontrar algo novo que ainda não conhece. Tão pouco quanto o especialista ao lado do leito de um paciente precisa se referir à história da medicina ou mesmo a um livro-texto para fazer um diagnóstico correto, precisa o analista prático conduzir seu paciente, passo a passo, por todo o desenvolvimento da psicanálise. investigar e desenrolar historicamente a vida psíquica de seu paciente. Ele deve antes absorver da maneira correta a soma de todos os conhecimentos alcançados até agora, e então aplicá-la às demandas do caso

de uma maneira prática. Que nisso ele deve proceder “ativamente” é óbvio se ele almeja alcançar qualquer efeito terapêutico digno desse nome. Sua intervenção não é menos ativa do que a do cirurgião, e tem por objetivo o correto corte da libido primária de sua fixação, pela remoção ou diminuição da repressão primária, e com ela a libertação do paciente de seu neurótico. fixação; e, em última análise, significa voltar a uma repetição do trauma do nascimento, com a ajuda de uma parteira experiente. Evitei propositalmente escrever “doutor”, porque quero enfatizar o fator puramente humano e prático do processo.

1 “Outras Recomendações na Técnica de Psicanálise”, Coll. Papers, vol. ii., p. 362.2 Tais experiências parecem ter sido a razão para o professor Freud fazer no último Congresso Psicanalítico (setembro de 1922) “A Relação da Teoria Psicanalítica com a Técnica”, o tema para um ensaio prêmio.

3 “Recomendações adicionais na técnica da psicanálise. Lembrança, repetição e elaboração”, Coll. Papers, vol. ii. Cf. Ferenczi e Rank, *The Development of Psychoanalysis*.

1 “Technische Schwierigkeiten einer Hysterieanalyse,” *Int. Zschr.f. Ps.A.*, v., 1919.

2 “Weiterer Ausbau der ‘aktiven Technik’ in der Ps.a”, *ibid.*, Vii., 1921.

Se nos demormos um pouco mais e considerarmos esse objetivo terapêutico recém-fixado, veremos com satisfação o primeiro lampejo de esperança na escuridão do pessimismo terapêutico em que parecemos ter caído. Reconhecemos então que realmente não fizemos nada mais do que aquilo que o paciente tentou durante toda a sua vida apenas com sucesso insuficiente, a saber, superar o trauma do nascimento no sentido de ajustamento. Segundo a nossa concepção, o indivíduo recém-nascido voltaria imediatamente ao estado de abandono, isto é, expresso na prática, morreria, a menos que a Natureza empreendesse a primeira intervenção “terapêutica” e impedisse o retrocesso pela ancoragem da ansiedade. A partir desse momento, toda atividade posterior do indivíduo na vida adquire um caráter “terapêutico”, na medida em que, em oposição às tendências retrógradas, preserva os pacientes “abandonados” por mais algum tempo na vida, mas sem sucesso para sempre. . Gostaríamos de apontar aqui o alto valor "catártico" possuído apenas por aquelas manifestações que possuem utilidade menos óbvia, ou seja, as atividades que expressam tendências inconscientes, de jogos infantis¹ a brincadeiras de adultos que na tragédia atinge seu maior desenvolvimento catártico. De fato, como Freud pôde mostrar na caricatura das psicoses, devemos considerar seu curso antes como uma tentativa de cura que, como a da

Análise, revela tendências regressivas. Além disso, a análise deve acompanhar essas tendências se quiser ter a possibilidade de influenciá-las. Mas está em posição de conceder ao paciente apenas o prazer suficiente para não colocar em risco o desmame final do uso indevido da libido. A psicanálise, portanto, substitui para o paciente, da maneira já descrita, o objeto primordial perdido, a mãe, por uma substituta, a quem ele aprende a renunciar mais facilmente, tornando-se continuamente consciente da substituta como tal. O grande valor que este substituto tem para ele, no entanto, e que se expressa no fenômeno da transferência, está em sua realidade, ou seja, no fato de que o analista permite ao paciente não apenas fixar sua libido nele por um tempo, mas provoca isso diretamente através das condições e arranjos da cura. Assim, a introversão neurótica é paralisada pela situação analítica, e o remédio que a psicanálise usa é o ser humano que, de uma forma semelhante às práticas mágicas do curandeiro, atua apelando diretamente para o Inconsciente do paciente.¹ Se alguém gosta de chamar esta sugestão, não há nada que se oponha a ela, além do fato de que substituiu um processo no presente psicologicamente inteligível por um termo técnico vazio.

1 Ver Karl Groos, "Das Spiel als Katharsis," *Zschr. f. pädag. Psychologie*, xii., 1912.

1 Ver, além disso, o material folclórico, rico em conteúdo, que me parece, no entanto, ser exposto de uma forma complicada demais por Roheim, "Nach dem Tode des Urvaters" (*Imago*, ix., 1, 1923).

2 Ver Freud, "The Dynamics of Transference," *Coll. Papers*, vol. ii., p. 319.

Não apenas a terapia analítica, mas toda terapia, todo medicamento finalmente opera no mesmo sentido "sugestivamente", ou seja, na medida em que impressiona o Inconsciente do paciente. Isso já se expressa na escolha ou na relação pessoal com o médico, que invariavelmente repousa sobre a transferência¹ e, assim, indiretamente empresta o peso necessário do Inconsciente às suas medidas terapêuticas. Mas, a partir de inúmeras experiências em análises, estamos em posição de elucidar esse efeito Inconsciente da transferência em seu mecanismo. Sabemos que na vida da criança o "médico" desempenha um papel bastante definido, que vem claramente à luz no conhecido jogo do médico; ele representa o ideal inconsciente da criança na medida em que certamente parece saber de onde vêm as crianças e também o que se passa no interior do corpo. Quer ele escute e bata, teste as excreções ou opere com a faca, ele sempre desperta vagamente o trauma primário. A situação psicanalítica, na qual essa transferência deve ser tornada consciente, mostra-nos com plena clareza em que grau o Inconsciente dos seres humanos mais crescidos permaneceu fixo a vida inteira no "jogo do médico", que está diretamente relacionado com aniversário. Na

verdade, todo paciente se comporta de maneira manifesta como uma criança assustada em um quarto escuro, ou seja, ele se acalma, como se sabe, imediatamente o médico aparece e lhe fala consoladoramente. Embora atualmente a maioria dos médicos não deseje reconhecer isso - e talvez muitos não possam, já que eles próprios ainda "brincam de médico" no Inconsciente demais - porque temem prejudicar sua reputação científica, ainda assim eles podem aprender com alguns poucos analiticamente influenciou médicos especialistas e médicos, para quem o sério reconhecimento e uso prático deste fato trouxe muito sucesso inesperado. Mas a análise, que levou não apenas ao reconhecimento desse fato, mas também ao esclarecimento do paciente sobre ele, parece provar que isso, longe de ser prejudicial, é a única possibilidade de dar um efeito duradouro ao sucesso terapêutico. Pois esse afastamento do analista, que é a parte essencial do trabalho analítico, é realizado pela reprodução do trauma do nascimento, de forma que o paciente perca ao mesmo tempo seu médico e seu sofrimento, ou, melhor expresso, deve abrir mão de seu médico para perder seu sofrimento.

1 Ver Ferenczi, "Introjection and Transfer," Contributions to Psychoanalysis, p. 30

A compreensão desse processo paralelo leva à questão real sobre o processo de cura, seu mecanismo e a técnica que deve ser usada nele. Ora, esses problemas só podem ser estudados a partir do próprio material e de sua análise detalhada, que pretendo publicar muito em breve.¹ Mas, de forma bastante resumida, gostaria de circunscrever a parte do Inconsciente, por um lado, e do conhecimento consciente, então muitas vezes incompreendido, por outro.

Devemos aqui especialmente nos proteger para não cair no "socratismo", corretamente criticado por Nietzsche, e constituir um perigo do qual o próprio Sócrates finalmente escapou apenas com esforço. Todos nós somos sempre muito "teóricos" e tendemos a pensar que o conhecimento por si só nos torna virtuosos. Não é o caso, como provou a psicanálise. O conhecimento é algo totalmente diferente do fator de cura. As profundezas do Inconsciente podem, de acordo com a própria natureza deste, ser alterado tão pouco quanto os outros órgãos necessários para a vida. O único resultado que podemos alcançar na Psicanálise é uma mudança de atitude do Ego para com o Inconsciente. Mas isso significa muito - na verdade, como mostra a história do desenvolvimento do homem, praticamente tudo. Pois a saúde psíquica e o poder de realização do homem dependem da relação de seu Ego com o Inconsciente.¹ Em homens normalmente eficientes, os vários elementos inibidores do Ego, que correspondem ao "daemon" socrático, estão em posição de manter o Inconsciente sob controle. condenação crítica e rejeição emocional moderada (consciência e sentimento de

culpa). Nas neuroses do tipo histérico, um meio mais forte, a saber, a ansiedade do trauma primário, deve ser repetidamente mobilizado, a fim de evitar que o Inconsciente recue à regressão o Ego que dele surgiu. Nas neuroses do tipo obsessivo, o mesmo efeito é obtido através da hipertrofia dos elementos do Ego; ao passo que nas psicoses temos diante de nós o terrível resultado que ocorre quando o Inconsciente se mostra muito poderoso e o Ego muito fraco. A esfera em que a Psicanálise pode ser terapêuticamente eficaz inclui todos aqueles casos em que se trata de regular a relação do Ego com o Inconsciente, que por meio de uma distribuição adequada da libido e da ansiedade, resulte uma relação harmoniosa que designamos como ajuste normal. Essa esfera abrange não apenas todos os distúrbios neuróticos e os estados iniciais das psicoses, ² mas também tudo o que se poderia denominar como “afetos secundários” psíquicos - isto é, conflitos sexuais - e, em certa medida, anormalidades de caráter. Assim, estão incluídos não apenas as perturbações grosseiras da relação entre o Ego e o Inconsciente, mas também uma série de perturbações funcionais mais sutis nessa relação.

1 Ver, por enquanto, “Zum Verständnis der Libidoentwicklung im Heilungsvorgang,” Zschr., Ix., 4, 1923.

1 Ver a última obra de Freud, *The Ego and the Id*, 1923.

2 Tenho a impressão de que, neste ponto, as possibilidades terapêuticas poderiam abrir as psicoses, pois os pontos de vista aqui explicados parecem oferecer a primeira indicação para uma operação terapêutica essencialmente simplificada e de efeito mais imediato. As neuroses dos homens simples e o conteúdo primitivo das psicoses obrigam a procurar também uma maneira mais simples de influenciá-los. Refiro-me aqui ao conhecido fato clínico, de que mulheres com doenças mentais freqüentemente apresentam melhora após o nascimento de um filho; mas também os casos inversos, as psicoses puerperais nos permitem reconhecer as conexões delineadas acima.

Levando em consideração a importância do trauma do nascimento, uma nova teoria de caráter e tipos pode ser formada que tem a vantagem sobre as tentativas existentes desse tipo de dar uma compreensão abrangente dos determinantes individuais e, conseqüentemente, a possibilidade de influenciá-los. .1 A esses tipos introvertidos e extrovertidos (os nomes originados por Jung) correspondem tipos semelhantes de caráter, que também podem ser derivados do trauma primário ou da reação a ele. O tipo de personagem introvertido parece agarrar-se às crianças fracas, delicadas e frágeis, que muitas vezes nascem cedo e, na maioria das vezes, têm um parto fácil, enquanto as crianças de nove meses e, portanto, principalmente as mais fortes, freqüentemente apresentam o tipo oposto de caráter. Isso é explicado pelo fato de que no primeiro, em consequência do trauma de nascimento relativamente leve, a ansiedade primária não é tão poderosa e a tendência de retrocesso tem menos resistência

oposta a ela; se esses seres humanos se tornam neuróticos, geralmente apresentam um caráter depressivo introvertido. O segundo tipo impele a ansiedade primal intensamente experimentada com força para fora, e eles tendem em suas neuroses a reproduzir menos a situação primária do que o próprio trauma do nascimento, contra o qual, em seu retrocesso, colidem violentamente.

1 Ver, por exemplo, Kretschmer, *Körperbau und Charakter*, 1921, ou Jung, *Psychological Types*, 1921.

Embora acreditemos ter alcançado as primeiras neuroses produtoras de traumas, devemos ter cuidado para não cair em um erro que a Psicanálise, por meio das claras observações e pensamentos de Freud, tem evitado repetidamente. Assim como o primeiro "trauma", que se tendia a responsabilizar pelos sintomas neuróticos, provou ser uma experiência normal humana universal e, finalmente, o núcleo analiticamente descoberto de neuroses, o complexo de Édipo, foi reconhecido como a atitude normal típica da criança e do homem civilizado, também é o último trauma analiticamente compreensível, o trauma do nascimento, a experiência humana mais universal. Disto, o processo de desenvolvimento do indivíduo e da humanidade deve ser derivado e explicado da forma já descrita. Obviamente não é mera coincidência que, repetidas vezes, assim que pensamos ter encontrado a chave para a compreensão das neuroses, isso se transforma em nossas mãos em um instrumento que parece ainda mais adequado para desbloquear a psicologia até então desconhecida de o normal. Assim, o trabalho principal de Freud pode ser explicado como significando realmente a primeira compreensão dos fenômenos psicológicos normais (sonho, humor, vida cotidiana, teoria sexual), a criação da primeira psicologia geral, que certamente foi obtida de material patológico e, de fato, por meios de método e técnica psicanalítica em geral. E, portanto, gostaríamos de considerar nossos argumentos relativos à importância do trauma do nascimento para a psicanálise apenas como uma contribuição para a estrutura freudiana da psicologia normal, na melhor das hipóteses como um de seus pilares. Ao mesmo tempo, temos certeza de ter promovido consideravelmente a doutrina das neuroses - incluindo sua terapia.

Mas queremos deixar bem claro para nós mesmos até que ponto isso foi bem-sucedido, porque disso depende o curso posterior que a investigação deve seguir. Acreditamos ter conseguido reconhecer todas as formas e sintomas de neurose como expressões de uma regressão do estágio de ajustamento sexual ao estado primitivo pré-natal, ou à situação de nascimento, que deve ser assim superada. Para a compreensão médica e para a intervenção

terapêutica, este insight não deve ser subestimado, embora em referência à teoria da neurose possa ter permanecido insatisfatório, no sentido indicado acima, uma vez que traça o que é específico no caso, ou no sintoma. formação, a algo tão universal como o trauma do nascimento. Por outro lado, dentro do trauma do nascimento, há espaço e sobra para influências hereditárias do plasma germinativo como também para peculiaridades individuais acidentais do parto. No entanto, nosso conceito tenta substituir a teoria dos diferentes locais de fixação, que deveriam determinar a escolha da neurose, por uma lesão traumática (produzindo várias formas de reações) em um único local de fixação, a saber, a mãe (parto). Existe, então, de acordo com nossa visão, apenas um local de fixação, a saber, o corpo materno, e todos os sintomas, em última análise, se relacionam com essa fixação primária, que nos é dada no fato psicobiológico de nosso Inconsciente. Nesse sentido, acreditamos ter descoberto no trauma do nascimento o trauma primordial. Não há, portanto, necessidade de determinar o "trauma patogênico" em casos únicos pelo longo caminho de investigação analítica, mas apenas para reconhecer o trauma de nascimento específico na reprodução e demonstrá-lo ao Ego adulto do paciente como uma fixação infantil. Na reprodução, o mecanismo consolador eficaz no trauma do parto (mais conhecido pelo sonho do exame: "também naquela época acabou bem!") Fornece um fator de cura que não deve ser subestimado e que justifica otimismo na esfera terapêutica. Embora nossa nova compreensão da essência e do caráter do Inconsciente (o It) tenha uma vantagem eminentemente prática, devemos admitir, com relação à doutrina da neurose, que a partir desse ponto a teoria da neurose ainda não se desenvolveu. Mas, antes de tudo, reconhecemos as neuroses em todas as suas múltiplas formas como reproduções e reações ao trauma do nascimento, e isso nos dá a base para a adaptação cultural normal, bem como para todas as realizações superiores do homem. Aqui, voltamos à declaração inicial de Freud de que as psiconeuroses não são realmente doenças no sentido médico estrito da palavra, ¹ mas paralisações no processo de ajustamento sexual. Eles representam tentativas de superar o trauma do nascimento, embora as tentativas tenham falhado. No ajustamento cultural, com todas as suas difíceis realizações normais e supranormais, testemunhamos várias tentativas amplamente bem-sucedidas de superar o trauma do nascimento, entre as mais bem-sucedidas devemos contar com a Psicanálise - e de forma alguma apenas em sua aplicação terapêutica.

Em última instância, então, o problema da neurose se reduz a um problema de forma. Pois vemos no ajustamento biológico da criança à situação extrauterina, no ajustamento normal do homem civilizado, bem como em suas superproduções compensatórias de arte (no sentido mais amplo), o mesmo esforço para superar o trauma do nascimento encenado em formas semelhantes, a única diferença essencial é que o ser humano civilizado e ainda mais o "artista" pode reproduzir isso objetivamente em formas múltiplas e estritamente determinadas, fixadas pelo trauma primordial, enquanto o neurótico é compelido repetidamente a produzi-lo apenas de maneira semelhante. em seu próprio corpo.² Mas a essência da maioria dos processos patológicos parece repousar nesse compulsivo "retorno do mesmo" produto ao próprio corpo. O neurótico é jogado de volta repetidamente para o trauma do nascimento real, enquanto o normal e o sobrenatural o jogam, por assim dizer, para a frente e projetam-no para fora, e assim são capazes de objetificá-lo.

1 Afirmação que Jung pôde confirmar para as psicoses, que, segundo ele, lutam com os mesmos “complexos” que o indivíduo normal domina.

2 Ver a citação de Ferenczi da concepção freudiana de um estágio autoplástico.

Para concluir, daremos um breve relato da maneira como trabalhamos terapeuticamente e em que consiste o fator de cura. Assim, devemos mais uma vez aceitar o conhecimento analítico e o caminho para ele, como algo já dado. A análise está agora em condições de se libertar em grande medida do trabalho de investigação, uma vez que sabemos desde o início não apenas todo o conteúdo do Inconsciente e dos mecanismos psíquicos, mas também o que por enquanto é o elemento final, o trauma primário. Como o paciente, via de regra, começa com uma transferência, é tecnicamente possível começar com a revelação do trauma primário, em vez de dar ao paciente tempo para repeti-lo automaticamente no final da análise. Por este método, a pessoa é capaz de cortar o nó górdio da repressão primordial com um corte poderoso, em vez de se preocupar laboriosamente para desamarrá-lo - um processo que é bem-sucedido com grande dificuldade, uma vez que cada pedaço de desamarramento de um lado atrai os nós tanto a mais firmemente juntos do outro. Após a revelação de sua fundação, a reconstrução da história da infância prossegue sem problemas de acordo com seu plano claramente delineado, por assim dizer, de sua base para cima, onde também a memória, que foi reprimida com o trauma primordial, aparece em cena. Trata-se, assim, de permitir ao paciente, que em sua neurose fugiu de volta para a fixação materna, repetir e compreender o trauma do parto e sua solução durante a análise na transferência, sem permitir-lhe a reprodução inconsciente do mesmo em. a separação do analista. A enorme vantagem terapêutica que se obtém com a revelação da fixação primária no momento certo é que, ao final da análise, em vez da reprodução do trauma do nascimento, pode-se obter em forma pura os conflitos sexuais dos quais o paciente fugiu (complexo de Édipo, etc.) e o sentimento de culpa (em vez de ansiedade) que lhes pertence; e, portanto, pode-se resolvê-los sem ser perturbado pelo mecanismo de regressão. O meio para esse fim é a identificação com o analista decorrente da transferência. Por meio do elemento libidinal na identificação, o paciente aprende a superar a ansiedade por meio do lado sexual da transferência. Assim, finalmente, na terapia, a compulsão à repetição (reprodução) do trauma primário ou da situação primária é removida, na medida em que a direção da libido é alterada no sentido de uma luta por ajustamento.

Tudo isso resulta por meio da técnica de associação e de interpretação, desenvolvida por Freud, por meio da qual utilizamos o nosso próprio Inconsciente como principal via que conduz ao Inconsciente do paciente.¹ É o único meio pelo qual podemos operar sua libido. Desse modo, permitimos a ele, por assim dizer, temporariamente, uma restauração de longo alcance da situação primitiva, na medida em que impelimos seu Inconsciente a isso por "privação" (Freud), a fim de, então, imediatamente convencer seu Ego consciente da impossibilidade e objetabilidade deste objetivo; mostramos o caráter infantil dessa tendência, em vez de permitir que ela seja desencorajada por contínuas produções de ansiedade. O meio técnico mais importante, a separação do objeto substituto da libido, o analista, não é meramente empregado no auge do desdobramento da transferência pela fixação irrevogável da terminação, mas entra em ação de maneira totalmente automática desde o início. Não só o paciente está sempre consciente de que a cura um dia deve terminar, mas cada hora exige dele a repetição em miniatura da fixação e separação, até que finalmente esteja na posição de realizá-la. Além disso, o analista é colocado diante dele como o mestre do aluno, e o paciente, como o aluno, só pode aprender identificando-se com o professor, ou seja, aceitando a atitude do analista para com o Inconsciente e assumindo ele como um ideal do Ego. Isso nos leva ao problema da transferência do pai, cuja importância para a técnica analítica é justificada por sua função terapêutica. O paciente deve aprender no decorrer da análise até agora a resolver a repressão primária, agarrando-se à mãe, por meio da "transferência" que ele é capaz de transferi-la para um objeto substituto real, sem levar consigo a repressão primária. Essa tentativa, que ocorre automaticamente no desenvolvimento normal com mais ou menos sucesso, o neurótico, com o auxílio de forças conscientes, deve fazer na análise, na qual, por todos os meios de tornar conscientes suas tendências regressivas inconscientes, apelamos para sua Ego consciente para fortalecê-lo contra o Inconsciente opressor.

1 Comparação de Freud do receptor (Coll. Papers, vol. li., P. 328).

Percebemos nesse processo que o paciente finalmente não tem mais nada a fazer do que complementar uma parte de seu desenvolvimento que foi negligenciada ou faltou (o que Freud chama de reeducação). E a parte em questão é aquela fase do desenvolvimento social e humano que, por um lado, se torna necessária e, por outro, se torna mais difícil pelo trauma do nascimento, a saber, o desligamento da fixação materna pela transferência da libido ao pai ("princípio masculino" de Bachofen). Expresso analiticamente, é a fase anterior ao desenvolvimento do complexo de Édipo. Contra essa reeducação, o Inconsciente do paciente se defende por meio da resistência à libido, desejando do analista a plena gratificação da libido materna, seja na repetição heterossexual ou homossexual da situação edípica. O fato de seu Ego estar em posição, por meio da identificação com o analista, de superar na transferência essas tendências libidinais reais, bem como as tendências maternas regressivas, pode ser explicado pelo fato de que seu Ego desde o início foi criado e desenvolvido a partir do Inconsciente para esta tarefa especial. Na análise, esse meio normal de ajuda ao desenvolvimento é finalmente fortalecido por meio da modificação consciente, e o fato de sua identificação com o analista é, em última análise, tornado consciente para o paciente, tornando-o assim independente do analista.

Se, no final, tivermos de recorrer a algo tão fraco como a consciência em busca de apoio, ainda podemos nos consolar com as seguintes reflexões. Embora a consciência seja apenas uma arma fraca, é a única acessível a nós na luta contra a neurose. A ancoragem psíquica na consciência da percepção da ansiedade no parto atua biologicamente como um meio terapêutico contra a tendência de retrocesso e determina, como tentamos mostrar, o processo real de se tornar um ser humano. E a consciência é a característica humana por excelência. Não deveria, então, a remoção, pela análise, da repressão primitiva e sua ancoragem na consciência ser suficientes para fazer o neurótico crescer no mesmo grau limitado alcançado pelo ser humano civilizado comum, que ainda hoje está apenas no "curto roupas" palco? Pois o neurótico só permaneceu fixo no trauma do nascimento um pouco mais cedo do que a maioria das pessoas, e tudo o que podemos pedir à psicoterapia é que ela o leve até o estágio de "roupas curtas", no qual a maior parte da humanidade permanece até este dia.